O DESENHO DO PERCURSO

PERCURSOS PEDESTRES EXISTESTES

"A identidade existe e é inerente aos lugares, isto é, faz parte da realidade de cada lugar que nos é dado a descobrir. Mas a identidade de um lugar, fenómeno aparentemente subjectivo (…) é um fenómeno muito mais complexo pois constrói-se com tempo, com gente, com natureza, com transformação, como um processo geológico. (…) O espaço arquitectónico, o espaço da paisagem e os espaços naturais, são as grandes categorias de elementos que estruturam a identidade dos lugares. E são estes espaços que procuramos incessantemente como experiências novas, como objecto das nossas deambulações, como itinerários." João Gomes da Silva[44]

Ao propor a implementação de um novo percurso pedestre, ao longo do rio Tejo, entre Constância e Vila Velha de Rodão, procedeu-se a um levantamento de todos os percursos pedestres existentes nas suas margens, ao longo deste troço. Foram encontrados doze percursos, distribuídos pelos municípios de Abrantes, Gavião, Nisa e Vila Velha de Rodão. Estes encontram-se identificados e sinalizados, de acordo com as normas da Federação de Montanhismo e Campismo de Portugal: a sua sinalização, passa pela utilização de uma sinalética internacionalmente reconhecida, que serve para indicar e balizar cada percurso, esta é feita, através da aplicação de umas marcas de tinta reflectoras, sobre uma superfície visível - amarelas e vermelhas, para os percursos de Pequena Rota (PR) e brancas e vermelhas, para os percursos de Grande Rota (GR)[45].

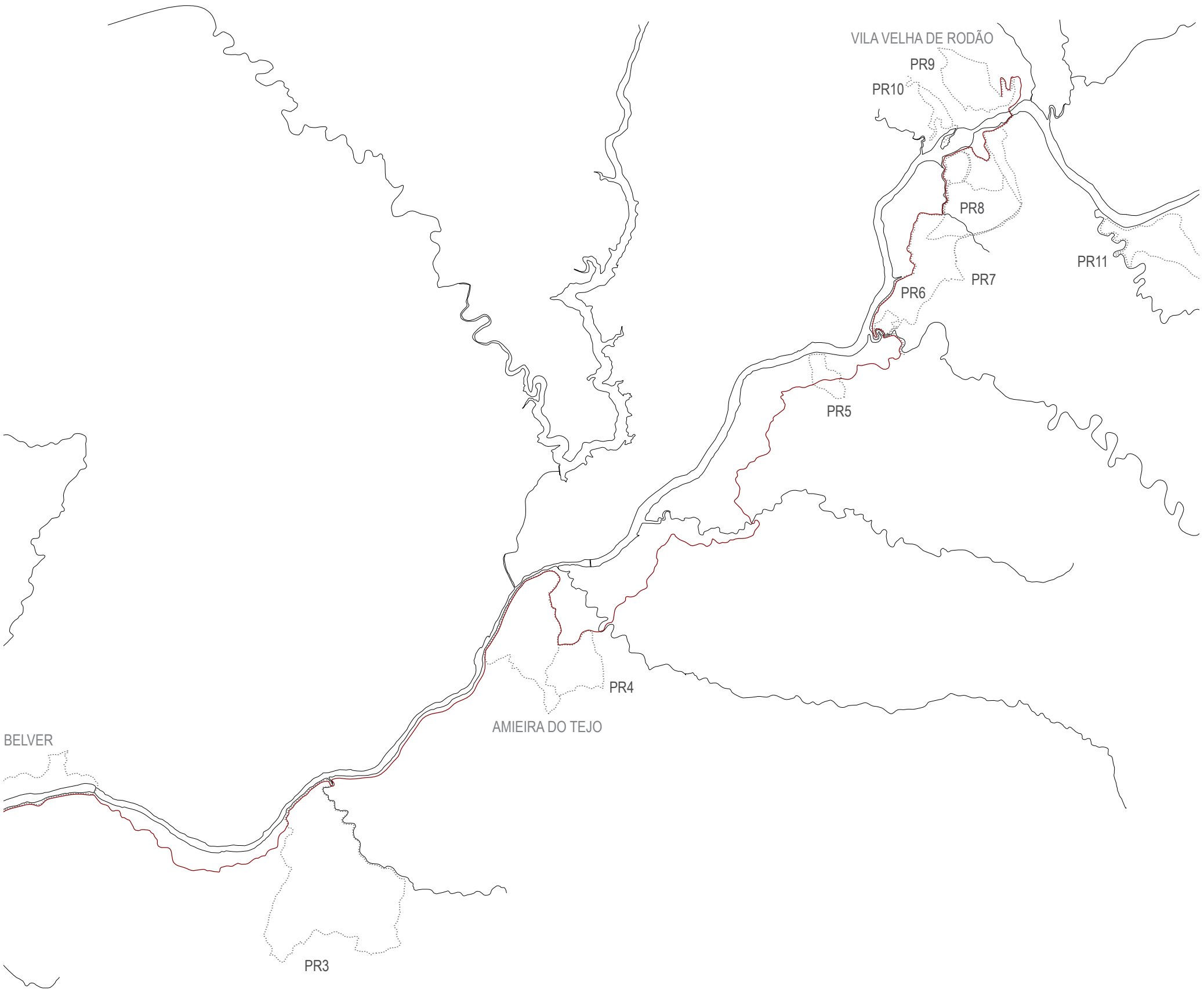
A maioria destes percursos são de Pequena Rota, e apenas dois, são de Grande Rota; todos eles são circulares, sendo o seu ponto de início o mesmo que o de chegada. Todos variam em distâncias, possuindo diferentes graus de dificuldade, estes são atribuídos, consoante as características morfológicas do território que atravessam: trilhos sinuosos, subidas e descidas abruptas, acessibilidades, distâncias e duração do percurso, entre outras. Cada percurso tem um tema próprio, que nos leva a descobrir e a conhecer, alguns aspetos das regiões que atravessam; estes são variados, podem ser direcionados à observação da paisagem em termos de fauna e flora, como para o conhecimento da história e das vivências do lugar. O tempo de duração de cada um, é apenas uma estimativa, que varia com o ritmo de cada um, empregue ao percorrê-lo.

Fig. 301
Percursos Pedestres existentes ao longo das margens do Tejo

- Início/fim dos percursos pedestres

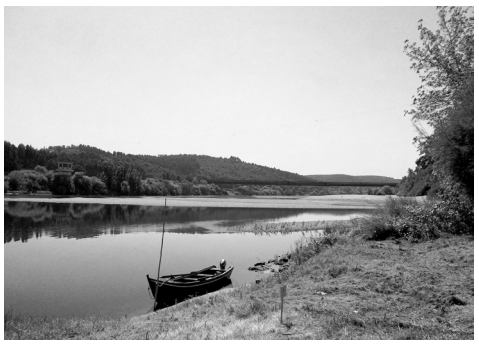
[44]GOMES DA SILVA, João. O Viajante. In Jornal Arquitectos. nº 227, 2007 ISSN p. 32
[45]São considerados percursos de Pequena Rota (PR) os inferiores a 30Km e os de Grande Rota (GR) os superiores a esta distância.


CONSTÂNCIA
ABRANTES
PR1
GR1

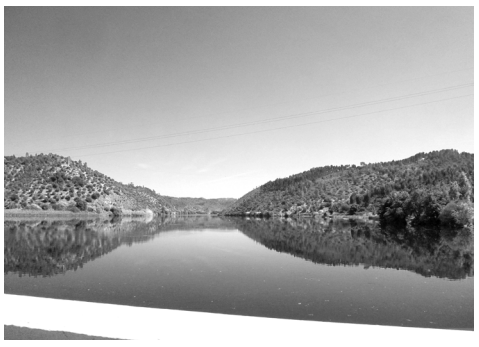

VILA VELHA DE RODÃO
PR9
PR10
PR8
PR11
PR7
PR6
PR5
PR4
AMIEIRA DO TEJO
BELVER
PR3
Percursos Existentes
Percurso Proposto
N


BOA
VIAGEM



















023/04
BOA.VIDA



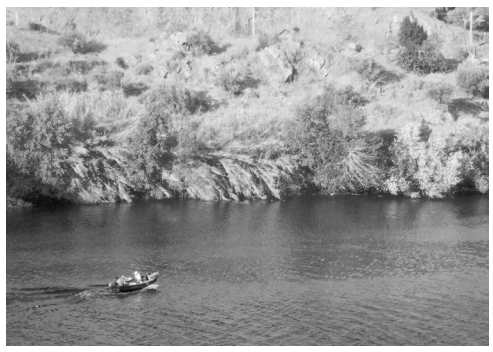










EMPREZA INDUSTRIAL
PORTUGUEZA
LISBOA
E Nº 41633
1905


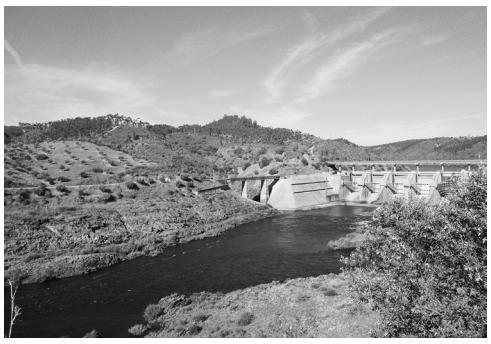
















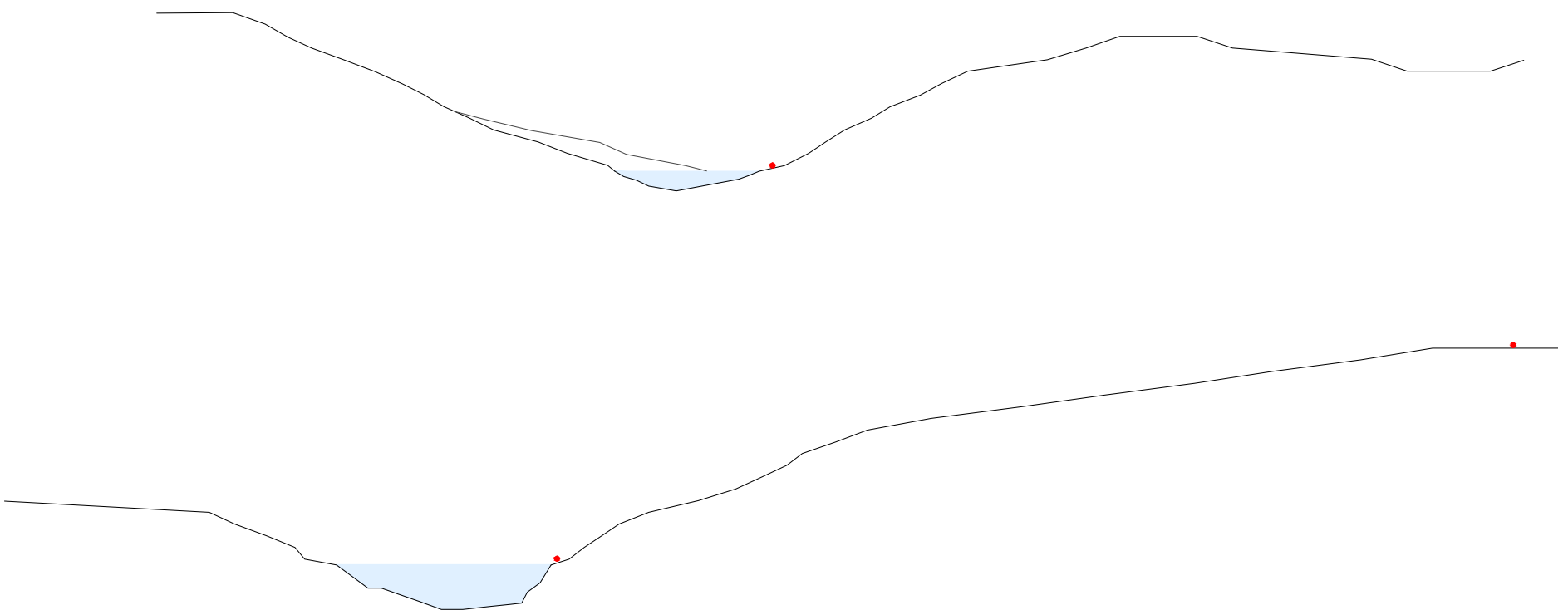


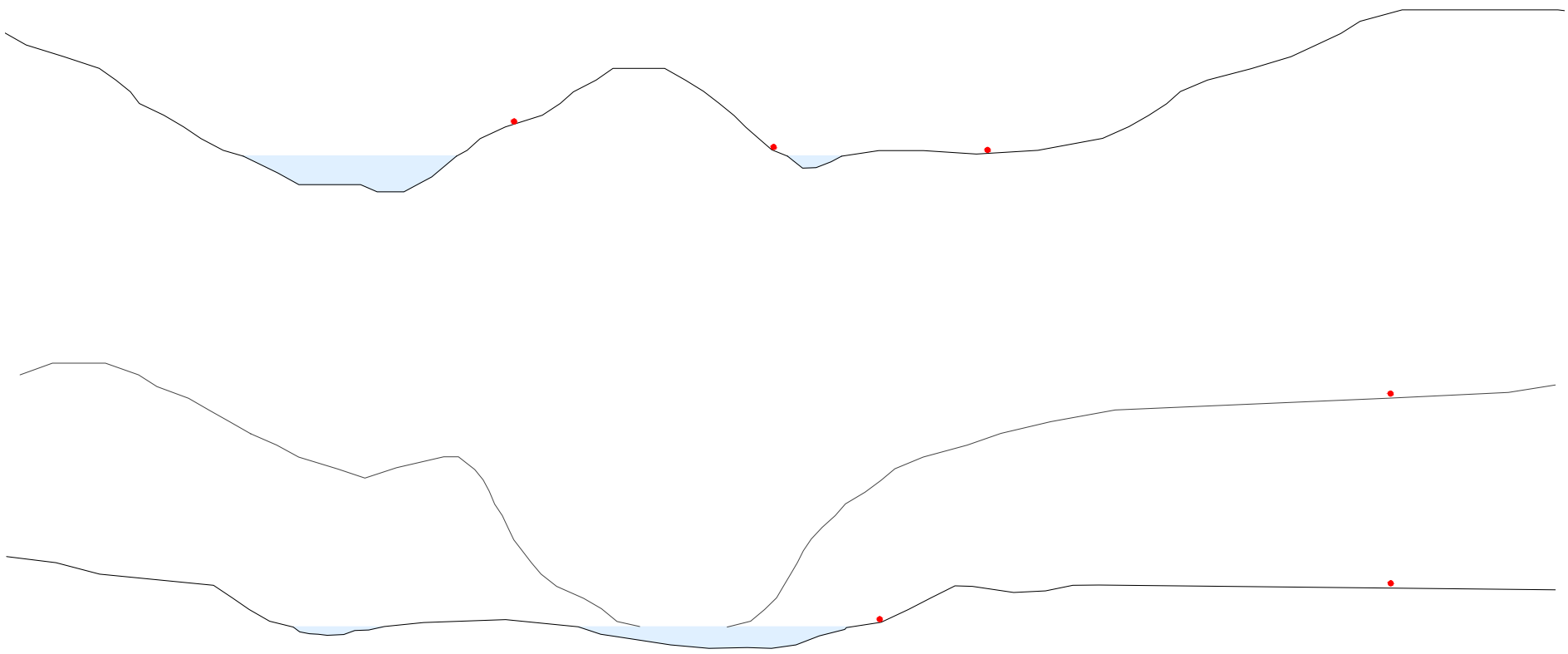










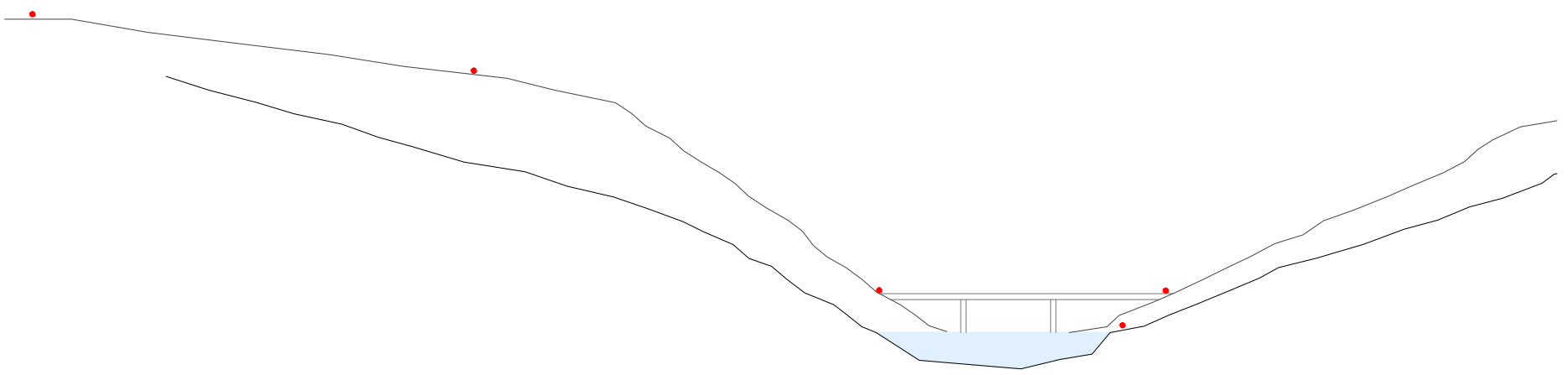


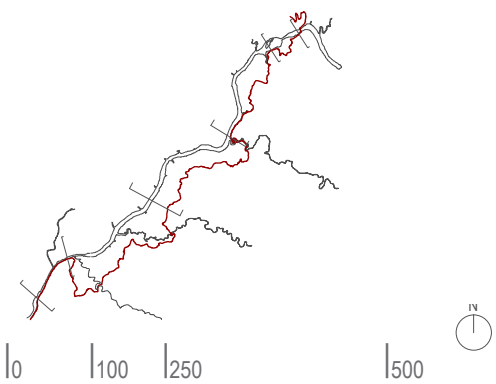







Fig. 382 | 388
As diferentes identidades que o percurso assume
Cortes do vale do Tejo entre a Amieira de Roão e a relação do percurso proposto com o território que atravessa

Fig. 383
Cortes do Vale do Tejo entre a Amieira e Vila Velha de Rodão, que mostram as diferentes relações do percurso proposto com o território que atravessa



"O mundo torna-se um imenso território estético, uma enorme tela a qual se desenha através do caminhar. Um suporte que não é uma folha branca, mas um intrincado desenho de sedimentos históricos e geológicos sobre os quais simplesmente se acrescenta um novo." Francesco Careri[46]

O percurso pedestre proposto, sugere uma nova forma de habitar a paisagem, e de relacionar todo este território. A implementação de uma estrada, ou de um caminho, é uma das formas mais simples que o homem possui para marcar um território; quer o percorra de carro, ou a pé, quer seja, entre muros e vedações, neles estamos limitados àquilo que vemos e à maneira de como vemos. Ainda que mais adiante neste trabalho, surjam outras possibilidades de percorrer o território, é nos diversos caminhos e estradas, que se estendem sobre ele, que o desenho deste percurso se irá focar. Estes caminhos, que ligam povoações e marcam a paisagem, traçam infindáveis possibilidades, de percorrer e ver o espaço; então levanta-se uma outra questão, quais os caminhos a escolher para a implementação do percurso, e quais são essenciais, para a percepção deste território. Mais do que procurar um trajecto rápido, ou o mais fácil, procurou-se antes descobrir, os caminhos com mais história, com mais interesse a nível paisagístico e cultural, e que contribuam para o real conhecimento destas regiões.

Através de mapas antigos, e das cartas miliares, foi possível analisar e identificar, os caminhos mais antigos e a forma de como estas foram surgindo no território. A partir desta informação, fizeram-se algumas viagens para a consolidação do trajecto do percurso, depois dos mapas e da cartografia, foi a fotografia e o caderno de desenho, que se tornaram as ferramentas de trabalho essenciais, para o desenho da proposta. Ao desenhar o percurso foi importante ter em consciência, os percursos que já existiam, e o próprio movimento do corpo, no espaço que atravessava; perceber o ponto de partida e o de chegada e o que se vê entre eles, decidir o que se quer mostrar, como se quer mostrar e dar a conhecer; e isso só foi possível, desenhando e percorrendo a região, e assim que traçou-se o percurso. Este desenhou-se como uma linha, que tudo unifica: como já foi referido, ele decorre sempre paralelamente ao curso do Tejo, e ao longo deste, interceta os percursos pedestres existentes, integrando-os em rede e permitindo, a possibilidade de realizar esses percursos, que mostram outras partes do território, adjacentes ao rio. Sempre que possível este segue nas margens do rio, transitando entre uma e outra; sendo que em certos momentos, devido à morfologia do território ou pela presença de obstáculos como as barragens, este se afasta das suas margens e segue por entre os vales, as encostas e linhas de festo até encontrar novamente o rio, assumindo assim, diferentes pontos de vista e passando por diferentes momentos de paisagem.

O percurso proposto, assim como os existentes, assumem diferentes identidades no seu decurso: tanto são vias secundárias de terra batida, que transitam por entre, muros de pedra ou vedações de arame, como adotam percursos de pé-posto, não possuindo uma estrutura definida e sendo ladeados - e muitas vezes dominados - pela vegetação; adquirem por vezes a materialidade da madeira e da pedra, ao atravessar o passadiço de madeira de Belver ou o muro de sirga na Amieira.Ao atravessar as aldeias e vilas, este assume a materialidade presente no espaço – como a do passeio ou a da estrada. Este percurso, é reconhecido através da sinalética já referida, e através do próprio ato de caminhar que se traça um novo trilho; esta é a intervenção, o gesto que se deixa na paisagem. Identifica-se como um percurso de Grande Rota (GR), possuindo aproximadamente cerca de 90Km; nele o tempo não é calculado, podendo ser percorrido em dias, ou semanas, consoante o viajante e a experiência que se pretende.

Na compreensão deste vasto território que se propõem percorrer, surgiu a necessidade de o dotar com equipamentos, que suportem e complementem a sua experiência, e sirvam de apoio aos viajantes. A essência deste percurso e das infra-estruturas propostas, passa pelo entendimento do território como um todo, e não como uma base, onde se dispersem os diversos elementos. Não surge como um percurso isolado como os que já existem ao longo do Tejo, mas antes, como um percurso que tudo articula e seja a o encontro mais próximo com a história e com as pessoas, que habitam as margens do rio; permita um olhar mais atento e reflexivo, para as mutações a que a paisagem foi sujeita; que seja o encontro entre os diferentes tempos que constituem o território.

"Curiosamente, a identidade do território mantem-se sempre presente: se tivermos olhos para ver conseguimos descobrir aspetos escondidos que remetem para essa identidade territorial (…). De facto, os edifícios podem ser destruídos ou desaparecer, mas se há alguma coisa que nunca desaparece são os vestígios estruturais que se acumulam sobre o território (…)" (Carrilho da Graça, 2015)[47]

[46]ibidem, p. 133
[47]ibidem, p. 32

PLANTA

DO

RIO TEJO

DESDE

O PORTO DE VILLA VELHA

até

AO PORTO DA AMIEIRA

Para servir aos estudos do mesmo Rio

DIRIGIDOS

Pelo Brigadeiro Graduado d' Engenheria

Manoel José Julio Guerra

ESCALA 1:20000

0 500 1000 1500 2000 2500 3000 Metros



PORTO DE VILLA


1K
2K
3K
4K
5K
6K
7K
8K
9K
10K.
11K.
Ribeira de Villa Ruiva
Ribeira do Reposeo
Ribeira de Villa Ruiva
Pico de Roberto Ruiva
Pico das Virtudes
Pico da Cutellaria
Pico da Barca
Pico do Ourinho
Pico do Meio
Varzea do Mocho
Barreiro de Villa Ruiva
Barreiro de Roberto Ruiva
Barreiro de Villa Ruiva
Barreiro de Roberto Ruiva
Barreiro de Mocho

MEM
MARTINS
PALHOTA
VALE DA
BEZERRA
VILAR DE BOI
NAVES
PEROLEDO
VALE
CANHESTRO
FRATEL
CAREPA
VERMUM
PADRÃO
JUNCAL
RISCADA
CHÃO DA
VELHA
ZIMBREIRA
SILVEIRA
BARRAGEM
BARRAGEM
DA PRACANA
GARDETE
BARRAGEM
DO FRATEL
MONTE DOS
MATOS
ALBARROL
FALAGUEIRA
MONTE
CLARO
BARCA DA AMIEIRA

VILA
VELHA DE
RODÃO

PORTO DO
TEJO

VILAS
RUIVAS

MONTE DO
ARNEIRO

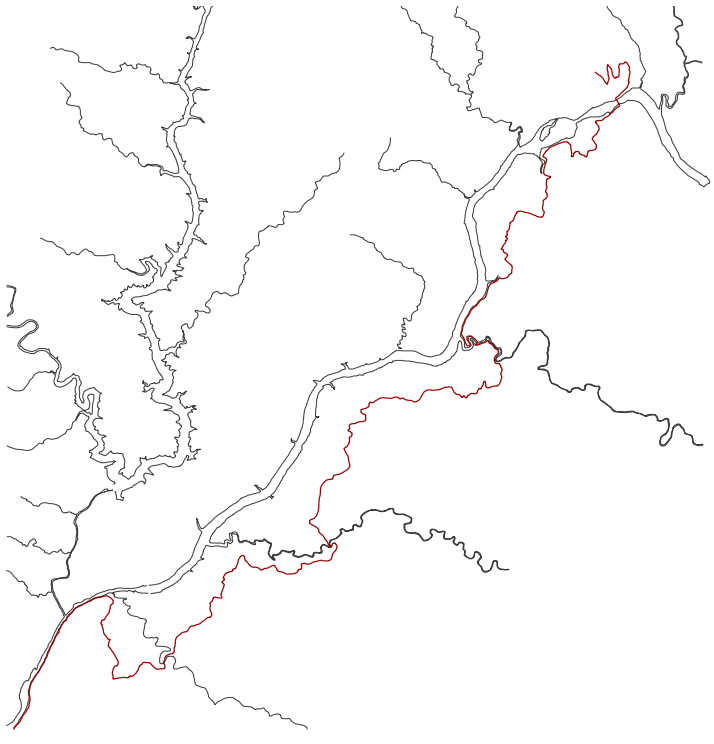
ANTANA

MONTE DO
PARDO

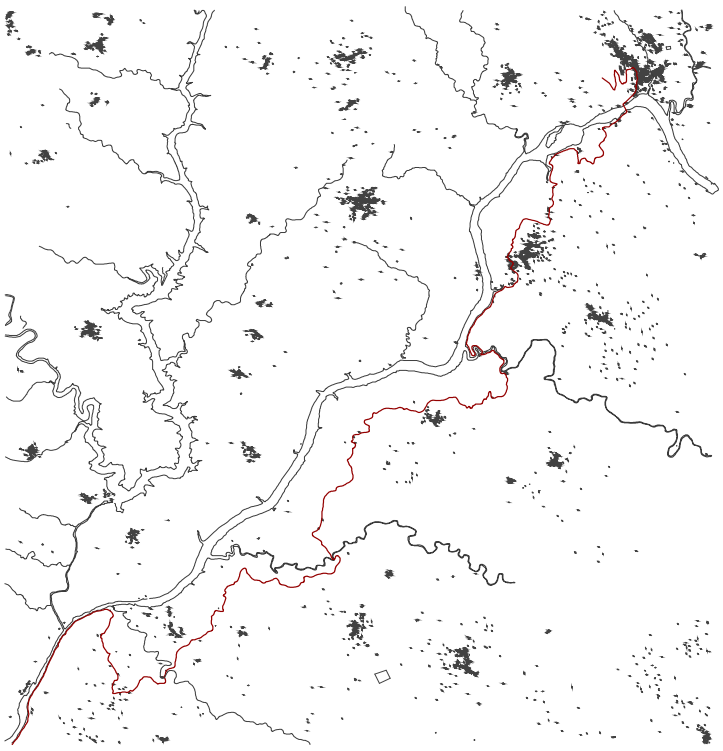
VELADA

HEIRO

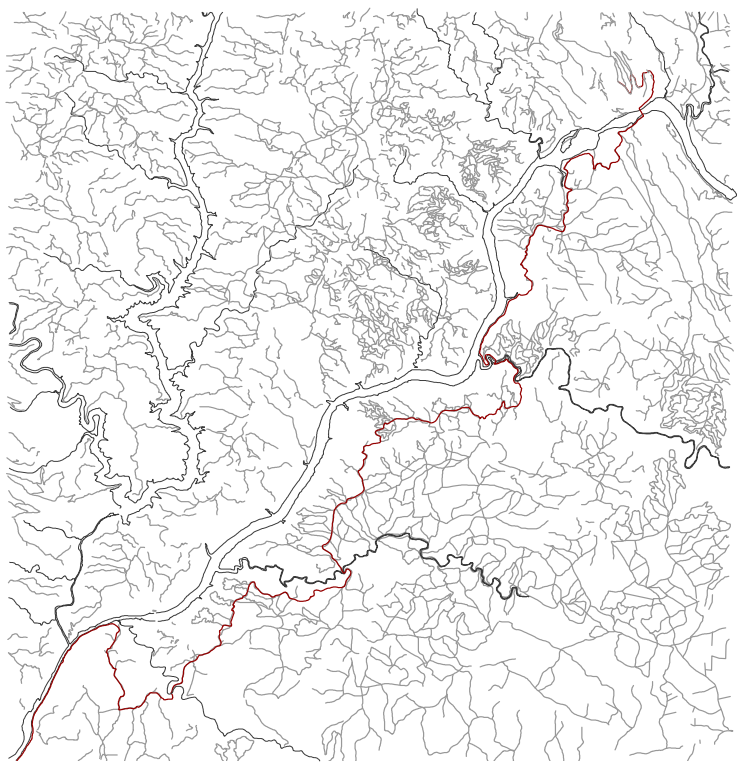
ESQUEMA GERAL DE ACESSIBLIDADES E AGLOMERADOS URBANOS



O rio Tejo e afluentes



Aglomerados Urbanos



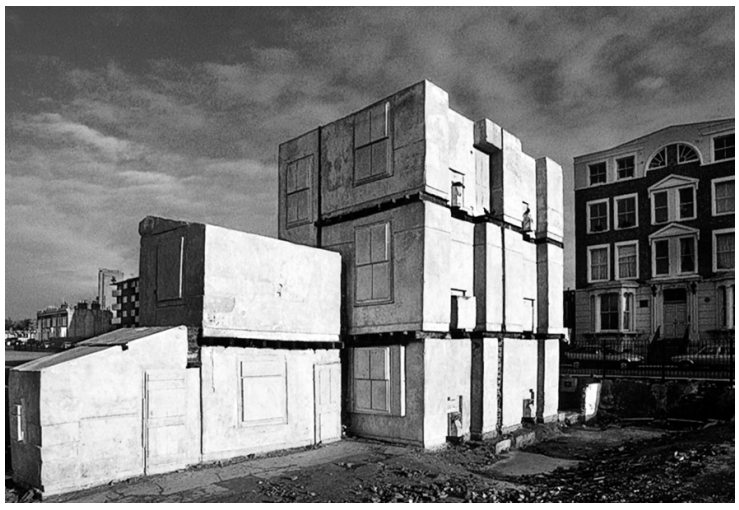
Os Itenerários Secundários

Percurso Proposto
Linha Ferroviária
Itenerários Principais
Itenerários Secundários
Povoações
Vértices Geodésicos

0 100 500 1000 2000

N













"Fragmentos de espaços e tempos, restos de épocas e locais onde apenas habitam memórias e fantasmas. Vestígios de coisas sobre as quais o tempo, os elementos, a natureza, e a própria acção humana modificaram e modificam. Com o tempo tudo deixa de ser, transformando-se eventualmente numa outra coisa. Lugares que deixaram de fazer sentido, de serem necessários, (…). Lugares esquecidos, obsoletos, inóspitos, vazios. Não interessa aqui explicar porque foram criados e existiram, nem as razões porque se abandonaram ou foram transformados. Apenas se promove uma ideia, talvez poética, sobre algo que foi e é parte da(s) história(s) deste País" Manuel Mozos[48]

A partir das margens em Constância, assistimos a uma paisagem cada vez menos marcada pela presença de povoações junto ao rio, e entramos cada vez mais, num Portugal interior. A partir da Barragem de Belver, assistimos à passagem do Tejo por entre os vales estreitos e declivosos; a topografia rigorosa desta região dificultou os acessos ao rio e impediu a fixação de novos povoamentos, no entanto, esta tornou-se proveitosa para a preservação da paisagem, e propícia ao cultivo de algumas culturas, como o olival. É por entre estes campos agrícolas que povoam as encostas, e nos pequenos ribeiros que se juntam ao Tejo, que vislumbramos a presença de inúmeros espaços que foram ficando para trás no desenvolvimento da história do país, ficando esquecidos na paisagem. São antigas construções vernaculares em xisto - abandonadas e em ruínas - que preservam a memória de um passado rural gerado em torno do rio; outrora habitadas, tornaram-se inóspitas, algumas persistem quase intocadas pelo tempo, e de outras, apenas restam algumas das suas paredes estruturais, ou a memória do local onde se estabeleciam.

Estas construções, agora ruínas, são memórias que acompanham a história ficando à margem do presente; vão sendo transformadas pela ação do tempo, estando os elementos que as compõem em constante mutação até se extinguirem; algumas invadidas pela natureza, fundem-se agora no tom geral da paisagem, fazendo parte dela.

"As ruínas incrementam na natureza algo que ainda é história mas que ainda é temporal. Não há paisagem sem olhar, sem a consciência da paisagem. A paisagem das ruínas, que não reproduz integralmente nenhum passado e que, desde o ponto de vista intelectual, faz alusão a múltiplos passados e é, de certo modo metonímico, propõe ao olhar e à consciência a dupla evidência de uma função perdida e de uma actualidade inoportuna. É uma paisagem que impõem à natureza um símbolo temporário e, como resposta, a natureza acaba por eliminar o seu carácter histórico, proporcionando-o para a intemporalidade" (Augé, 2003)[49]

As ruínas são como documentos físicos, que sustentam a memória do passado, e a identidade local ou de uma dada região. São fragmentos de tempo, que permitem recordar e idealizar, a vivência que se gerou em trono dela. John Ruskin[50] afirmava que a arquitetura, era o principal veículo de identificação e preservação da memória, "podemos viver sem ela e podemos idolatrá-la, mas não podemos lembrar sem ela" (Ruskin, 1903)[51]. Enquanto objetos arquitetónicos, a sua constante transformação face às intempéries e ao estado de abandono, permitem serem ocupadas com novas funções, distintas daquelas para as quais foram pensadas, como refere Marc Augé, "somente as ruínas devido à sua materialização da memória, permitem escapar desta deceção: não são a recordação de nada, mas oferecem-se a quem recorre a um passado que tinha sido perdido de vista, que teria sido esquecido, e que ainda fora capaz de dizer algo. Um passado para o qual o observador sobrevive" (Augé, 2003)[52].

No entanto estes espaços não são eternos, para que sobrevivam à passagem do tempo, tem que ser preservados, pois "após o seu desaparecimento será como se séculos de história nunca tivessem existido e todo um conjunto de saberes se apagasse" (Flores, 2011)[53]. Das inúmeras ruínas existentes, dispersas pelo território, apenas se irão utilizar algumas, para a inserção do programa que irá suplementar o percurso proposto, os abrigos. As restantes permanecem na paisagem, continuando a existir no presente e no futuro, em ruínas.

[48]MOZOS, Manuel. Ruínas [Registo vídeo]. Lisboa: O Som e a Fúria, 2009. 1 DVD vídeo (60 min.): cor.
[49]AUGÉ, Marc. El Tiempo en Ruinas. Trad. Tomás Fernández Aúz; Beatriz Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003. Tít. Orig.: Le Temps en Ruins. p.47.
[50]John Ruskin (1819-1900) foi escritor, crítico de arte e arquitetura.
[51]RUSKIN, John. The Lamp Of Memory. In The Seven Lamps of Architecture. London: George Allen, 1903. p.178.
[52]Ibidem, p.83.
[53]FLORES, Fernando. Vidas & Memórias [Em linha]. [Consult. 22 Out. 2014]. Disponível na internet:< URL: http://www.fratel.com/24/index.php?option=com_content&view=article&id=187:vidas-a-memorias&catid=48:slideshow&Itemid=44 .

Fig. 390 | 395
Nas distintas formas de preservar a memória de um dado local, ou a preservação/reabilitação de um espaço, as abordagens dirigidas tanto por arquitectos, como por artistas, multiplicam-se: observamos intervenções onde a memória de um local, é preservada através da recriação dos espaços que existiam, como demonstra a obra do artista Aberto Burri em Gibelina; ou a reprodução de um molde, de algo que deixará de existir num dado momento, como representa a obra House, de Rachel Whiteread. Em arquiteura o uso de ruínas, como ponto de partida para uma nova intervenção, é um gesto que possibilita a continuidade no presente dessas ruínas dando-lhes um novo significado. Algumas formas de as integrar, nos novos projectos, podem passar por usá-las enquanto molde ou involucro, onde a nova intervenção se insere – o caso dos projectos dos ateliers SAMI e Naumann Architektur; ou ainda o uso combinado das ruínas e da nova intervenção, como forma de consolidação e preservação, gerando uma nova identidade e continuidade entre passado e a contemporaneidade, como demonstram os projetos do Teatro Thalia e House.

Grande Cretto . Alberto Burri . Gibelina,1968
House . Rachel Whiteread . Londres, 1993
Casa E/C . SAMI Arquitectos, Ilha do Pico, 2013
Showroom .Naumann Architektur . Alemanha, 2003
Teatro Thalia . Gonçalo Byrne arquitectos e Barbas Lopes arquitectos . Lisboa, 2012
House . Buchner Brunder Architekten . Suiça











24-1-941



















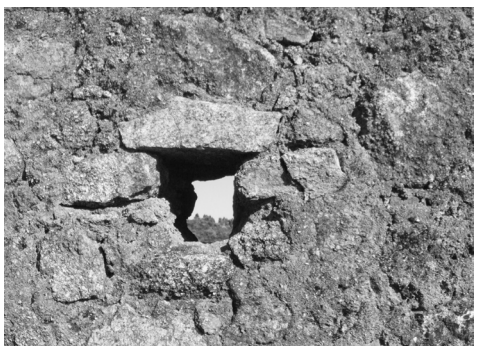










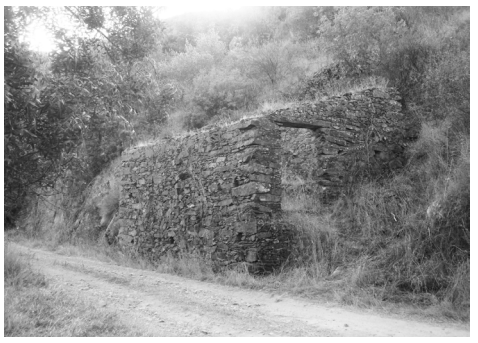






































ABRIGOS

''Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complementos e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura contemporânea, dizemos nós"
Álvaro Siza Viera[54]

O princípio basilar destas intervenções, passa por não adicionar novas construções à paisagem e utilizar, as pré-existências que subsistem no território. Pretende-se reativar estes testemunhos vernaculares, característicos das praticas rurais da região, de maneira a que a sua memória perpetue na contemporaneidade, e através da sua reabilitação, dar uma nova possibilidade de habitá-las, ao dotá-las com novas funções - "alteramos o passado para dar forma ao futuro." (Carrilho da Graça, 2015)[55].

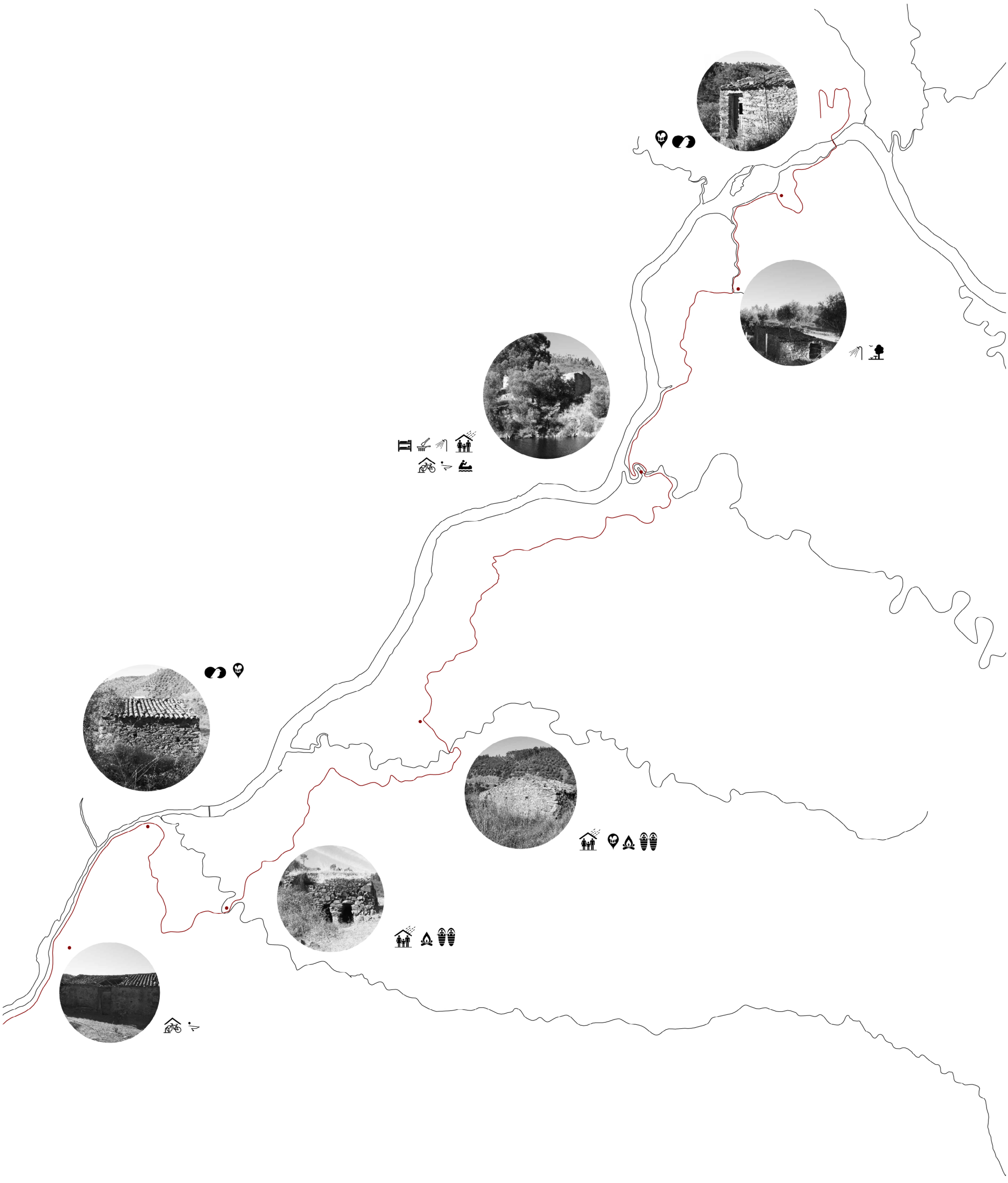
É a partir de intervenções pontuais ao longo do percurso, que se irá desenvolver o programa proposto. Este consiste na criação de diferentes espaços que promovam e ajudem, à compreensão do território onde se inserem, e sejam estruturas auxiliares de descaço, para os viajantes que o percorram; são por isso propostos postos de birdwatching, e associados a estes, leitores de paisagem da fauna e flora do local; estações bicicletas e canoagem, que permitem aos viajantes uma outra forma de ver/percorrer alguns troços do território, não abrangidos pelo percurso; espaços de estadia temporária - para descansar ou pernoitar se necessário - e de permanência, compostos por camaratas, espaço de refeições e balneários.

Depois do processo de percorrer e conhecer este território, foram estas construções vernaculares que despertaram interesse para a concretização da proposta dos abrigos; interessa agora conhecer cada uma destas construções, aprender a sua envolvente e perceber, como os redesenhar, para os voltar a habitar; através deles, sugerir momentos de contemplação, paragem e de exploração das suas envolventes, e não esquecendo, o papel que estas construções, representaram num dado momento para as povoações em seu redor, dai que se propõem outras três formas, de percorrer algumas das áreas envolventes, possibilitando a visita a algumas aldeias mais isoladas e conhecer os seus habitantes.

O programa está dividido entre sete ruínas, que se encontram dispersas no troço do percurso estudado anteriormente, compreendido entre a Barca da Amieira do Tejo, e Vila Velha de Rodão. Do programa inicial que estas desempenharam, apresentam-se três tipologias: cinco delas são palheiros, uma é um moinho de água de rodízio e outra, um antigo lagar de azeite.

Fig. 403
As ruínas escolhidas para a intervenção

[54]Cit. por ALVES COSTA, Alexandre. Acções Patrimoniais – Perspectivas Críticas. Arqa – Arquitectura e Arte. p. 24-39
[55]ibidem, p.44



Os palheiros encontram-se inseridos em olivais abandonados; apresentam uma mesma forma rectangular, e um mesmo sistema construtivo: todos possuem paredes exteriores espessas, autoportantes, em alvenaria de pedra (xisto); apresentam telhados de duas ou uma água, que assentam sobre uma estrutura de madeira, constituída por madres longitudinais, encastradas nas paredes das fachadas, pelo pau de fileira (no caso do telhado de duas águas), e por barrotes ou varas transversais, assentes nas madres; o telhado coberto por telha canudo, assenta sobre uma estrutura ripada de madeira, que se prega aos barrotes ou às varas transversais. Os vãos são apenas várias aberturas, dispersas ao longo das fachadas, sem uma forma regular. No interior, os tetos não possuem nenhum revestimento, sendo visível a estrutura do telhado; os pavimentos também não possuem qualquer material de revestimento, sendo constituídos apenas, por terra compacta. Estes foram outrora, acervos agrícolas; por vezes serviam de espaços de pernoita aos agricultores e também aos pastores que por esta região passavam. “Serviam de abrigo aos rebanhos que, em regime de itinerância, percorriam os olivais (…). Neste regime de pastoreio os palheiros eram utilizados para abrigar temporariamente rebanhos e pastor (…). No Outono e no Inverno, os palheiros acolhiam ranchos de homens e mulheres que ali ocorriam para a apanha da azeitona. (…) partilhando muitas vezes o espaço com rebanhos, separados apenas por divisórias de panos ou tábuas.” (Batista, 2001)[56].

O moinho de água encontra-se na margem, de um dos afluentes do Tejo, a Ribeira de Figueiró. Este é um moinho de rodízio, dada a posição horizontal das suas duas rodas: ambas localizadas no cabouco (ou aguadouro) do moinho, são formadas por um conjunto de palas colocadas radialmente, em torno da péla (parte desta estrutura ainda é visível, no entanto encontra-se destruída); a água da ribeira, era desviada pela levada - um pequeno canal escavado entre a ribeira e o moinho, que desviava a água do seu leito e a conduzia até ao moinho, de onde após fazer mover o rodízio, regressava ao seu curso natural por um outro túnel, ou serviria para o regadio dos campos. Por cima do cabouco encontrava-se o sobrado, nele encontrava-se o espaço de moagem, a moenda; dos mecanismos de moagem que o deviam compor, apenas resta uma grande mó de pedra. Anexo a este espaço, está um outro que era a casa do moleiro, um espaço de estadia temporária, utilizado quando as moagens se realizam noite dentro e durante dias a fio. Este moinho encontra-se num avançado estado de ruína, onde persistem apenas as suas paredes exteriores bastante deterioradas; nelas ainda são visíveis, algumas telhas de canudo, que pertenciam à cobertura de ambos os espaços (o de moagem e o do moleiro) e os pequenos vãos que iluminavam o espaço interior.

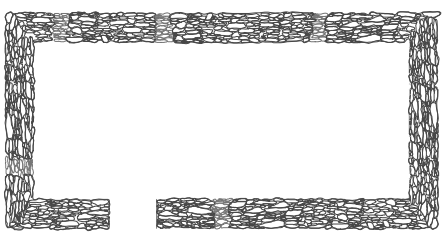
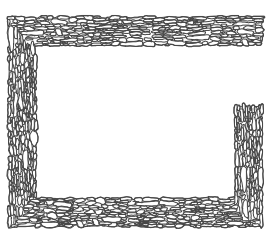
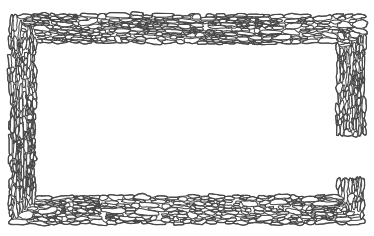
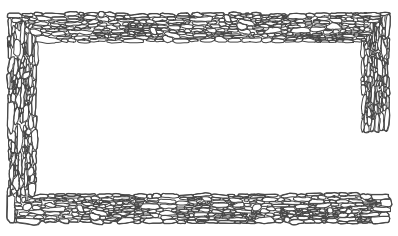
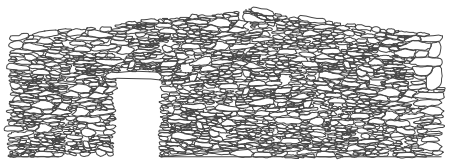
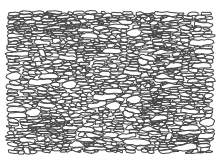
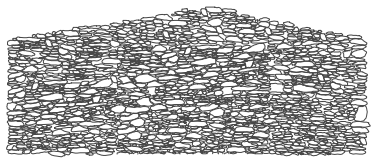
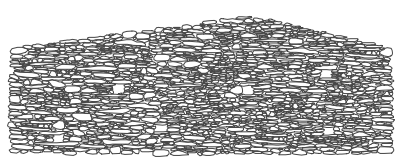
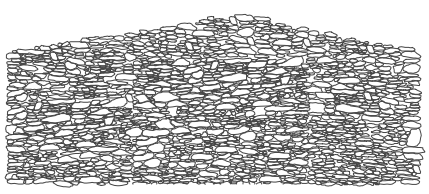
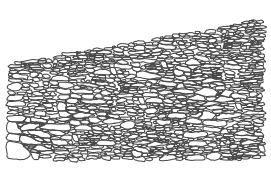
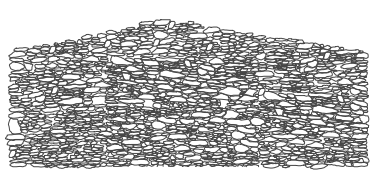
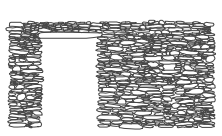
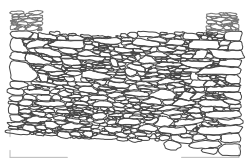
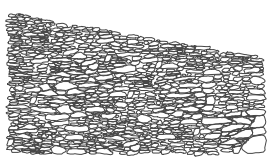
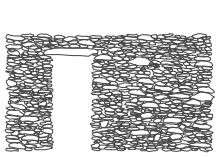
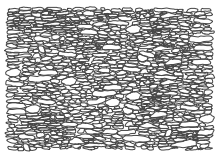
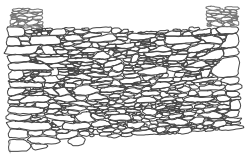
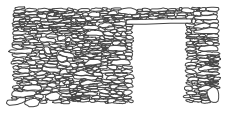
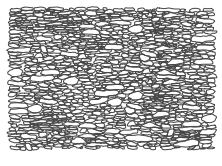
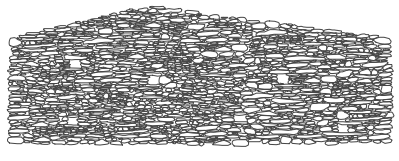
O lagar localiza-se num pequeno braço, da margem esquerda da Ribeira de Nisa, outro dos afluentes do Tejo. Este é contornado pela ribeira, e ladeado por encostas abruptas, revestidas de socalcos de olival (dos poucos que ainda persistem). Nas suas imediações, existe uma pequena ponte de betão que faz a passagem entre as duas margens da ribeira e por onde passa, o percurso proposto; esta faz retenção da água que serviria à Central Hidroeléctrica da Velada, localizada mais a montante da ribeira, o seu complexo encontra-se parcialmente em ruínas, sendo que uma parte deste ainda se encontra em funcionamento. A estrutura do lagar é rectangular, estando o seu interior dividido em quatro espaços, um deles possuí o que seriam umas estreitas escadas de pedra, que dariam a um piso superior (o seu pé direito tem aproximadamente 4 metros) e as estruturas, quase imperceptíveis dos tanques utilizados para o azeite; as suas fachadas - assim como nos palheiros - apresentam pequenas aberturas. Ao lado do lagar, existe um pequeno anexo também em ruína; ambos os espaços estão bastantes deteriorados no seu interior, não possuindo coberturas.
Todas apresentam estados de conservação distintos, sendo as duas últimas apresentadas, as que apresentam um estado mais avançado de ruína. Na nova intervenção, atribuiu-se a cada uma delas um nome e um programa, que surgiu de acordo com a sua particular localização.

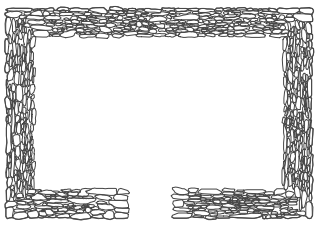
Fig. 404
Localização dos abrigos escolhindos e programa proposto

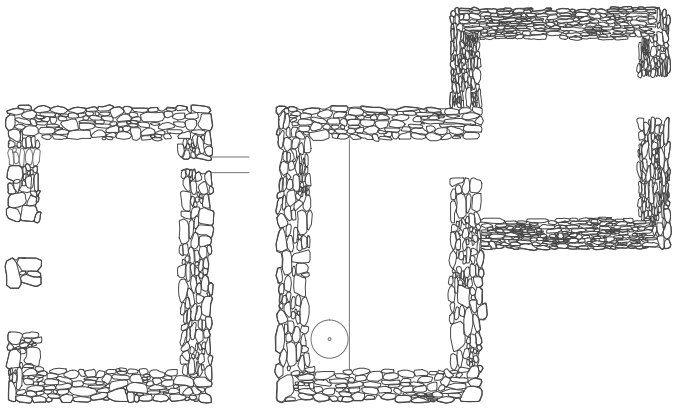
Legenda do programa proposto:

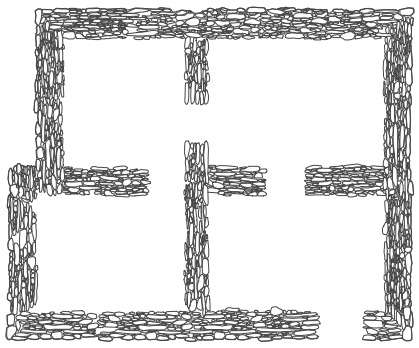
- Abrigo
- Posto de bicicletas
- Posto de canoagem
- Proposta de novo perecurso usando as bicicletas e canoas
- Leitor de paisagem
- Posto de Birdwatching
- Parque de merendas
- Fogueira
- Espaço para preparar refeições
- Balneários
- Possiblidade de pernoita
- Camaratas

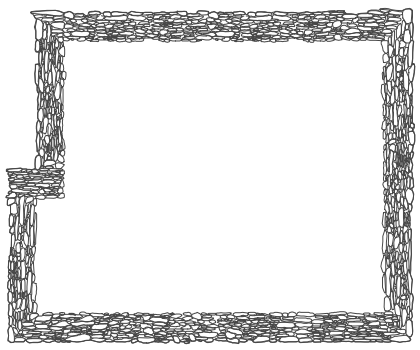
[56]ibidem, p. 24

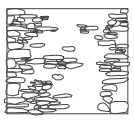





















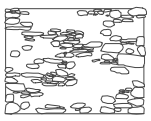


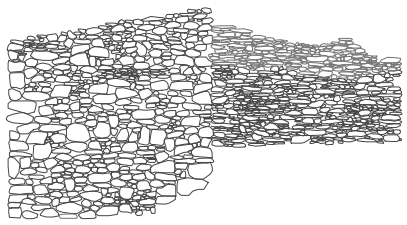




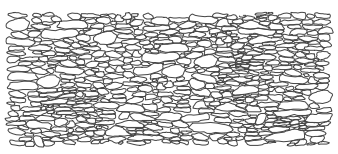


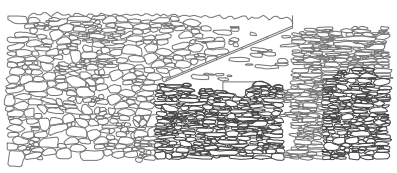


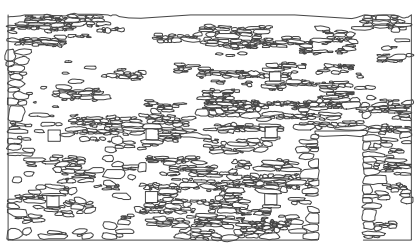


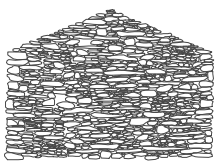


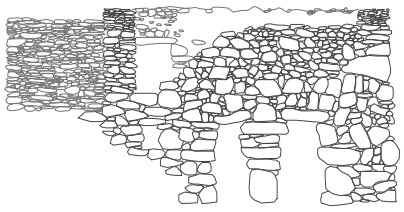


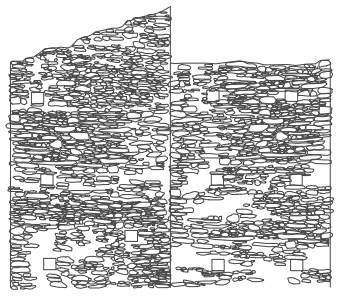


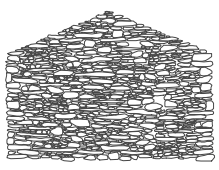


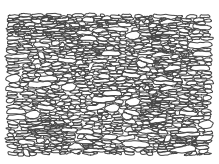


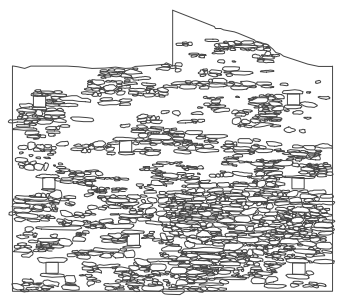






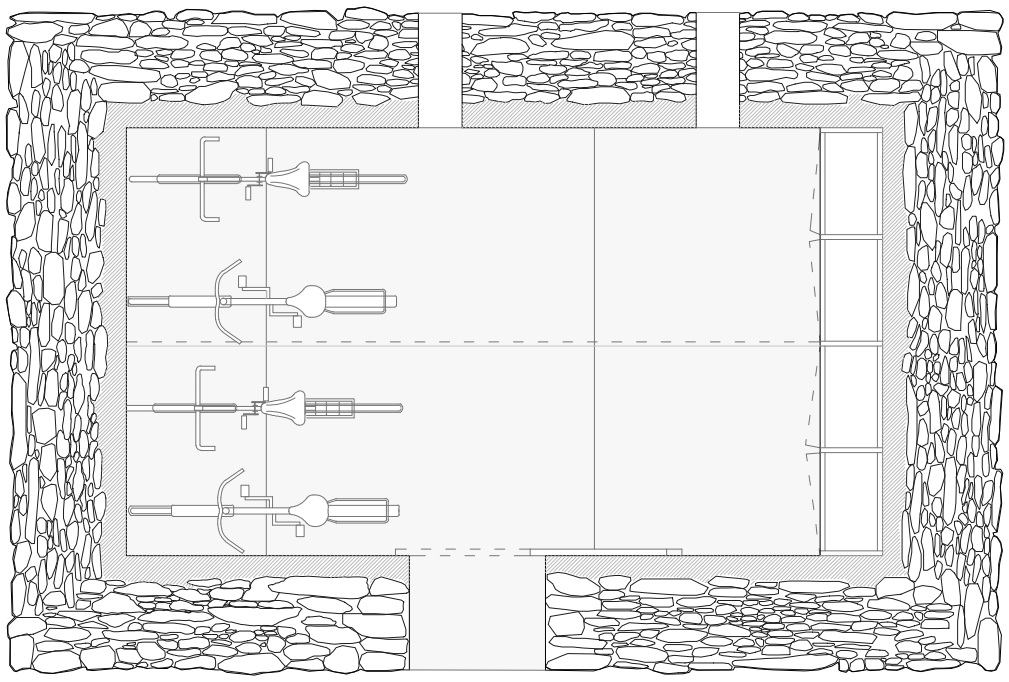


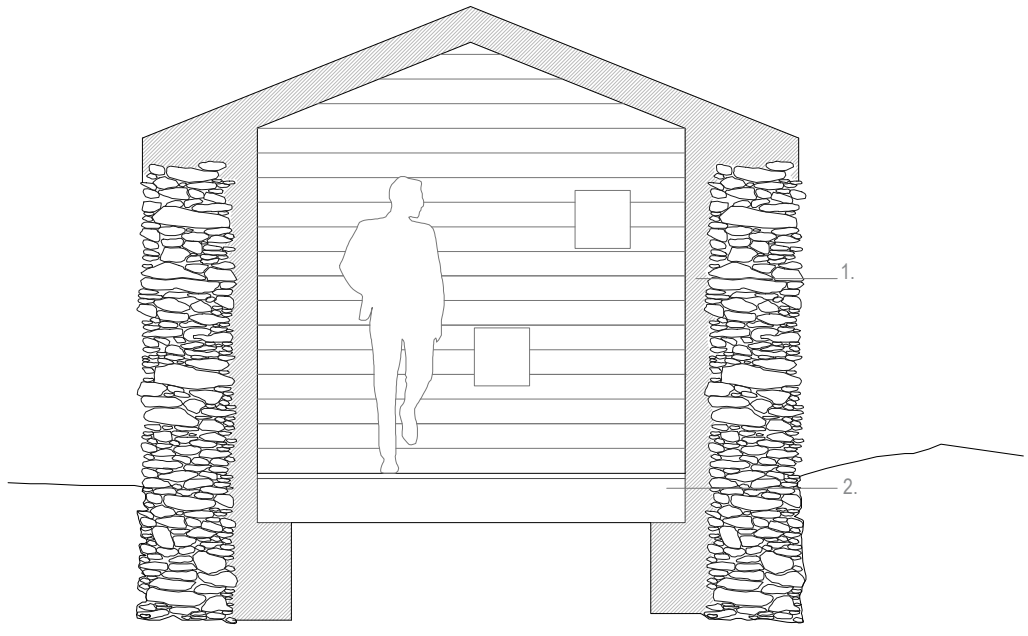


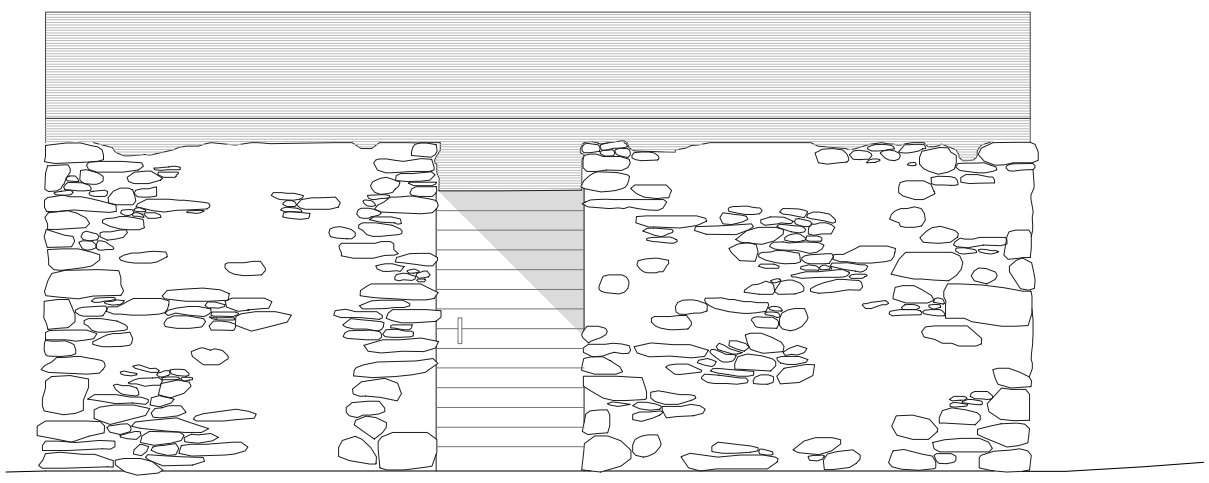


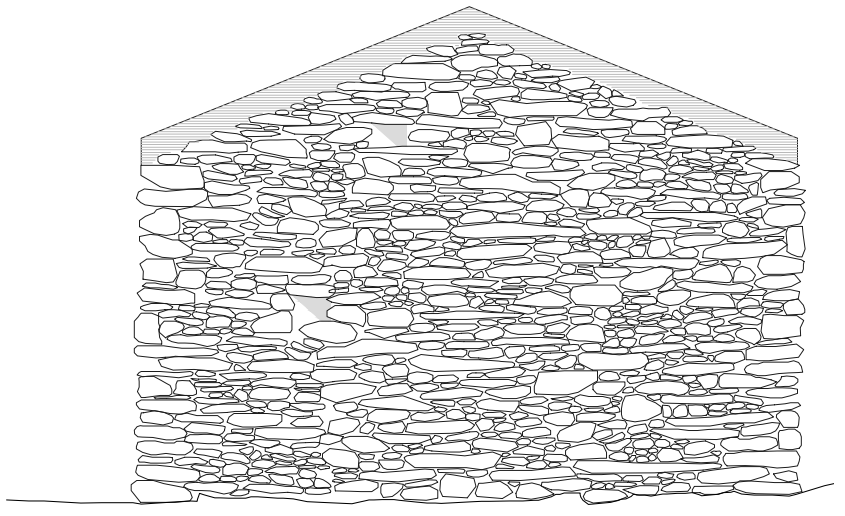
Levantamento das ruínas escolhindas

Palheiro do Fratel | Palheiro do Conhal do Arneiro | Palheiro dos Montes dos Matos | Palheiro das Portas de Rodão | Palheiro da Amieira
Moinho de água da Ribª de Figueiró | Lagar de Azeite da Ribª de Nisa









0 0,25 0,50 1 m

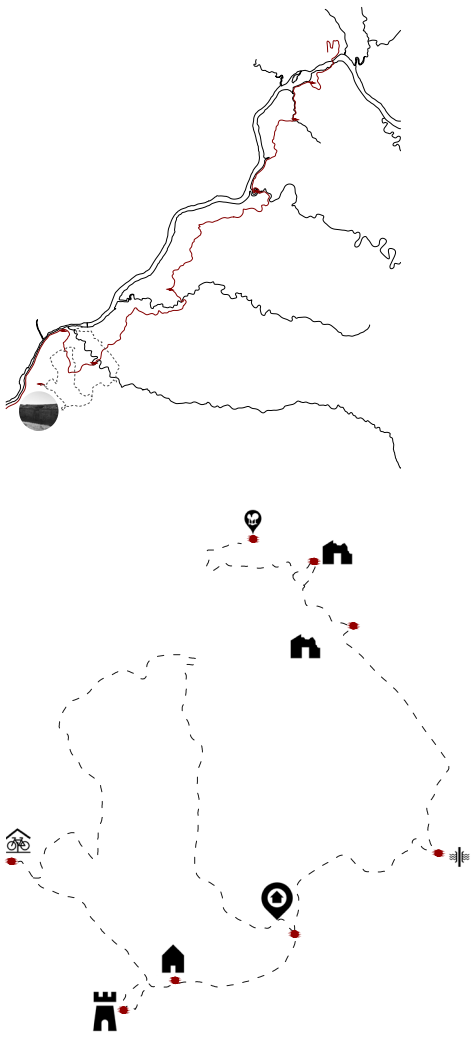


Fig. 407

Proposta do Percurso de Bicicleta:

Posto de Bicicletas

Castelo da Amieira do Tejo

Capela do Calvário . Amieira do Tejo

Aldeia de Vila Flor

Ponte Romana da Ribeira de Figueiró

Ruínas do aldeamento dos construtores da Barragem do Fratel e da Estalagem Tejo

Leitor de Paisagem da Barragem do Fratel

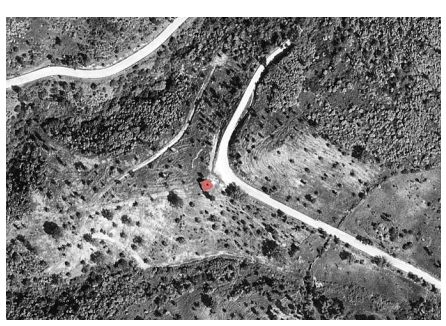






Fig. 408 | 410
Fotografias do Abrigo
Desenhos da Intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada | Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Pavimento. betonilha

A INTERVENÇÃO
PROGRAMA

BARCA DA AMIEIRA

Programa Inicial: Palheiro

Características Gerais:

Forma: retangular (6x4m)

Tipo: 2 águas

Materialidade:

Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)

Argamassa de assentamento: cal/barro

Função estrutural: parede portante exterior

Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada

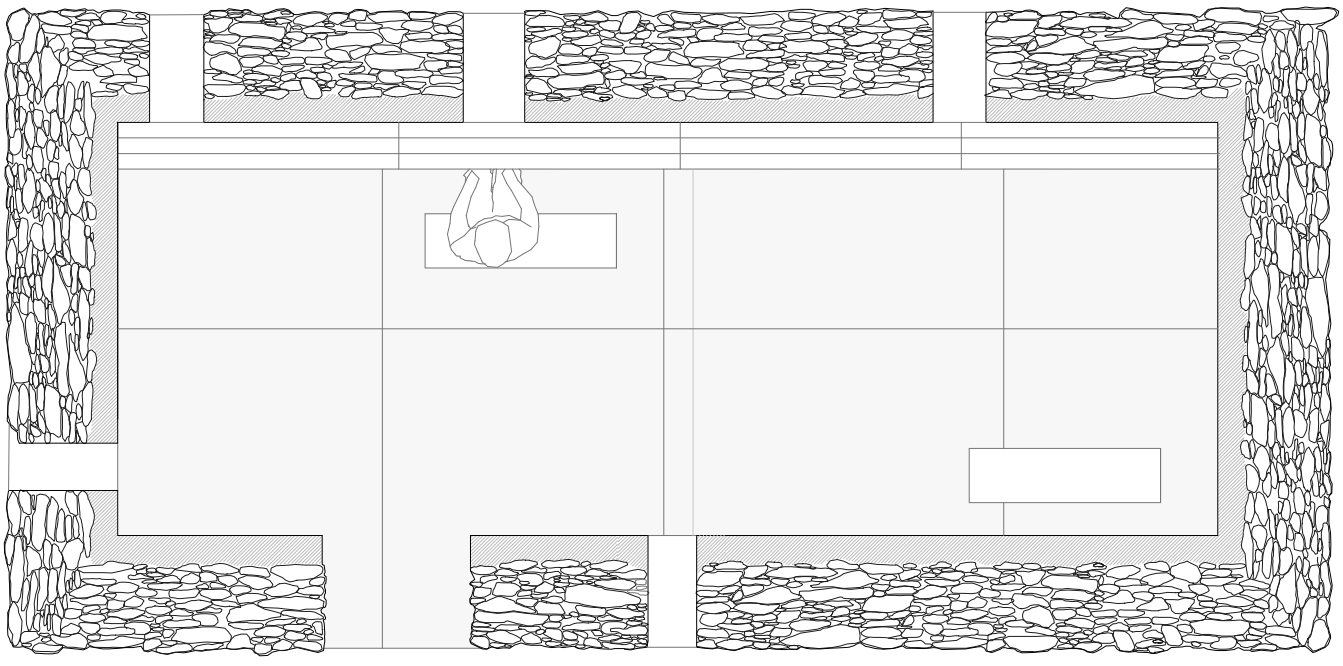
Pavimento: Terra compacta

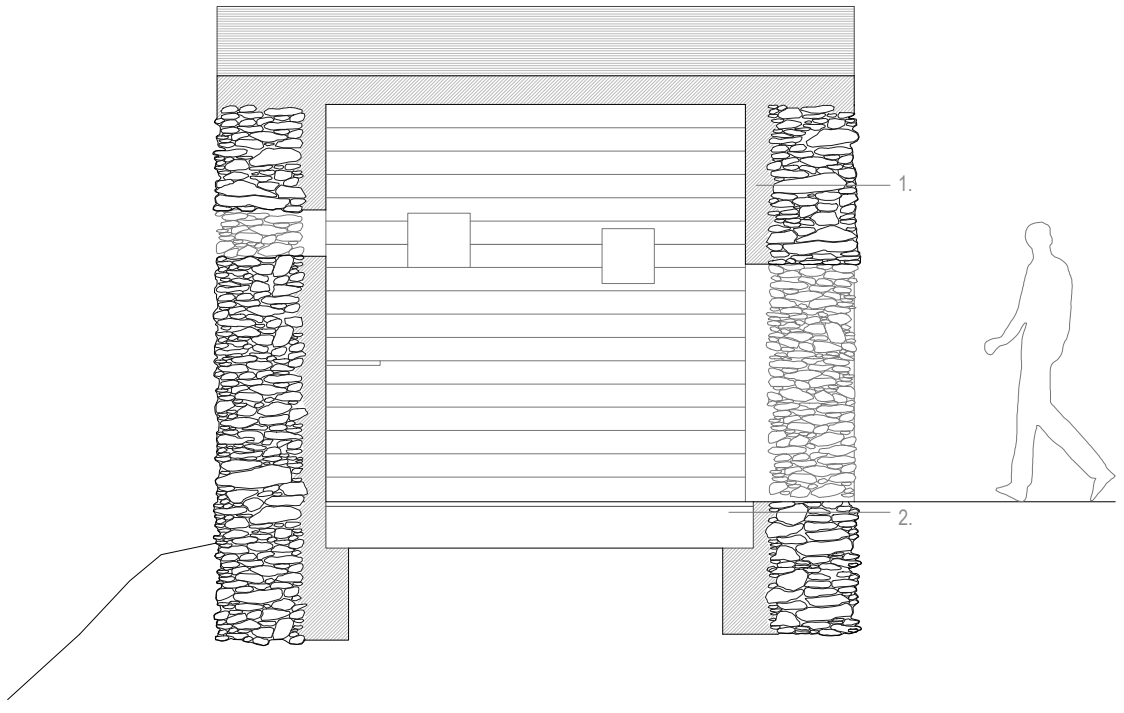
Cobertura: telha canudo, assente sobre uma estrutura de madeira fixa nas fachadas

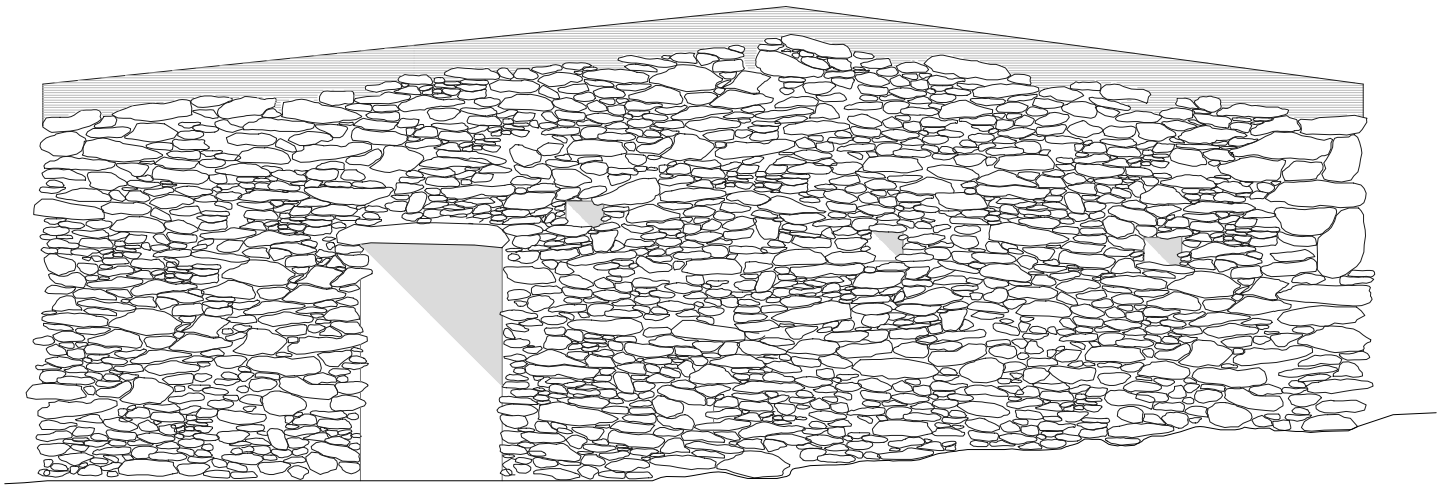
Vãos: constituem-se por quatro aberturas dispersas nas fachadas

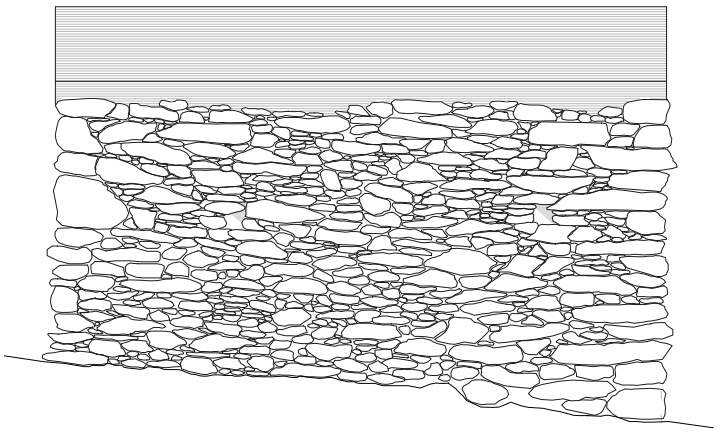
Programa Proposto: Posto de bicicletas

A primeira ruína encontra-se junto ao rio Tejo, onde outrora se realizava através de uma barca a travessia entre as duas margens. Inserida num pequeno olival que a circunda, e ao lado do único acesso viário que conduz à Amieira do Tejo; esta apresenta-se com parte da sua cobertura desabada, e as suas fachadas deterioradas. Esta é convertida num posto de bicicletas; nele é indicado um novo circuito circular, para as bicicletas, que passa na Amieira e Vila Flor, e nas ruínas da Estalagem Tejo e o que era o aldeamento dos construtores da Barragem do Fratel.









0 0,25 0,50 1 m

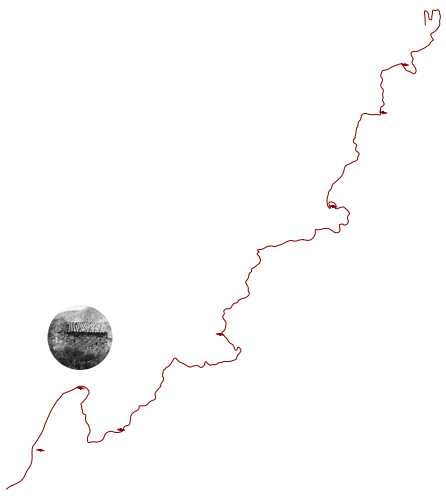












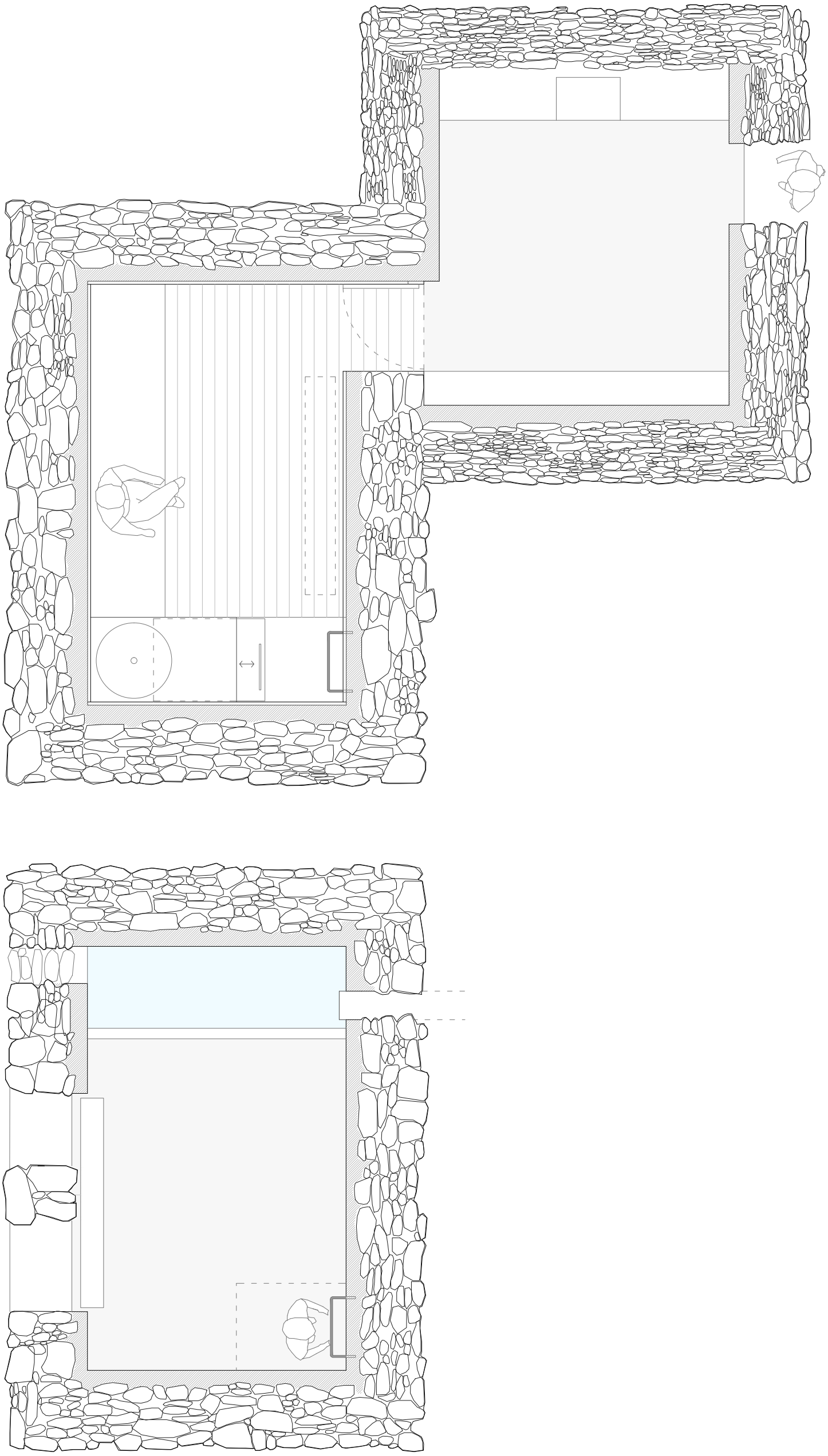
Fig. 416
Ortofotomapa da localização do abrigo e fotografias

Fig. 417
Desenhos da Intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada | Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Pavimento. betonilha

Programa Inicial: Palheiro
Características Gerais:
Forma: retangular (4,1x8,5m)
Tipo: 2 águas
Materialidade:
Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)
Argamassa de assentamento: cal/barro
Função estrutural: parede portante exterior
Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada
Pavimento: Terra compacta
Cobertura: telha canudo, assente sobre uma estrutura de madeira fixa nas fachadas
Vãos: constituem-se por nove aberturas dispersas nas fachadas
Programa Proposto: Posto de birdwatching e leitor da paisagem

Este abrigo localiza-se numa a meio de uma encosta um pouco escarpada, entre o fim do percurso do muro de sirga e a foz da Ribeira de Figueiró, perto da Barragem do Fratel. Inserido também ele num olival abandonado, este palheiro apresenta-se com a sua cobertura e paredes exteriores quase intactas, no entanto, estes elementos encontram-se deteriorados, e a necessitar de intervenção; nas fachadas existem algumas falhas, geradas pela queda de algumas das pedras que compõem a sua estrutura; o seu telhado ainda conserva a estrutura de madeira, no entanto nele encontram-se algumas fendas, criadas pela ausência de algumas telhas. Este é reconvertido num posto de birdwatching, pois dada a sua proximidade com o rio, é possível observar as diferentes espécies de aves que aqui habitam. No seu interior, o espaço é complementado por uma estrutura de madeira – de apoio à prática de birdwatching - que constitui-se por um banco e uma mesa de apoio junto aos vãos.



0 0,25 0,50 1 m

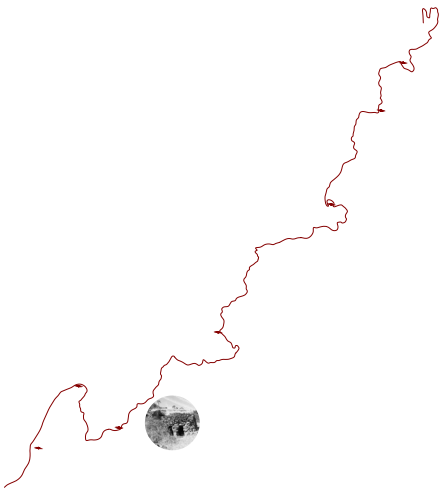












Fig. 418 | 424
Ortofotomapa de localização do abrigo e fotografias

Fig. 425
Desenhos da Intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

RIBEIRA DE FIGUEIRÓ

Programa Inicial: Moinho de água

Características Gerais:

Forma: retangular (cabouco: 3,85x5,6m | moenda: 3,80x5,60m | casa do moleiro: 4,30x4,5m)

Tipo: uma água

Materialidade:

Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)

Argamassa de assentamento: cal/barro

Função estrutural: parede portante exterior

Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada

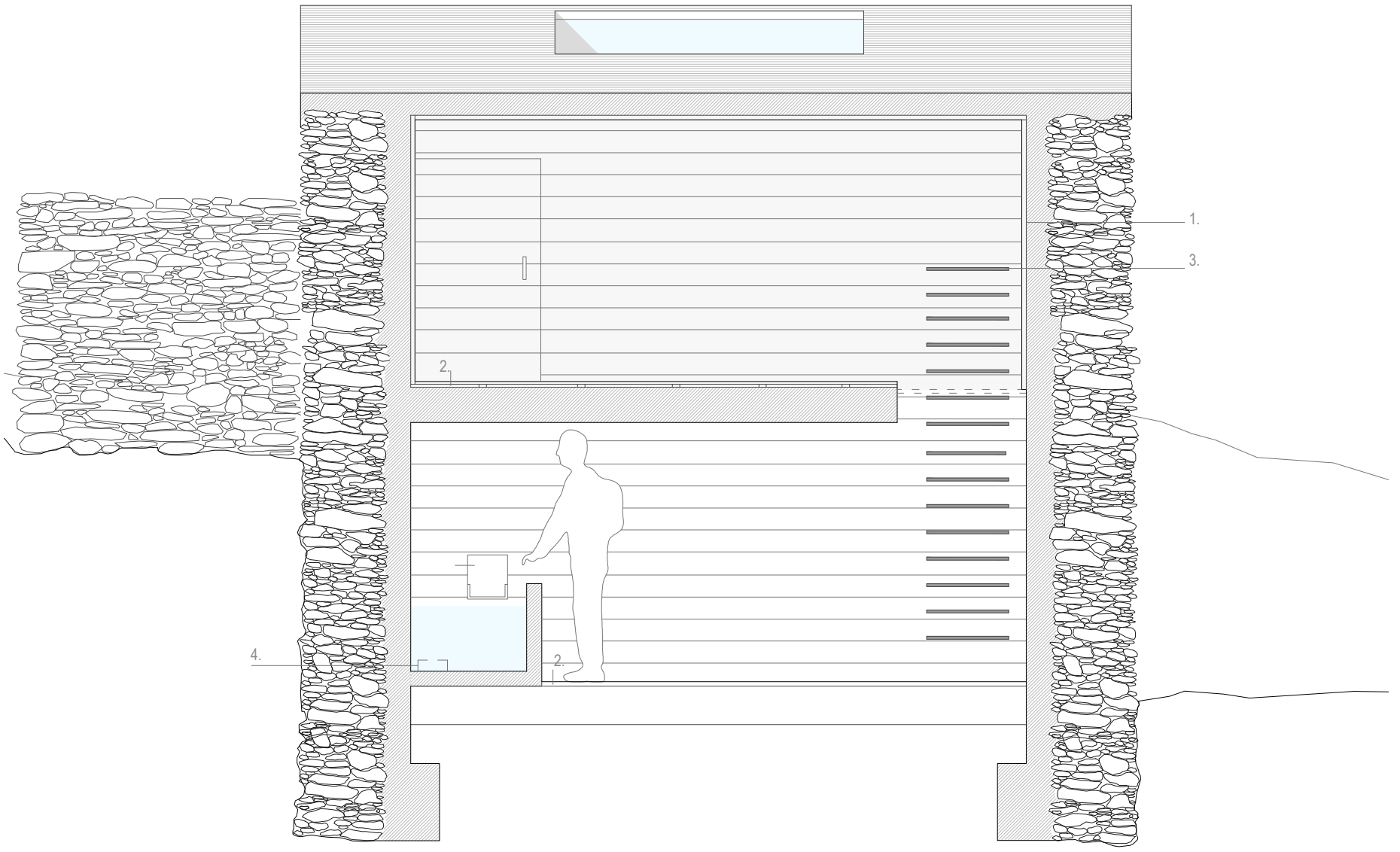
Pavimento: Terra compacta

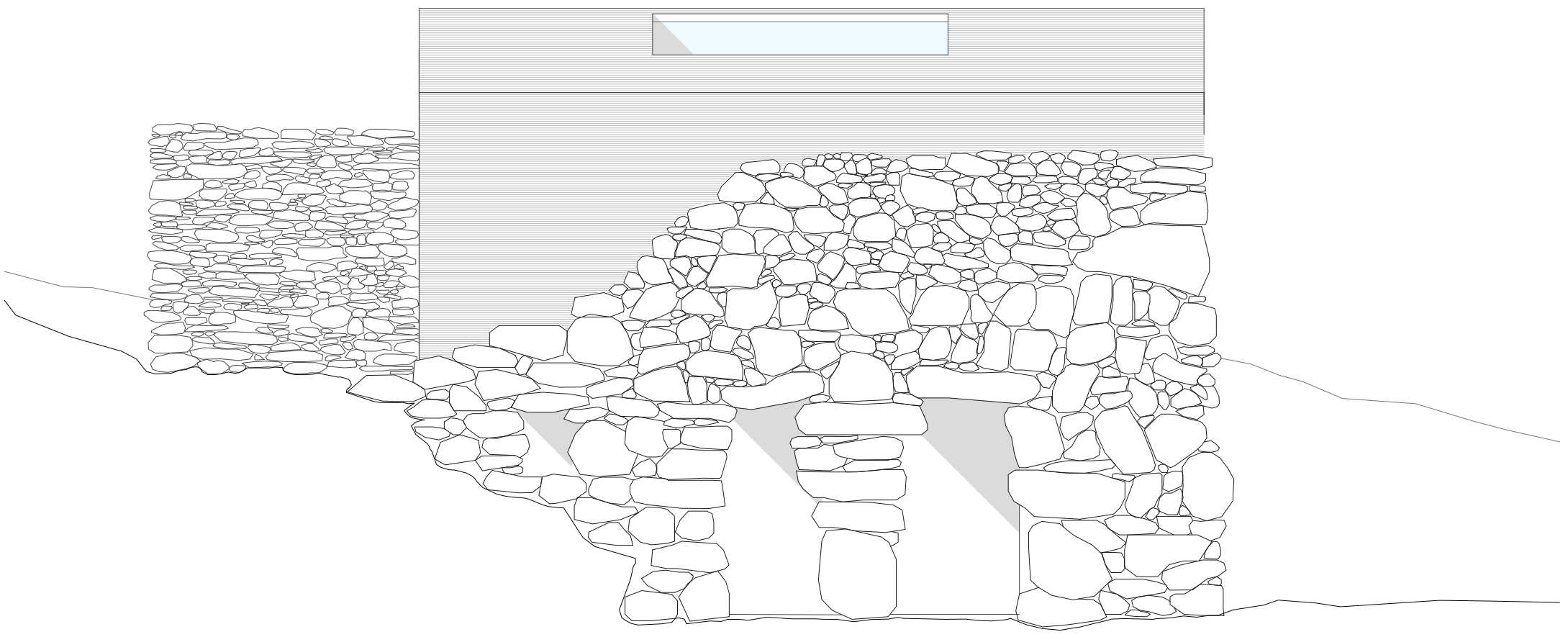
Cobertura: telha

Vãos: constituem-se por uma abertura, no espaço de moenda; e dois vãos no cabouco

Programa Proposto: Abrigo de Estadia Temporária

Como já referido, este era um antigo moinho de água de rodizio, situado num dos afluentes do Tejo, a Ribeira de Figueiró. Possui dois espaços, um superior – a moenda - que era o espaço de moagem de cereais, e o inferior, o cabouco, onde se encontrava o sistema hidráulico e era feira a passagem da água. Este é reconvertido num abrigo de estadia temporária: o espaço superior é composto por duas partes: uma zona de descanso, onde se encontra a antiga mó de pedra, e um banco largo corrido onde é possível pernoitar; este espaço é revestido todo ele a madeira, o seu acesso é feito por uma porta que se liga ao espaço da antiga casa do moleiro, e por uma passagem, que através de um alçapão, liga ao piso inferior, o cabouco; a iluminação natural deste espaço provém de uma abertura na cobertura, não possuindo quaisquer janelas. O outro espaço contiguo a este, e que seria a casa do moleiro, é exterior; nele encontramos um banco e um espaço onde é possível acender uma fogueira. O espaço inferior constituiu-se como um espaço de refresco, onde se constrói um tanque de água corrente, proveniente da ribeira, e que nos chega através da levada. Este espaço não possui nenhum revestimento nas suas paredes, estas apenas apresentam a estereotomia das réguas de madeira sobre o betão. A ligação entre o espaço de moenda, e o cabouco, é feito através de uma escada de ferro fixa à parede.

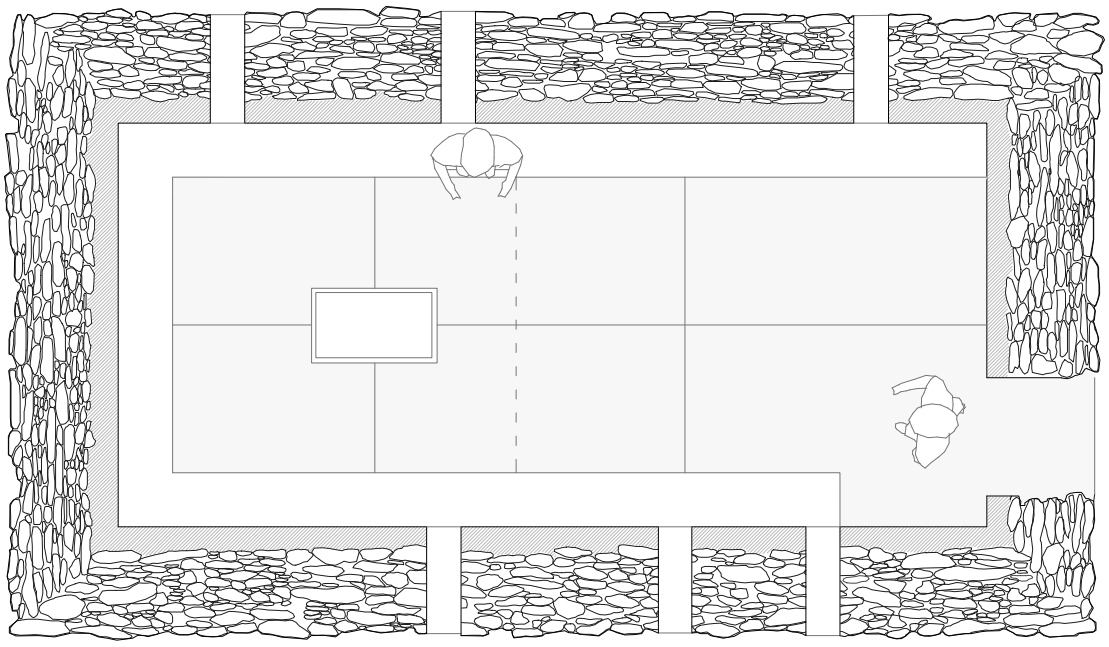


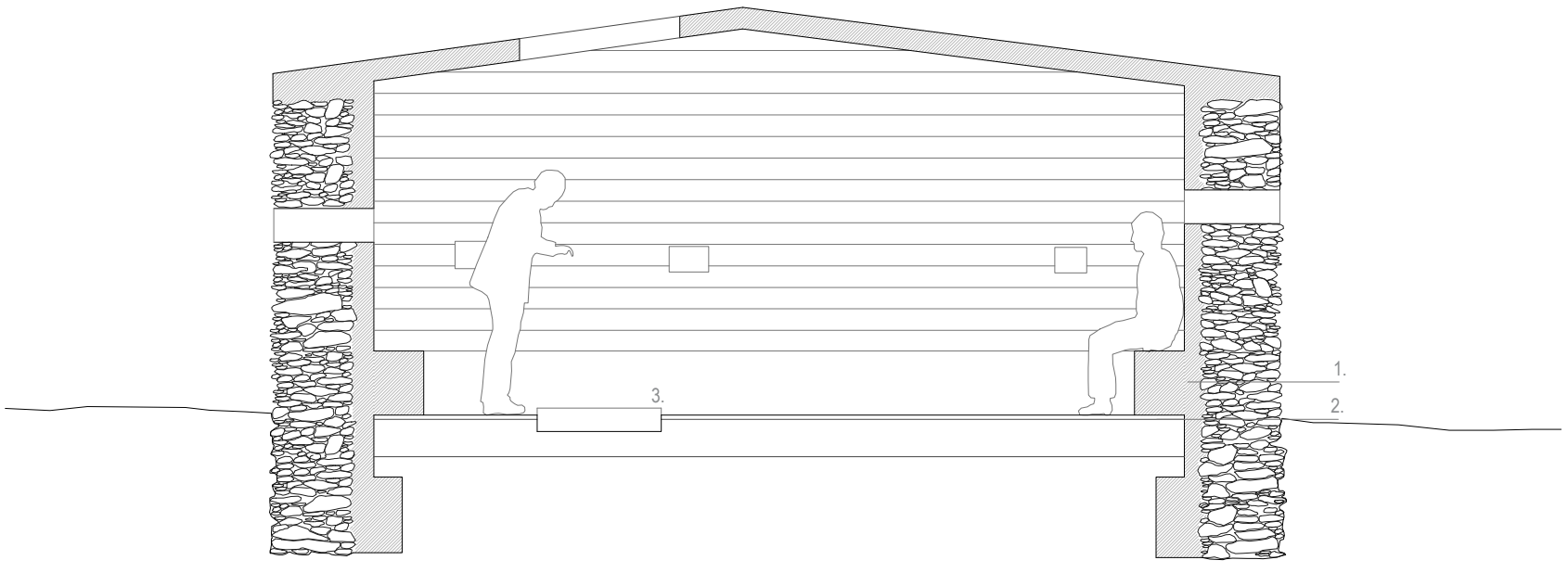


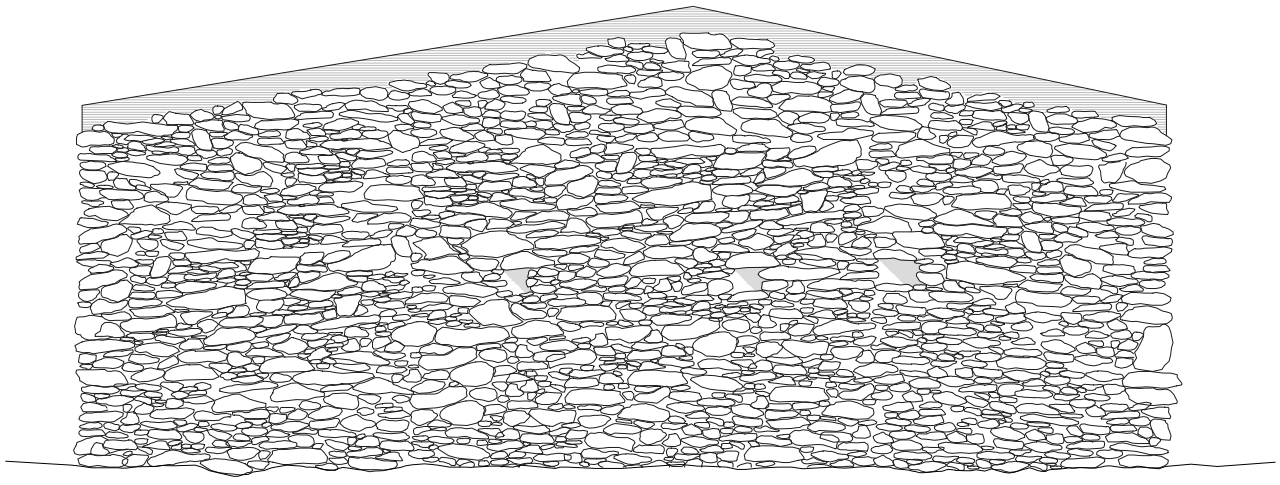
|0 |0,25 |0,50 |1 m |2m

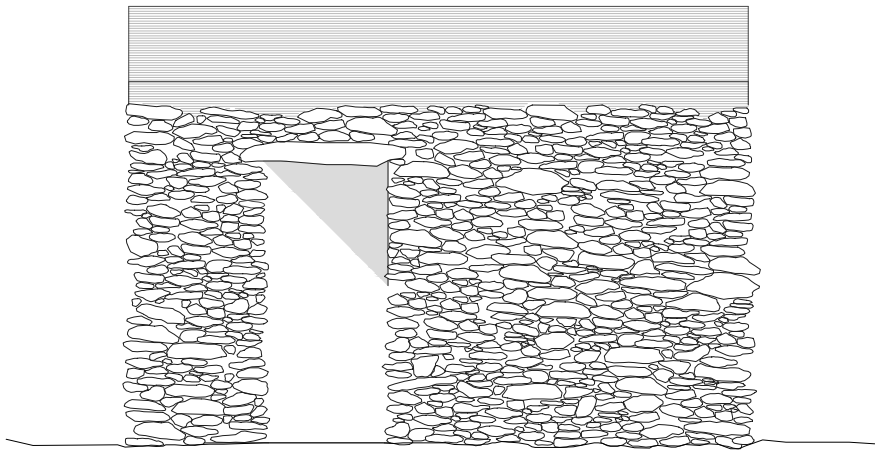
Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada
Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Soalho de madeira de pinho (piso superior) | betonilha (piso inferior)
3.Escadas em ferro pintado de preto, fixas à parede
4. Tanque de água | pontos de entrada e saída de água


0
0,25
0,50
1 m
2m

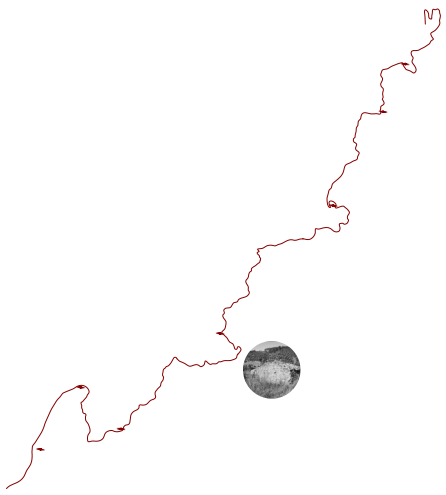








0 0,25 0,50 1 m 2m











Programa Inicial: Palheiro

Características Gerais:

Forma: retangular (4x7m)

Tipo: 2 águas

Materialidade:

Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)

Argamassa de assentamento: cal/barro

Função estrutural: parede portante exterior

Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada

Pavimento: Terra compacta

Cobertura: telha canudo, assente sobre uma estrutura de madeira fixa nas fachadas

Vãos: constituem-se por 11 aberturas dispersas nas fachadas

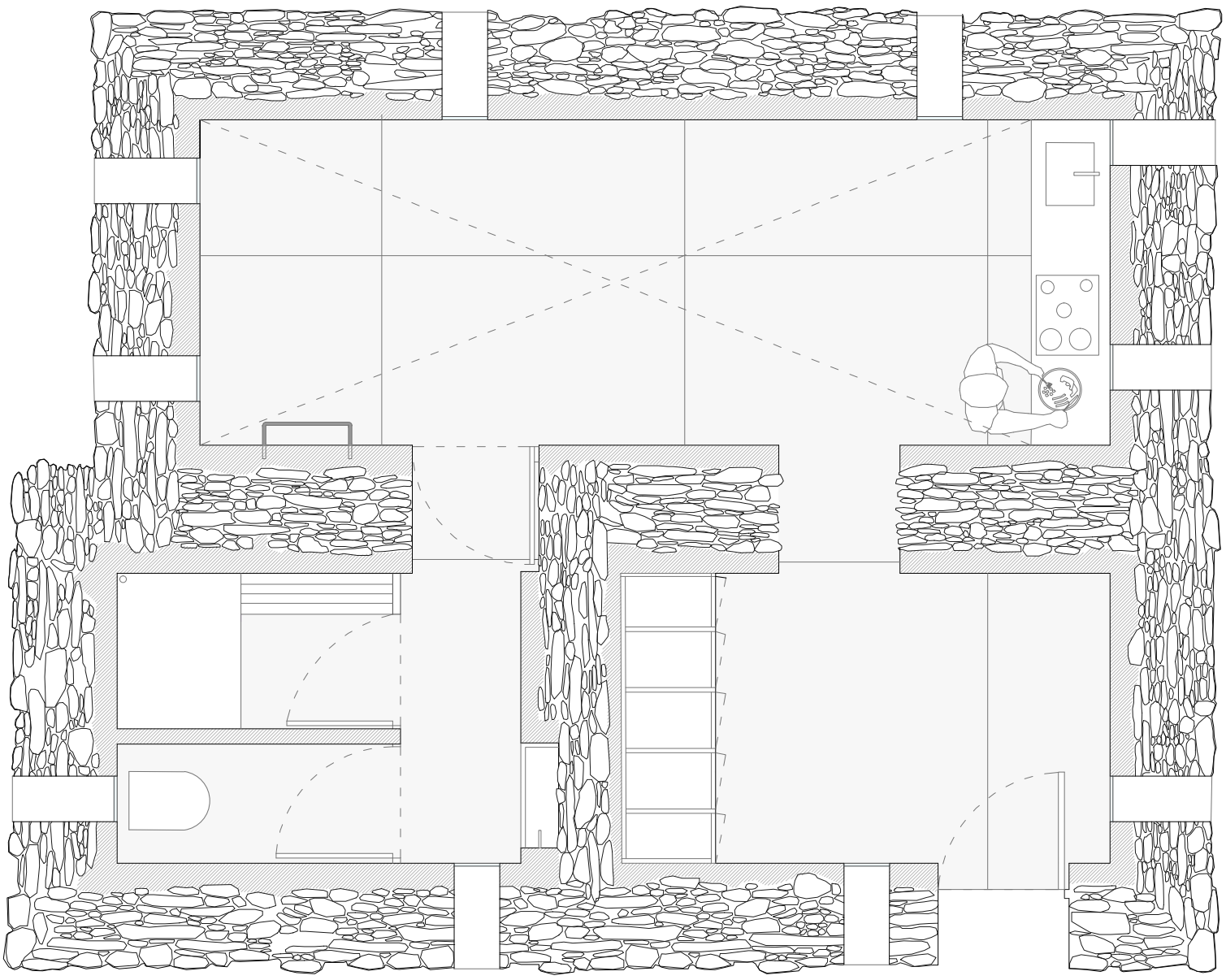
Programa Proposto: Abrigo de Estadia Temporária e leitor da paisagem

Este antigo palheiro encontra-se num dos pontos mais elevados e afastados do rio. A sua estrutura apresenta-se com a cobertura e as paredes exteriores quase intactas, no entanto, estes elementos encontram-se deteriorados. Este é transformado num abrigo de estadia temporária, onde é possível pernoitar; no seu interior, existe um banco que contorna todos os seus lados; no meio abrigo, uma abertura no pavimento permite fazer uma pequena fogueira.

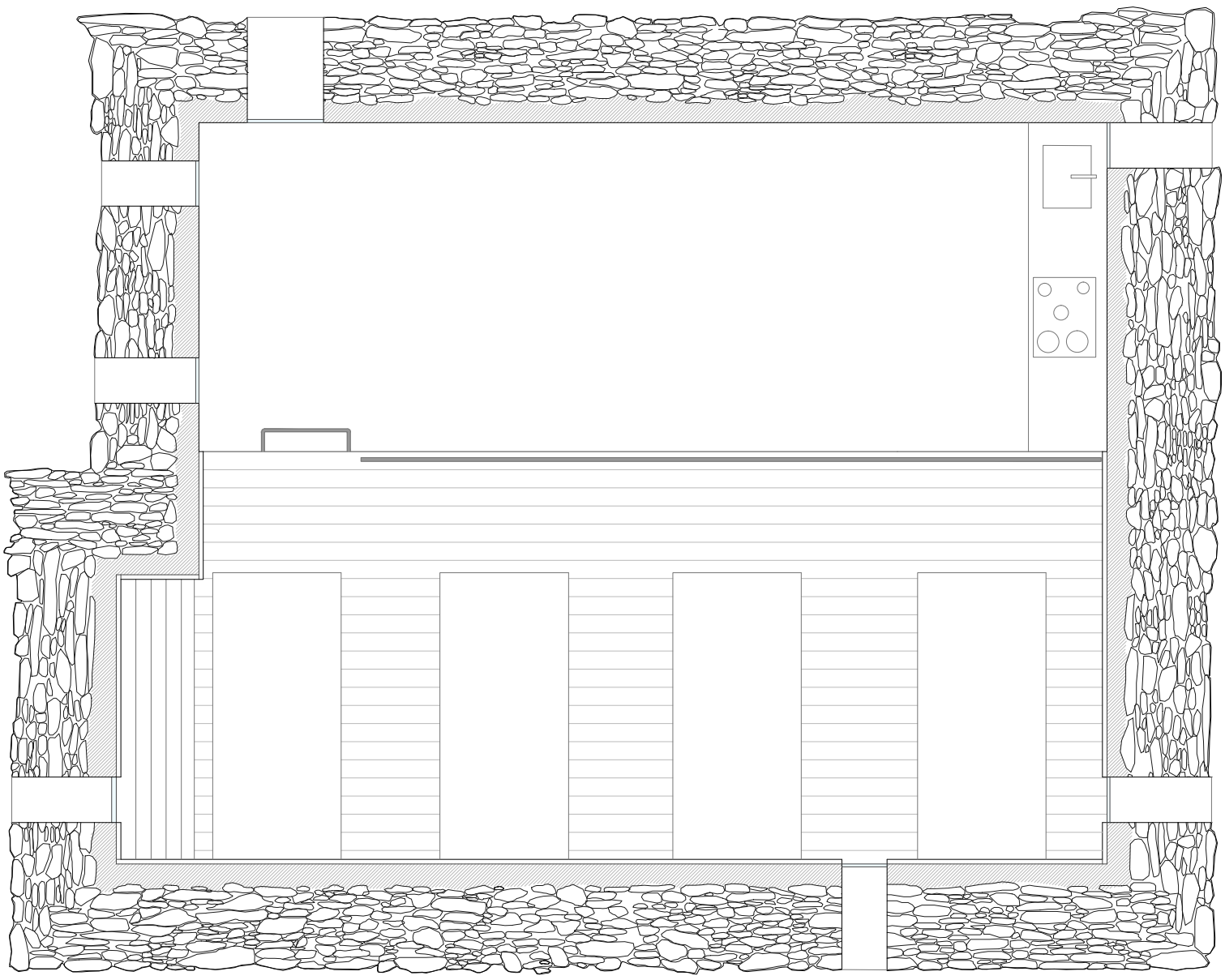
Fig. 426 | 430
Ortofotomapa de localização do abrigo e fotografias

Fig. 431
Desenhos da Intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada
Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Pavimento. betonilha
3.Espaço para fogueira



PISO 0



PISO 1

0 0,25 0,50 1 m 2m

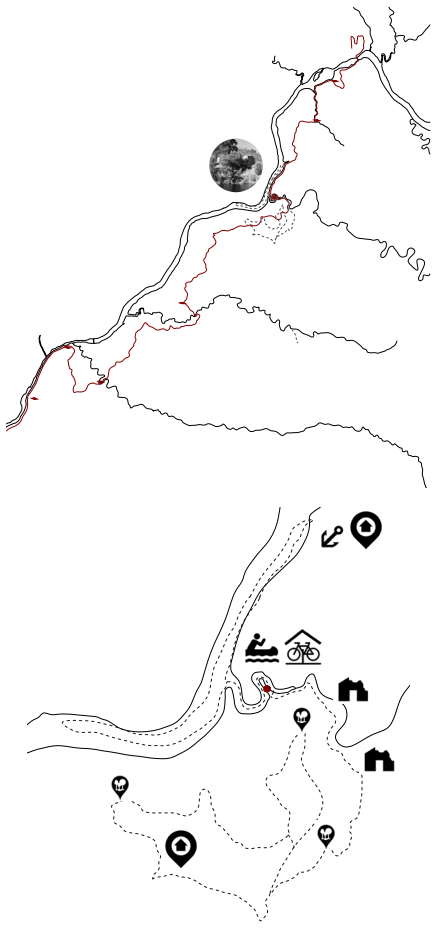


Fig. 433

Proposta do Percurso de Bicicleta e Canoagem:

Aldeia de Chão da Velha

Aldeia de Monte do Duque e porto fluvial

Leitores de Paisagem dos Vales do Tejo

Ruínas de antigas azenhas e moinhos de água da Ribª de Nisa e as ruínas do complexo hidroeléctrico de Velada









Fig. 434 | 439
Ortofotomapa de localização do abrigo e fotografias
Desenhos da Intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

Programa Inicial: Lagar

Características Gerais:

Forma: retangular (6,30x8)

Tipo: 2 águas

Anexo: rectangular (3,50x4,5m)

Tipo: 1 água

Materialidade:

Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)

Argamassa de assentamento: cal/barro

Função estrutural: parede portante exterior

Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada

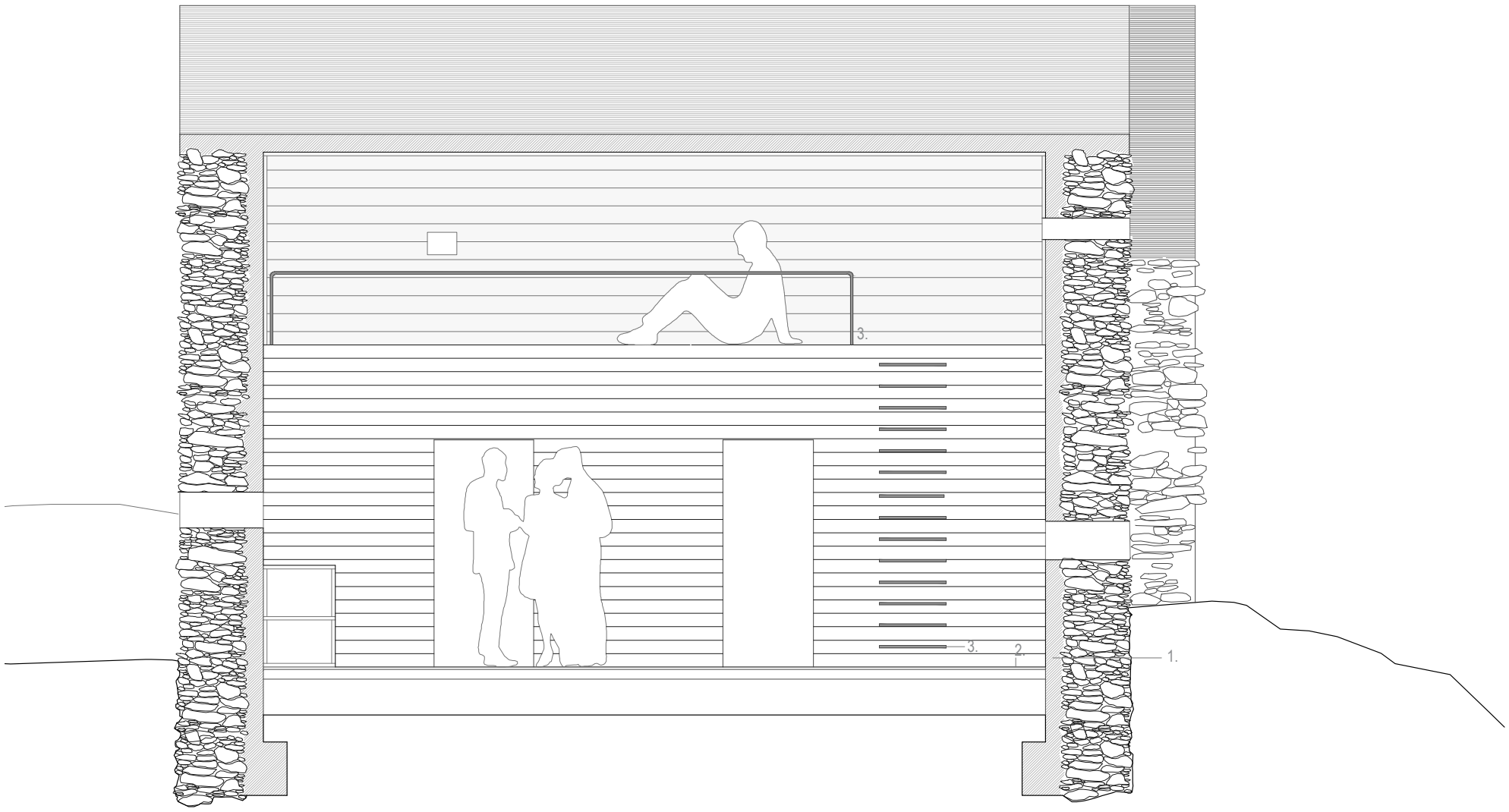
Pavimento: Terra compacta

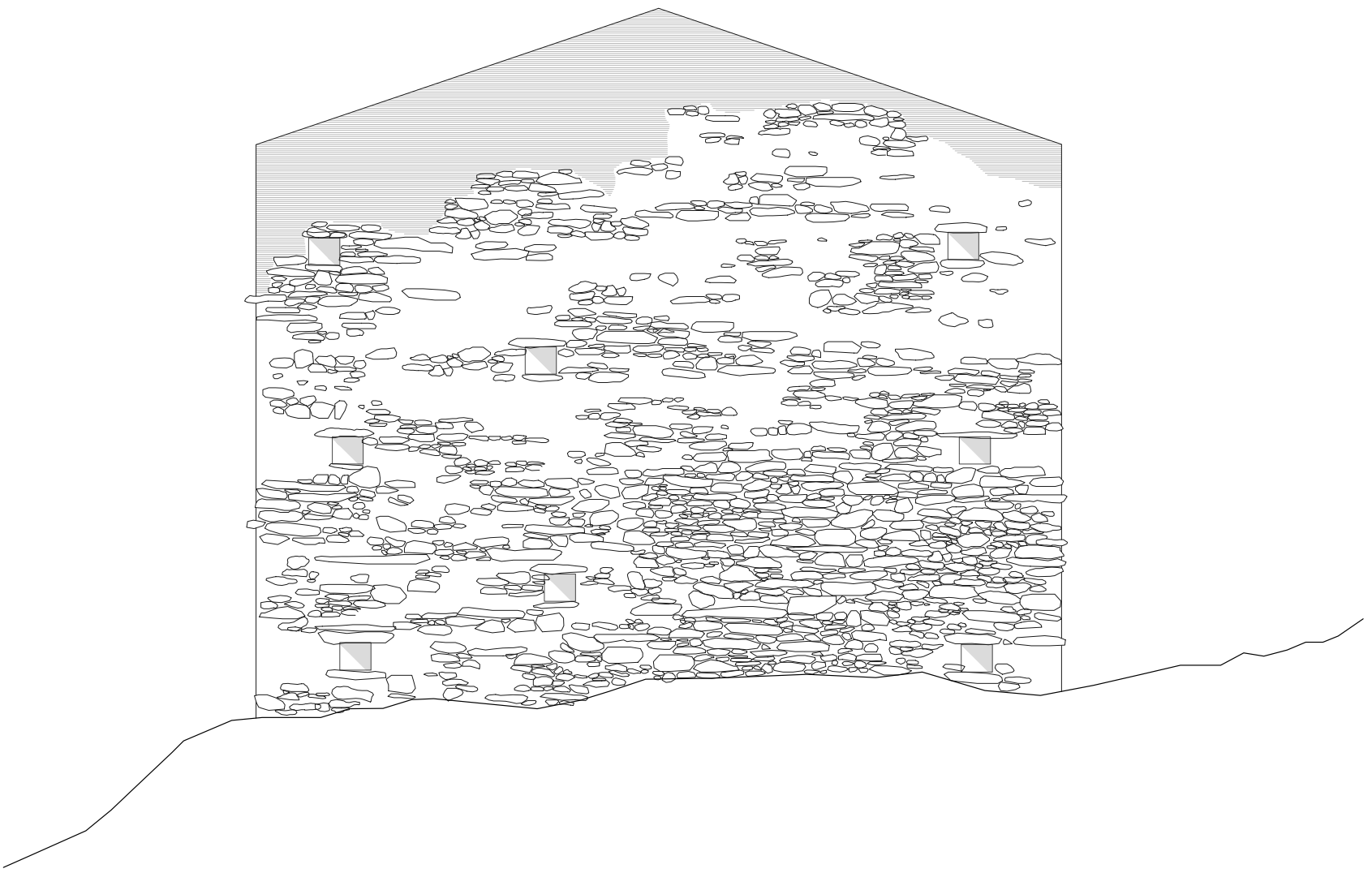
Cobertura: inexistente

Programa Proposto: Abrigo de estadia temporária, com camaratas, balneário e espaço de refeições

Posto de Canoagem e Bicicleta

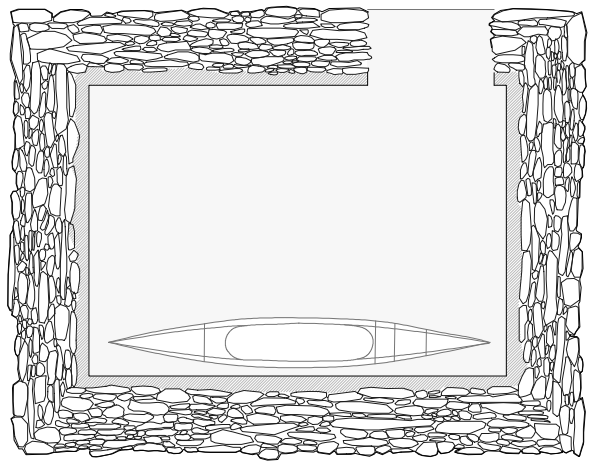
O quinto abrigo encontra-se entre a Antiga Central Elétrica de Velada, e a foz da Ribeira de Nisa. Este era um antigo lagar de azeite, construído sobre num pequeno braço da margem da ribeira, ladeado por encostas bastante ingremes, revestidas por vastos socalcos de olival. Aqui optou-se por inserir o programa de estadia temporária, para aqueles que pretendam passar uns dias e conhecer um pouco a fundo a região. A sua entrada é composta por um pequeno hall, onde se encontram alguns cacifos para usufruo dos viajantes, que ali queiram permanecer e guardarem os seus pertences; contíguo a este espaço, está o espaço de convívio que possui um duplo pé-direito; neste, encontra-se uma bancada com um fogão, que permite a realização de refeições. Adjacente a este espaço está um pequeno balneário com chuveiro e uma instalação sanitária. O abrigo é ainda constituído por uma camarata, esta acede-se através de uma escada de ferro, fixa à parede, do espaço de convívio. O espaço da camarata é revestido todo ele a madeira de pinho; sendo nos outros espaços visível a parede de betão com a estereotomia da madeira. Este é o único abrigo que será dotado de electricidade, gás e água potável. Associado a este edifício, está um outro mais pequeno, que irá acomodar um espaço de arrumos de canoas e bicicletas; são por isso propostos dois percursos a serem realizados com estes equipamentos: um percurso de canoagem pela ribeira e pelo Tejo, e um outro de bicicleta, que nos leva até à aldeia de Chão da Velha.

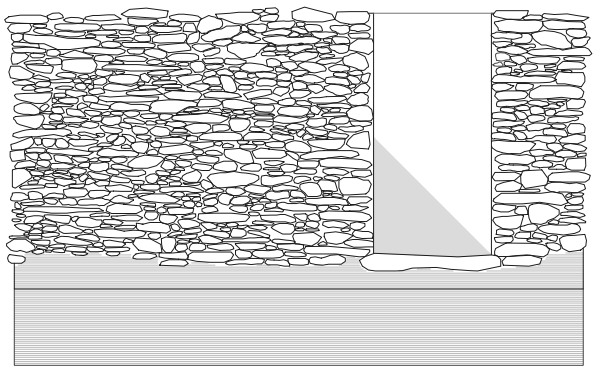


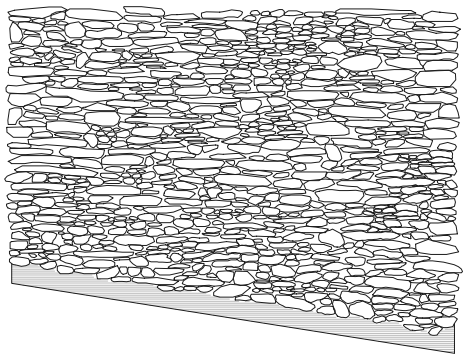


0 0,25 0,50 1 m 2m

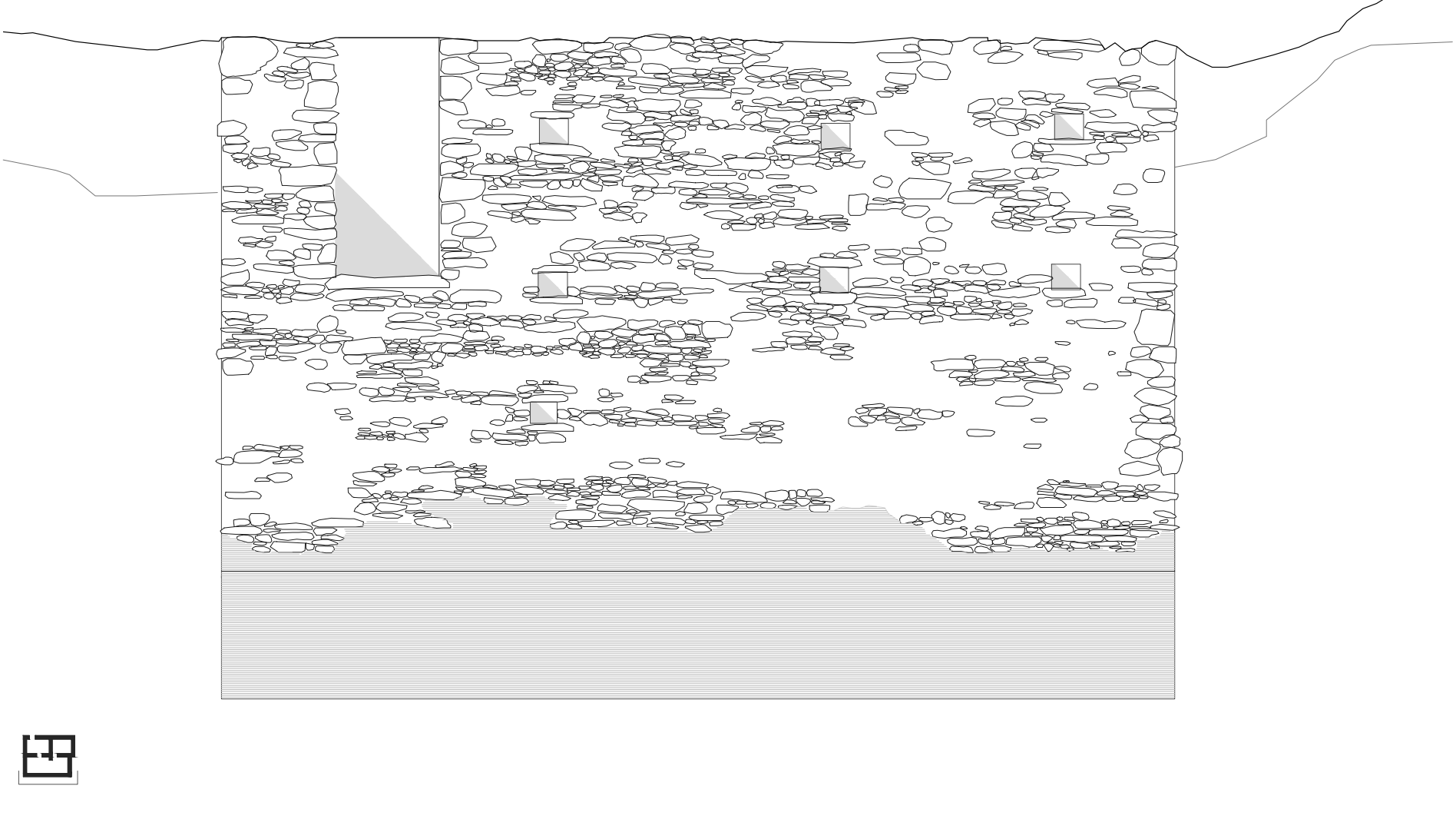
Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada
Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Soalho de madeira de pinho (piso usperior)
betonilha (piso inferior)
3.Escadas em ferro pintado de preto, fixas à parede
Guarda em ferro pintado de preto

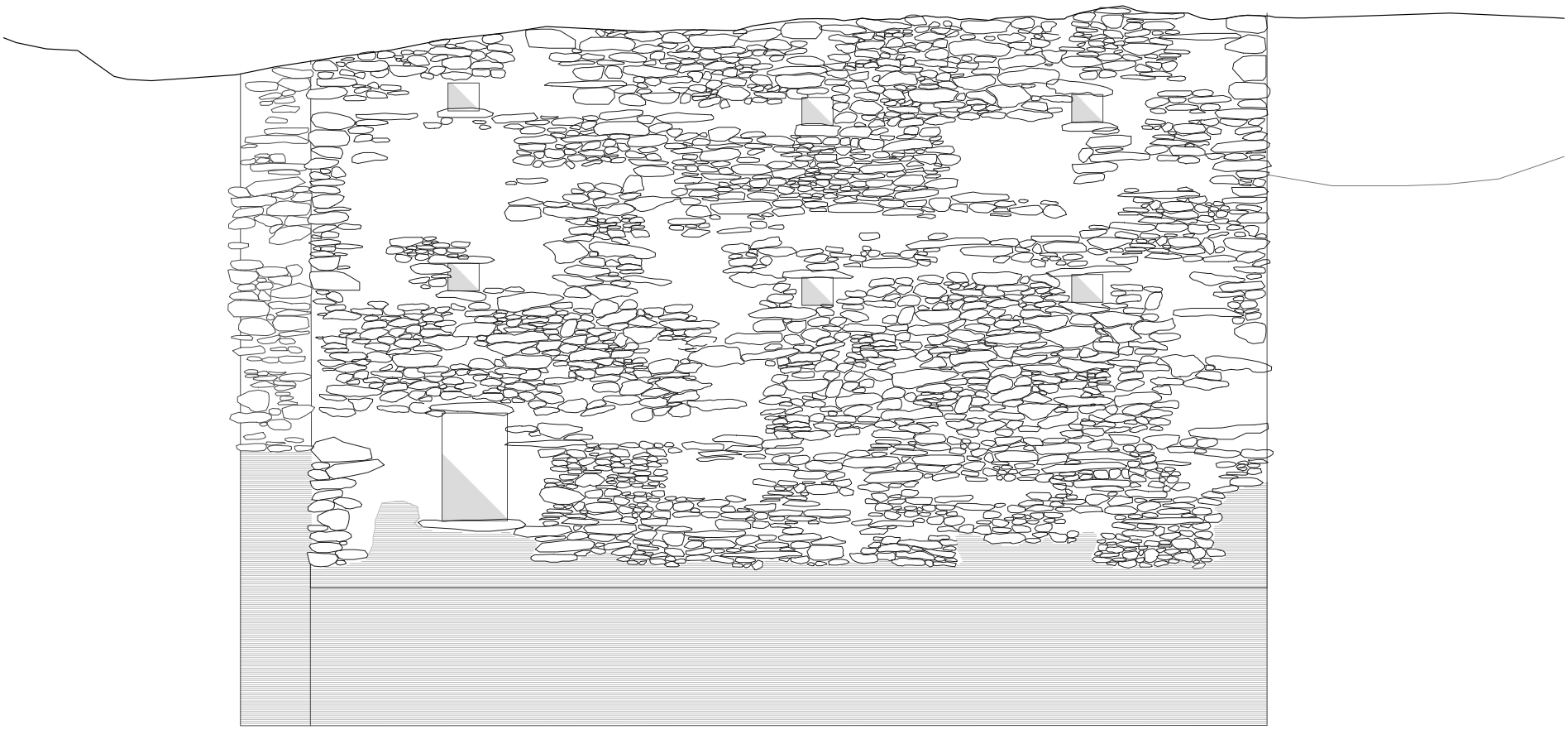


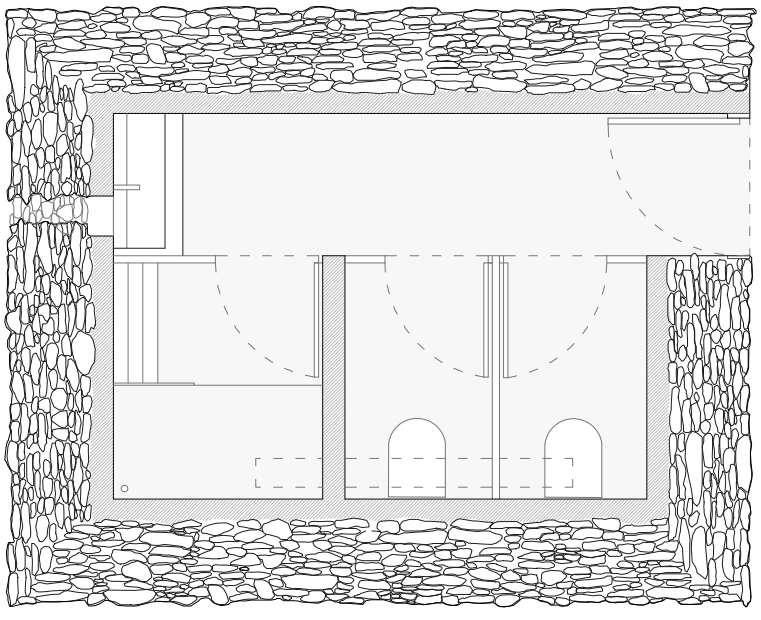


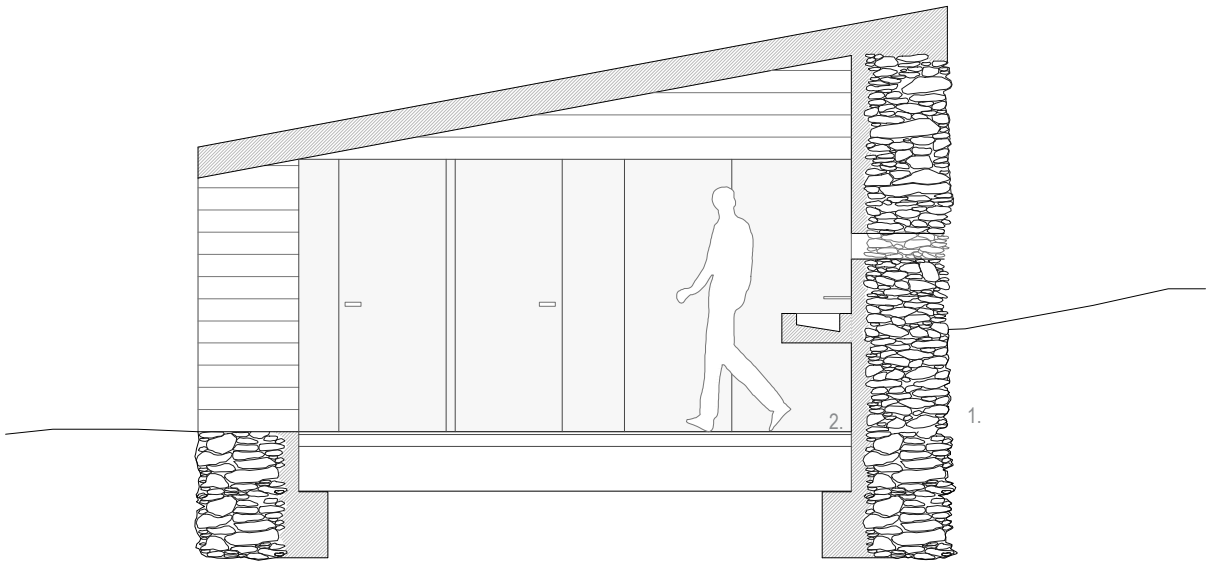


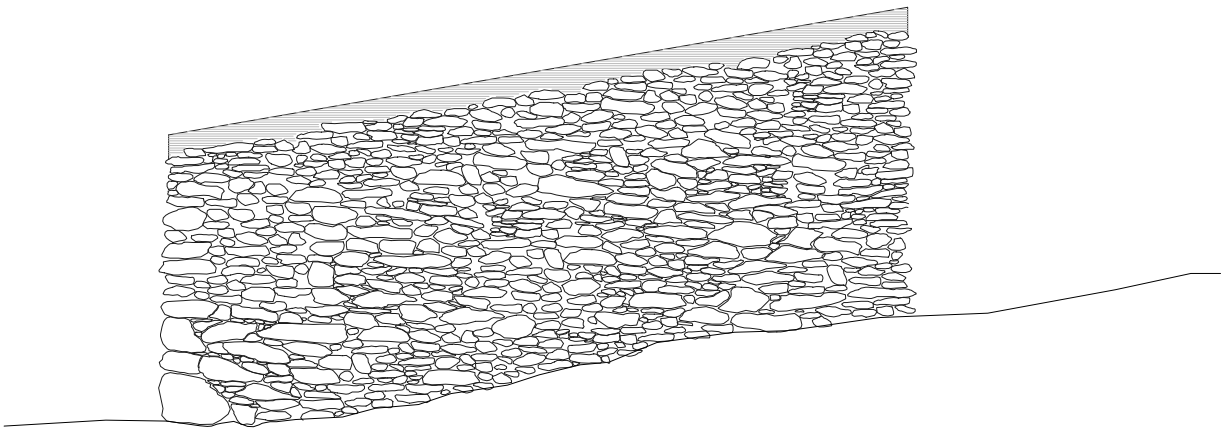
|0 |0,25|0,50 |1 m |2m

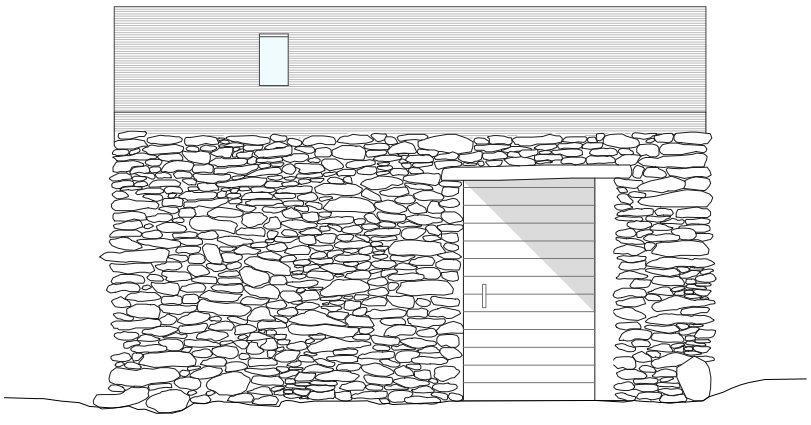












0 0,50 1 m 2m

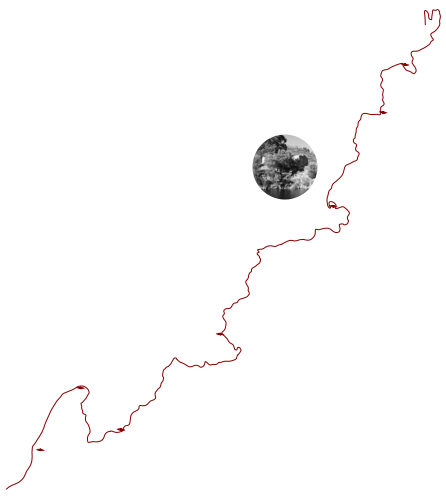












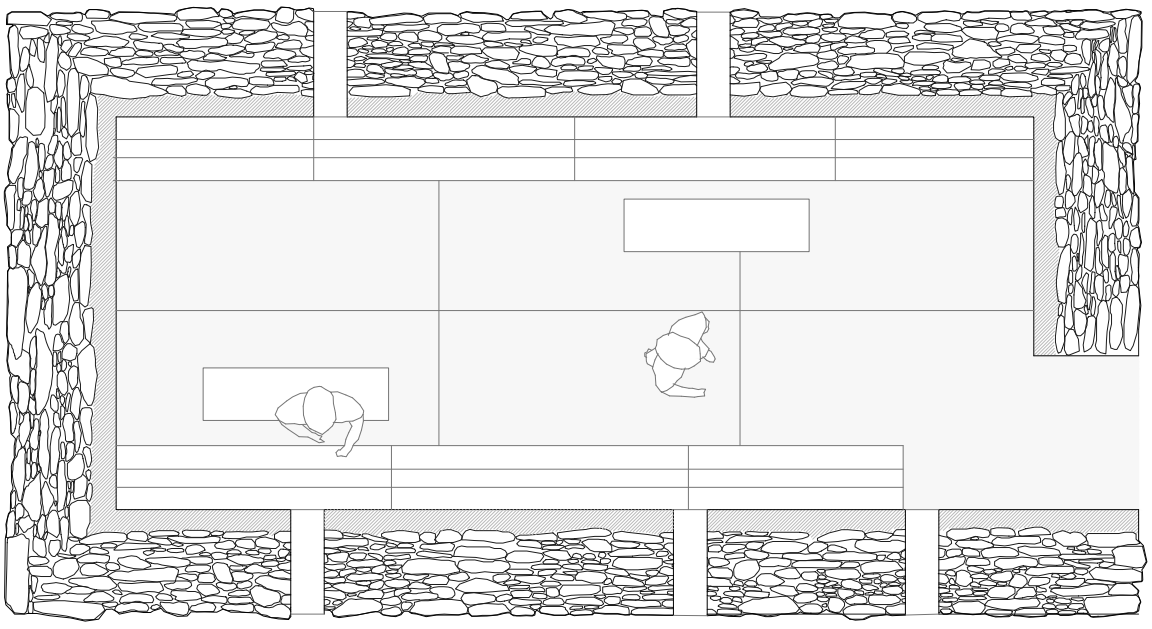
Fig. 439 | 442
Ortofotomapa de localização do abrigo e fotografias

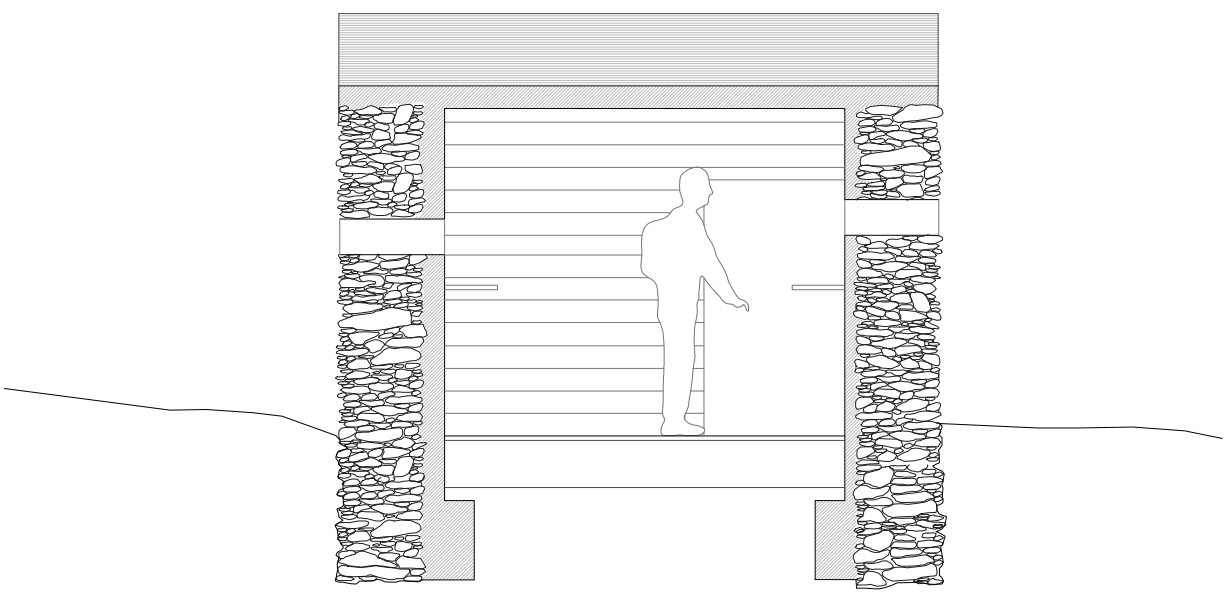
Fig.438
Desenhos da intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

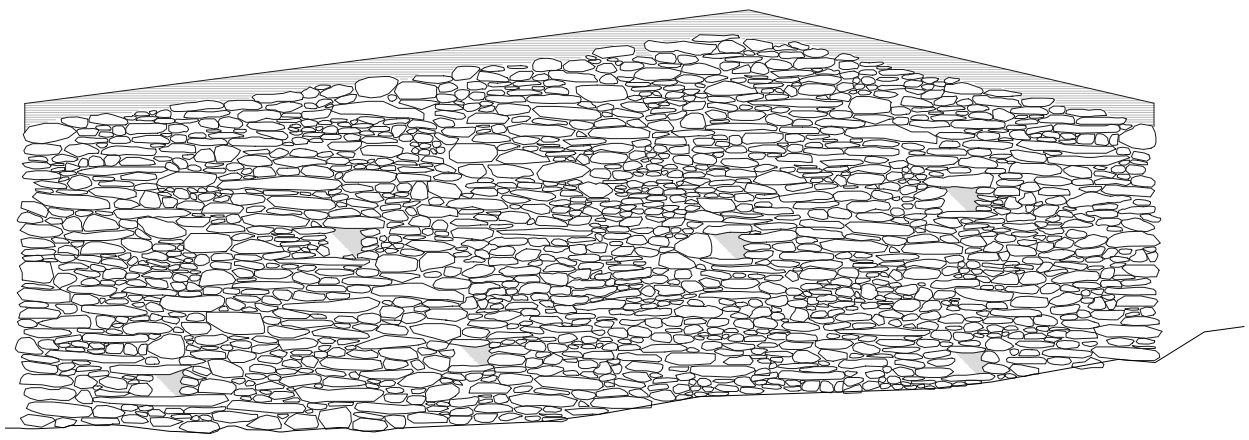
Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada
Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Soalho de madeira de pinho (piso usperior)
betonilha (piso inferior)

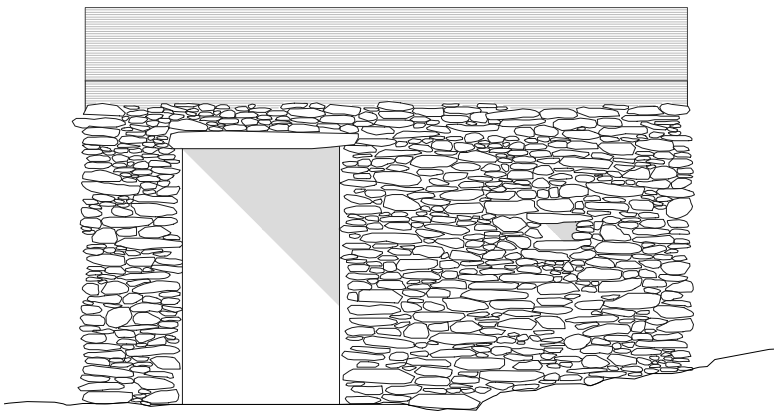
Programa Inicial: Palheiro
Características Gerais:
Forma: retangular (4x5m)
Tipo: 1 água
Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)
Argamassa de assentamento: cal/barro
Função estrutural: parede portante exterior
Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada
Pavimento: Terra compacta
Cobertura: telha canudo, assente sobre uma estrutura de madeira fixa nas fachadas
Vãos: constitui apenas uma abertura na fachada posterior
Programa Proposto: Balneários

Este encontra-se inserido numa área, que foi reconvertida num espaço para piqueniques e lazer, junto à Ribeira do Vale. Este apresenta a sua estrutura exterior intacta, no entanto, o seu telhado ainda que aparente estar intacto, a sua estrutura de madeira abateu, estando bastante danificada e em perigo de queda. A proposta passa por dotar este espaço, com funções de apoio aos que usufruam do percurso e das áreas de lazer acima referidas e aproveitem a ribeira, para se refrescarem no verão; daí que se propõem torna-lo num pequeno balneário.

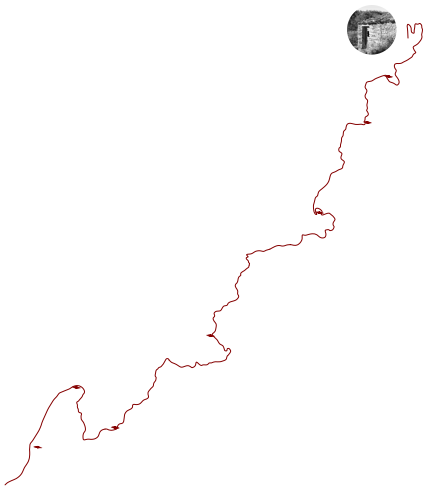


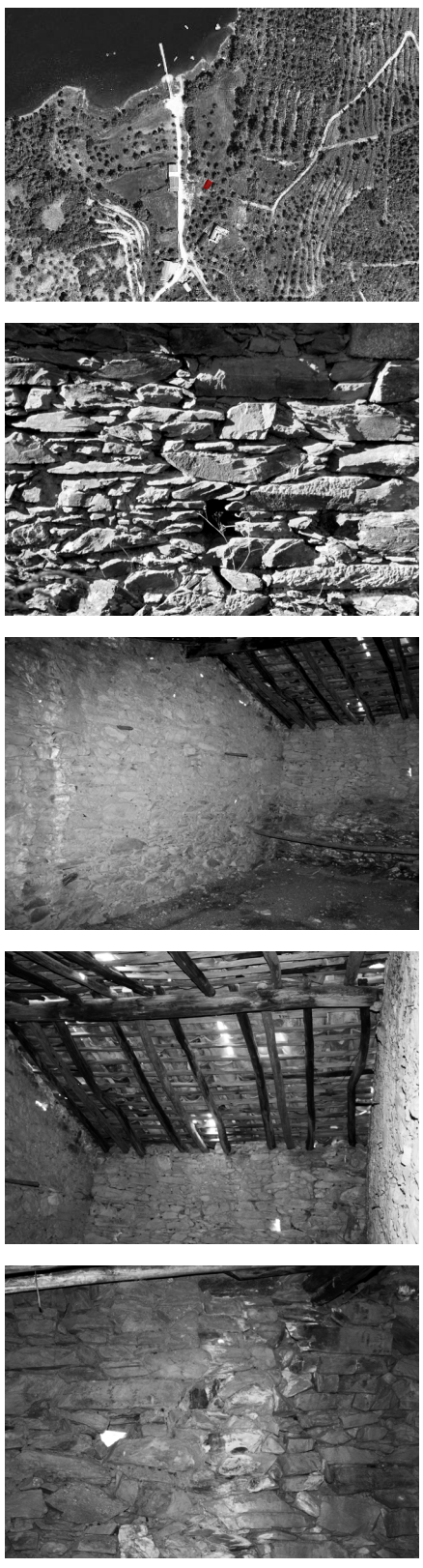






0 0,50 1 m 2m





Programa Inicial: Palheiro

Características Gerais:

Forma: retangular (4,20x7,50m)

Tipo: 2 águas

Materialidade:

Paredes: exteriores expressas (0,60cm), em alvenaria de pedra (xisto)

Argamassa de assentamento: cal/barro

Função estrutural: parede portante exterior

Técnica de assentamento: pedra semi-aparelhada

Pavimento: Terra compacta

Cobertura: telha canudo, assente sobre uma estrutura de madeira fixa nas fachadas

Vãos: constituem-se por 10 aberturas dispersas nas fachadas

Programa Proposto: Posto de birdwatching e leitor da paisagem

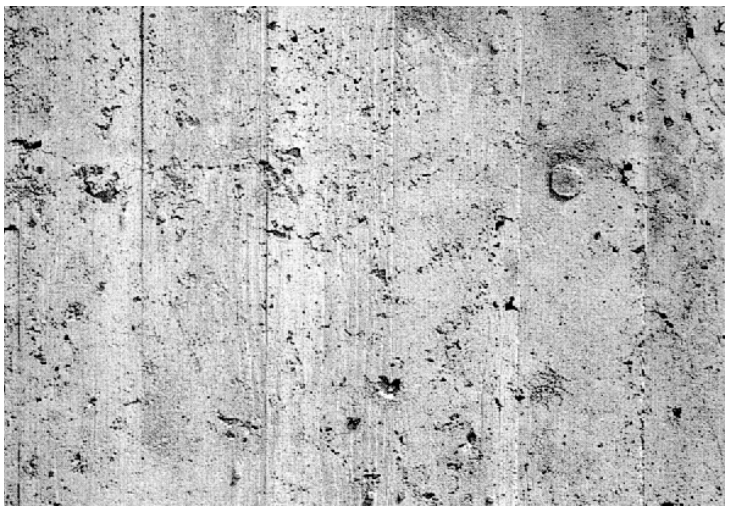
Dada a sua localização próxima ao Monumento Natural das Portas de Rodão, numa área assinalada como IBA - Important Bird Area, este é reconvertido num posto de Birdwatching e leitor da paisagem. O seu espaço interior constitui-se da mesma maneira como o abrigo do Fratel, acima referido.

Fig. 444 | 446
Ortofotomapa de localização do abrigo e fotografias

Fig. 443
Desenhos da intervenção
Planta, Corte Transversal e Alçados

Legenda:
1. Parede de alvenaria de xisto, recuperada
Parede em betão aparente com estereotomia em réguas de madeira
2. Soalho de madeira de pinho (piso usperior)
betonilha (piso inferior)





A INTERVENÇÃO
CONSTRUÇÃO E MATERIALIDADE

"A intervenção actual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea. (…) restaurando, corrigindo, repondo ou, ao contrario, demolindo qualquer elemento espúrio que provoque a opacidade na leitura clara da essência do projecto global (…)" Alves Costa[57]

Há cada vez mais, um maior interesse pela preservação do património construído, e fazer com que as memórias construídas no passado, perpetuem no presente. Ao reutilizar estas estruturas vernaculares já inscritas no território, acrescentamos uma camada contemporânea ao lugar, e ao elemento de constante transformação, o território. A reabilitação é um procedimento que pode assumir intensidades distintas, consoante o grau de intervenção exercido sobre a estrutura intervencionada: esta pode remeter para a preservação integral dos espaços, ou para a quase total supressão da sua essência. É por isso necessário, conhecer o elemento no qual vamos intervir, de forma a encontrar um equilíbrio entre o que permanece, o que se destrói e o que se recria. Quando trabalhamos sobre estas construções, elas não são apenas pontos de partida, nos quais se pode acrescentar, destruir ou repor elementos; elas podem permanecer, e continuar a ter um papel integral no novo desenho. Nas diversas formas de intervenção, consolidação e preservação destas construções, o que se procura não é a sua recuperação na íntegra, mas estabelecer uma solução, que se adeqúe a todas, e as identifique, para que a leitura global do projeto seja unitária.

Recuperam-se as fachadas, substituem-se pavimentos, e suprimem-se as coberturas existentes e todos os anexos dispensáveis. Todas são intervencionadas, através de um único material: o betão. Este funciona como uma membrana que preenche, refaz e substituí as peças em falta: desde as coberturas, às lajes, e ao preenchimento das falhas existentes nas paredes de pedra; cria o mobiliário como os lavatórios, os bancos e os tanques. A madeira das cofragens é tratada e reutilizada, nos postos de birdwatching, para a criação do mobiliário de apoio, como a mesas e os bancos. Paralelamente a estes materiais, é utilizado o ferro na estrutura das escadas e nas guardas, presentes nos espaços de estadia, e o vidro, nos vãos dos abrigos da Ribeira de Nisa e Figueiró. Nestas intervenções foi possível combinar os elementos pré-existentes, como a paredes de alvenaria de pedra, com materiais contemporâneos, como o betão ou o ferro. Não se pretende fazer grandes obras, com grandes isolamentos e outros materiais construtivos; o espaço gerado é em si simples, procura respeitar a simplicidade dos materiais e do espaço primitivo dos palheiros, do moinho e do lagar. Apenas se intervém com o essencial para que permaneçam, e tornem mais cómodos para os viajantes. Este é um projeto de contrastes entre os novos materiais e os materiais originais, é o encontro entre o passado e o presente.

Estas intervenções dotam o percurso com estruturas que ajudam os viajantes ao longo da viagem; ajudam à compreensão do espaço que atravessamos, sugerem a paragem e ao usufruo dos mesmos, e do território envolvente. Mostrou-se que o Tejo é mais do que Lisboa, por entre margens vamos descobrindo e conhecendo, as diversas paisagens que o compõem, as cidades, as vilas e as pequenas aldeias, que se vão mostrando dispersas na paisagem; as vivências que sobre um território se foram forjando, e aquelas que foram ficando para trás, na história do desenvolvimento do país, e das estruturas desconhecidas por muitos, e de outras perdidas no tempo. Nestes últimos capítulos, traçou-se um retrato deste território, tanto pelo que se fotografou, como pelas viagens empregues na sua descoberta, como pelas histórias contadas pelas pessoas destes lugares.
Os arquitectos vêem qualidades em lugares, que outros não vêem ou não lhes dão relevância ou o devido valor, através das suas intervenções, mais simples ou mais fortes, conseguem tornar essas qualidades existentes num lugar, mais evidentes; através da arquitectura pode contar a história, reconstitui-la ou regenerando-a com um novo propósito; e a partir daqui, criar um novo olhar sobre o território. Através do desenho e redesenho, destes espaços destes territórios, reescreve-se a sua história. É ao aproximar-nos do fim deste percurso, que chegamos a Vila Velha de Rodão.

Fig. 447 | 448
Matererialidade
Pedra e Betão

[57]ALVES COSTA, Alexandre. A arte de construir a transformação. Património/ Estudos. [Em linha]. nº3 (2002). p. 124-127. [Consult. 27 Nov. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaestudospatrimonio/n3/Estudospatrimonio3.pdf >. p. 127







O HOMEM E A PAISAGEM

"Em Vila Velha de Rodão a natureza impõem-se ao homem e surpreende-o pelo vigor das suas formas agrestes e voluptuosas, berço de pedra onde o Tejo se deita." Graça Batista[58]

Ao continuarmos a percorrer o território, por entre uma topografia abrupta, é ao aproximarmo-nos do término do percurso que esta parece dar tréguas, perante o nosso olhar a paisagem altera-se: o vale estreito do Tejo alarga e aplana, no leito do rio surge um pequeno braço de terra apelidado de Ilha das Virtudes; a vegetação nas margens é menos densa e baixa - os vastos eucaliptais dão lugar, a olivais e terrenos cultivados - permitindo-nos ter uma maior perceção do que nos envolve.
Diante de nós, deparamo-nos com a presença assombrosa de uma gigante "muralha" quartzítica que domina toda a paisagem: esta é interrompida por um estreito vale que o rio nela escavou, e por onde o seu leito passa agora subjugado, por entre as cristas quartzíticas que a formam. A este acontecimento de índole geológica e ao atravessamento que o rio criou, surge o momento singular de paisagem que conhecemos por Portas de Rodão.

As Portas de Rodão - e toda a sua envolvente - são o ex-libris natural, que caracteriza e que se impõem perante os concelhos de Nisa e Vila Velha de Rodão. Pela sua forma imponente, a sua presença é inegável na paisagem, podendo sendo observada a vários quilómetros de distância, funcionando como um marco de referência geográfica. Em conjunto com o Tejo, este lugar assumiu um importante papel simbólico e cénico, no desenvolvimento e na descrição, dos acontecimentos da história do rio e das povoações, que junto a eles se fixaram: as margens do rio e as encostas das cristas, abrigaram algumas das comunidades mais antigas da Península Ibérica; testemunharam e auxiliaram, alguns dos movimentos militares mais importantes, da conquista e defesa, do território português. Foi na encosta que o pequeno povoado Vilha Velha se fixou, e trouxe novamente as gentes a habitar este lugar inóspito; foi mais tarde, já enquanto Vila Velha de Rodão, que a sua história se funde com a difícil navegabilidade do Tejo e começaram as grandes transformações da paisagem.

Dada a sua singularidade e pela riqueza da sua paisagem natural, e a presença de um importante património cultural a elas associado, esta área foi classificada em 2009 enquanto Monumento Natural; este encontra-se inserido nos já referidos: Parque Natural do Tejo Internacional e no Geopark Naturtejo da Meseta Meridional. Actualmente são estes os factores, que impulsionam o conhecimento, e o desenvolvimento económico e turístico destas regiões.

Fig. 449
As Portas de Rodão

[58]BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. p.9











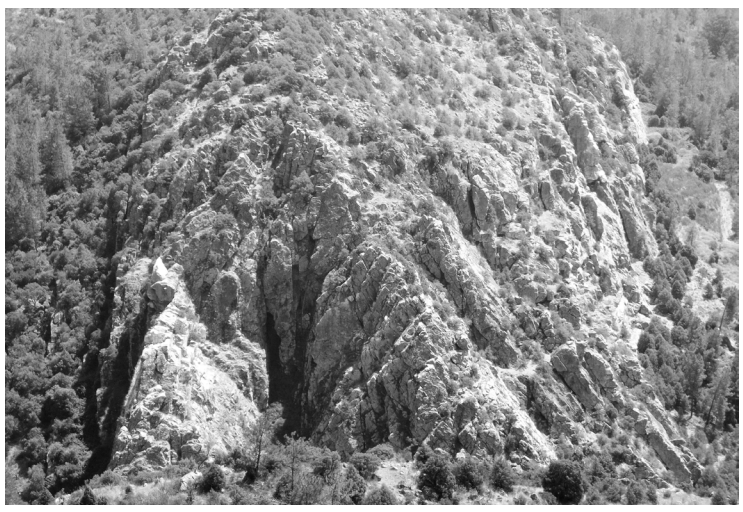




Fig. 456
Extrato da Carta Geológica da área em estudo
Monumento Natural das Portas e Rodão



Fig. 457
As Portas de Almourão

PORTAS DE RODÃO

FORMAÇÃO DO LUGAR

A constituição deste lugar teve início, há mais de 500 milhões de anos. Inicialmente, todo este território era aplanado, só depois no Período Ordovícico (ocorrido entre 488 e 443 milhões de anos) é que se assistiu, à alteração da sua morfologia, com o irromper das cristas quartzíticas. Foi entre o Período do Mioceno e do Plioceno (ocorridos entre os 24 e os 5 milhões de anos e entre os 5 e os 2 milhões de anos, respetivamente), que se seguiram novas transformações, que modificaram a sua face: os desgastes provocados pela erosão, gerada pelas fortes correntes de água, transformaram-nas numa paisagem semelhante ao que hoje conhecemos.

Foi há dois milhões de anos - no Período Quarternário - que se sucederam as últimas transformações do lugar: com o recuo dos mares e o dissolver dos glaciares, impuseram-se novos cursos nos rios: estes escavaram por entre rochas, vales mais profundos que alteraram a morfologia terrestre. Foi neste período, que o Tejo começou a traçar o seu percurso e a criar os vales abruptos que o caracterizam, até embater, na “muralha” quartzítica que se encontrava no seu caminho; o rio aqui, foi forçando a sua passagem até a quebrar, impondo o seu curso, por entre a fenda das Portas de Rodão. Assim, “venceu o desafio o rio, cujas águas, redobradas de força e tenacidade, rolaram pedras e areias que rasgaram as fendas na terra que antes lambiam e, numa insistência hércula, aprofundaram e alargaram a estreita passagem de paredes gémeas, até atingirem o equilíbrio inadiável entre a nascente, que é o seu princípio, e o mar que é o seu fim.” (Batista, 2001)[59].

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA

Toda a paisagem desta região é dominada pela presença, dos relevos paralelos das cristas quartzíticas[60]. Estas imperam, ao longo de três concelhos: o de Proença-a-Nova, Vila Velha de Rodão e Nisa. Consoante o concelho que cruzam, assumem diferentes designações: em Proença-a-Nova são conhecidas por Serra do Chão Galego, no concelho de Vila Velha de Rodão por Serra da Vila, Serra do Perdigão e Serra do Penedo Gordo e em Nisa, por Serra de São Miguel, Serra do Paúl e Serra da Corga. No entanto, as cristas são maioritariamente conhecidas, por Serra das Talhadas.
As cristas quartzíticas são uma ocorrência natural de índole geológica, que se estende sobre uma vasta superfície do território português: estas alongam-se no sentido NW-SE (entre Proença-a-Nova e Nisa) e medem aproximadamente 30Km de comprimento, oscilando entre os 875m e os 2500m de largura.

Estas começam por surgir no território, como uma só, sendo que a meio do percurso, esta se desdobra em duas cristas paralelas, separadas por um vale entre si. O cimo das cristas, é caracterizado por rombos de xisto e por finos perfis dentados; as suas linhas de cumeada ultrapassam os 500m, sendo os seus pontos mais elevados o de Chão de Galego (641m) em Proença e o do Penedo Gordo (570m), em Rodão. Os seus declives rondam os 16%, no entanto junto às Portas de Rodão, estes excedem os 25% e em alguns locais, são acima dos 50%; os declives mais fracos localizam-se nas bacias de abatimento de Rodão (junto à foz da Ribeira do Enxarrique) e no Arneiro (na área do Conhal do Arneiro).

As cristas são atravessadas perpendicularmente em dois locais, onde perneiam o rio Tejo e o rio Ocreza; estes atravessamentos criaram dois momentos particulares: as Portas de Rodão (já aqui descritas) e as Portas de Almourão, respetivamente. Ambos são acontecimentos de índole geológica idênticos, onde pela ação dos rios sobre as cristas, se geraram vales estreitos, por onde os seus leitos passam; a diferença entre ambos reside na sua escala, contudo o mais relevante, são as Portas de Rodão, pelo património natural e cultural que preserva e lhe está associado.

Fig. 450 | 455
Serra das Talhadas. vista de Nisa
Portas de Rodão . vista do ancoradouro do Conhal do Arneiro e da ponte metálica
Vistas da Serra das Talhadas

[59]Ibidem, p. 10
[60]Definição de crista quartzítica: Relevo saliente, de forma alongada e mais ou menos dentada (lembrando a crista de um galo), talhada, por erosão, em quartzito, um tipo particular de rocha estratificada formada por quartzo e, como tal, muito dura e resistente à alteração e à erosão. [Em Linha]. [Consultado em Janeiro de 2016]. Disponível na Internet: http://www.progeo.pt/cigc/glossario/crista_quartzitica.html

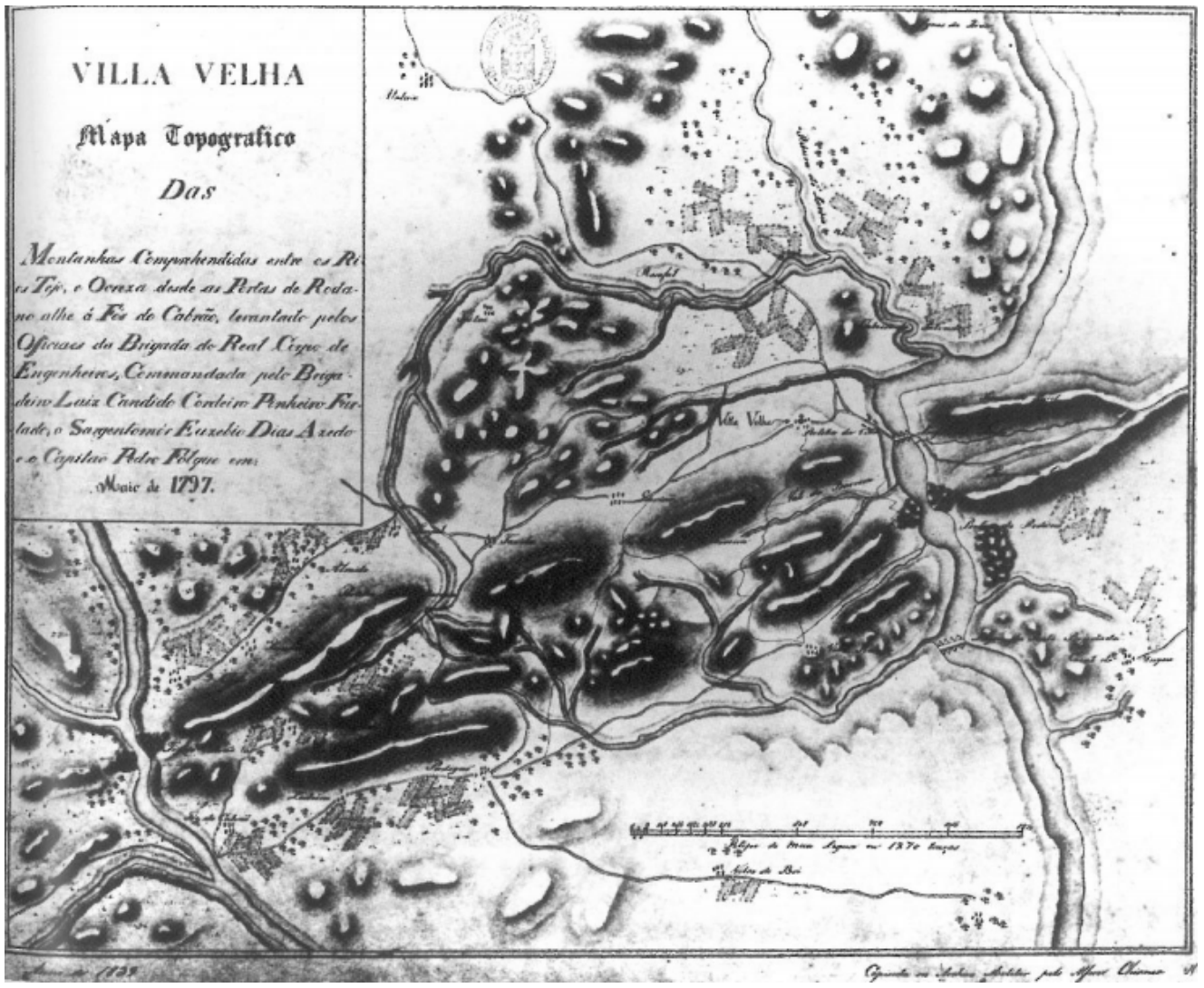

VILLA VELHA
Mapa Topografico
Das
Montanhas Comprehendidas entre os Ri
os Tejo, e Ocreza desde as Perdas de Roda-
no athe á Foz do Cabrão, levantado pelos
Officiaes da Brigada do Real Corpo de
Engenheiros, Commandada pelo Briga-
deiro Luiz Candido Cordeiro Penheiro Fis-
lade, o Sargento mór Euzebio Dias Azedo
e o Capitão Pedro Folque em
Maio de 1797.



Fig. 459
Figuras Rupestres . Rio Tejo



Fig. 460
Conhal do Arneiro



Fig. 461
Estação Arqueológica da Foz do Enxarrique . Porto do Tejo



Fig. 462
Panorama da travessia do Tejo, em Vila Velha até ao interior do Alentejo, pelo exército aliado em 20 de Maio de 1811



Fig. 463
Castelo de Rodão



Fig. 464
Bateria da Achada . Vila Velha de Rodão .Serra das Talhadas

Fig. 458
Villa Velha . Mapa Topografico das montanhas compreendidas entre os rios Tejo e Ocreza, desde as Portas de Rodão até à Foz do Cobrão . 1787

MARCAS DO PASSADO:
ENQUANDRAMENTO HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO URBANO

AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES

"Em grande parte a história do Tejo se confunde com a do próprio Homem. Assim é porque ambos nasceram e se desenvolveram ao mesmo tempo; assim é também porque em todas as épocas o primeiro sempre foi um elemento de atracção primordial para o segundo" Luís Raposo[61]

Numa região dominada por uma forte paisagem natural, marcada pela presença do rio Tejo e pelas Portas de Rodão, estes constituíram-se desde cedo, como elementos determinantes para os primeiros assentamentos neste local. As primeiras ocupações são referentes ao Período Paleolítico (ocorrido entre os 3 milhões de anos e os 10 000 anos a.C.): as primeiras comunidades que aqui circularam eram nómadas, viam na imponência das Portas de Rodão um importante referencial geográfico e assimilavam-no, como sendo o axis-mundi. Nestas margens do Tejo, encontraram as condições ideais para instalarem os seus acampamentos temporários; foi nas proximidades do Monte do Famaco, na aldeia de Vilas Ruivas e na foz do Enxarrique que se encontraram vestígios, com 150 000 mil anos, que documentam a presença destas comunidades. Foi há 6000 mil anos no Período Neolítico, que estas comunidades nómadas tornaram-se sedentárias e começaram a ocupar definitivamente esta região; cultivaram a terra, domesticaram animais e edificaram pequenos povoados, antas e menires. Nas margens do Tejo, gravaram nas pedras o seu culto: nelas figuraram símbolos, animais e pequenas narrativas da sua atividade; este conjunto de figuras rupestres constituem o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, como já referido anteriormente, grande percentagem deste, encontra-se submerso.

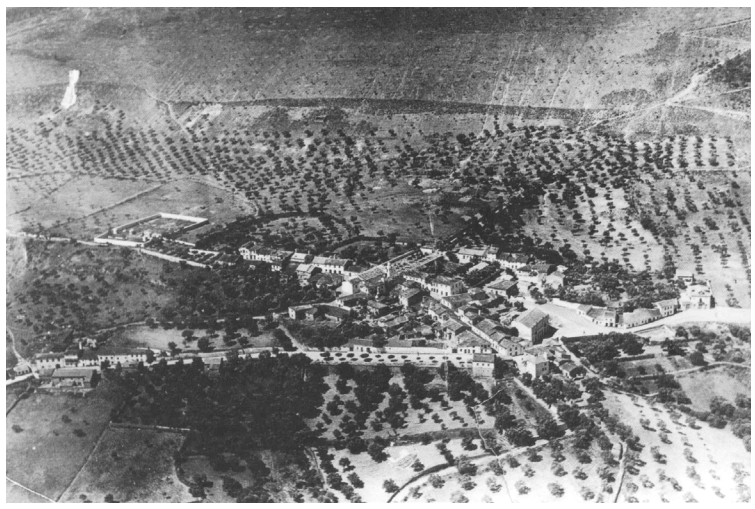
Séculos mais tarde, entre o séc. II e o séc. XII a.C., a região foi sucessivamente ocupada por romanos, bárbaros e muçulmanos. No período Romano esta região do Tejo, era conhecida por aurifer Tagus - por aqui se localizarem diversas explorações de extração aurífera – estes ocuparam a região e revolveram as margens do Tejo e do Ocreza em busca de ouro aluvionar, estas acções, resultaram em diversas conheiras[62], presentes nas margens de ambos os rios. Ainda hoje, persistem vestígios dessas explorações mineiras junto às Portas de Rodão, no Geosítio do Conhal do Arneiro. A presença romana é ainda sentida, pela presença de diversas infra-estruturas que persistem na região, como a pontes, troços de via, entre outros.

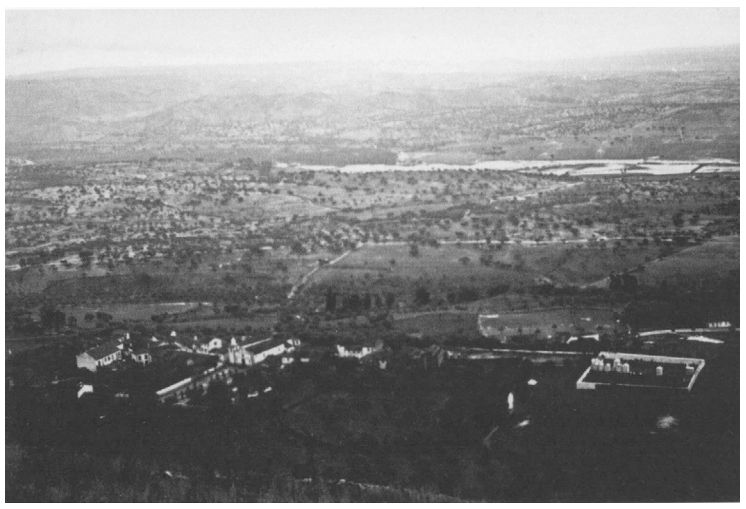
A HERDADE DA AÇAFA E CONTEXTOS BÉLICOS

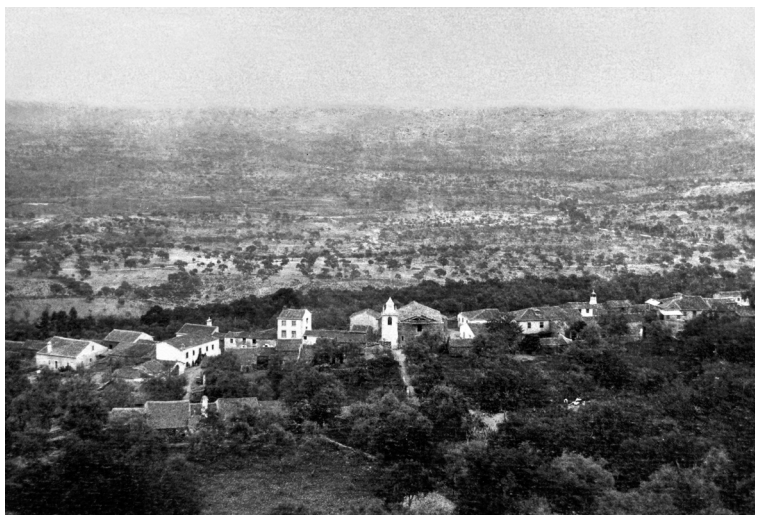
A Herdade da Açafa[63] era uma região do território português, que abrangia parte da atual Beira Baixa e do Alto Alentejo: os seus limites a norte do rio Tejo, correspondiam aos atuais concelhos de Vila Velha de Rodão e Castelo Branco, e parte do concelho de Oleiros, sendo delimitado a ocidente pelo rio Ponsul; a sul do Tejo, este abrangia a zona norte dos concelhos de Nisa, Castelo de Vide e Marvão e toda a região envolta do rio Sever e do rio Salor. Esta governada por D. Sancho I (1185-1211), foi doada em 1198 à Ordem dos Templários (em troca das igrejas de Mogadouro e Pedras Rubras), para que estes a povoassem e a defendessem, pois "terra de beira sempre foi este território, afastado dos centros de poder e ameaçado pelos invasores" (Batista, 2001)[64]. O Tejo neste troço constituía uma das fronteiras do território nacional, a topografia que assinala esta região, contribuiu para que este local se tornasse num importante ponto estratégico na defesa do território. Os Templários ao procederem à sua defesa, reergueram no cimo das Portas de Rodão a estrutura, de uma antiga torre-atalaia (que segundo consta, havia sido erguida no tempo dos visigodos, pelo Rei Wamba (672-680)), e edificaram uma muralha em torno dela. Este lugar constituiu-se assim, numa importante posição geoestratégica, no controlo de ambas as margens do rio e na sua navegabilidade.

"O contexto natural de Vila Velha de Rodão e a sua posição de charneira entre as Beiras e o Alentejo fizeram desta região uma zona militar de grande valor estratégico, cenário de conflitos bélicos que não cessaram após a reconquista cristã." (Batista, 2001)[65]. Foi no séc. XVIII e início do séc. XIX, que o Castelo de Rodão e a sua envolvente voltaram a ser um importante eixo de defesa desta região, ao impedir a travessia entre as duas margens do rio, e ao controlar a entrada de invasores pelo Alentejo, aquando das invasões francesas em 1762 e 1807, e da Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Deste tempo de conquista, reconquista e defesa, do território nacional nesta região, a presença do Castelo e das baterias que vieram a reforçar a Serra das Talhadas, são nos dias hoje, os testemunhos mais relevantes destes acontecimentos, daí este conjunto, ter sido classificado em

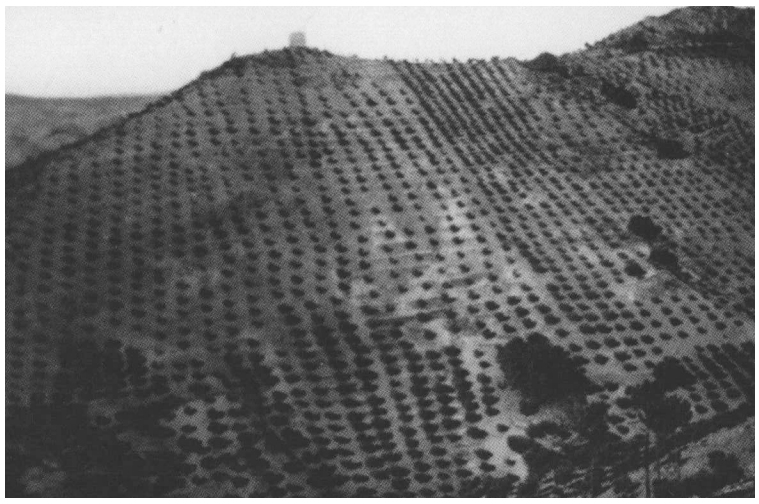
[61]Cit. por BATISTA, Graça. ibidem, p.51
[62]Definição de conheiras: são amontados de seixos rolados, resultante de escavação ao céu aberto de exploração mineira de ouro aluvionar pelos Romanos.
[63]A palavra Açafa é um topónimo derivado da palavra árabe as-saffa, que significa linha, fila, sebe ou valado. Esta palavra surge representada no mapa-mundo desenhado por Al Idrisi, em 1154, junto ao desenho do rio Tejo que atravessa uma fileira de montanhas que corresponde atualmente, à Serra das Talhadas. Info em: http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/o_occitejano.pdf Herdade da Açafa: p. 330
[64]Ibidem, p. 67
[65]Ibidem, p. 80

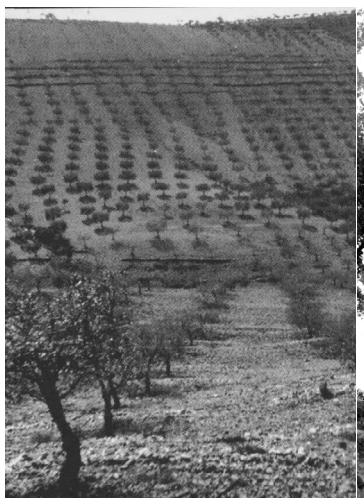














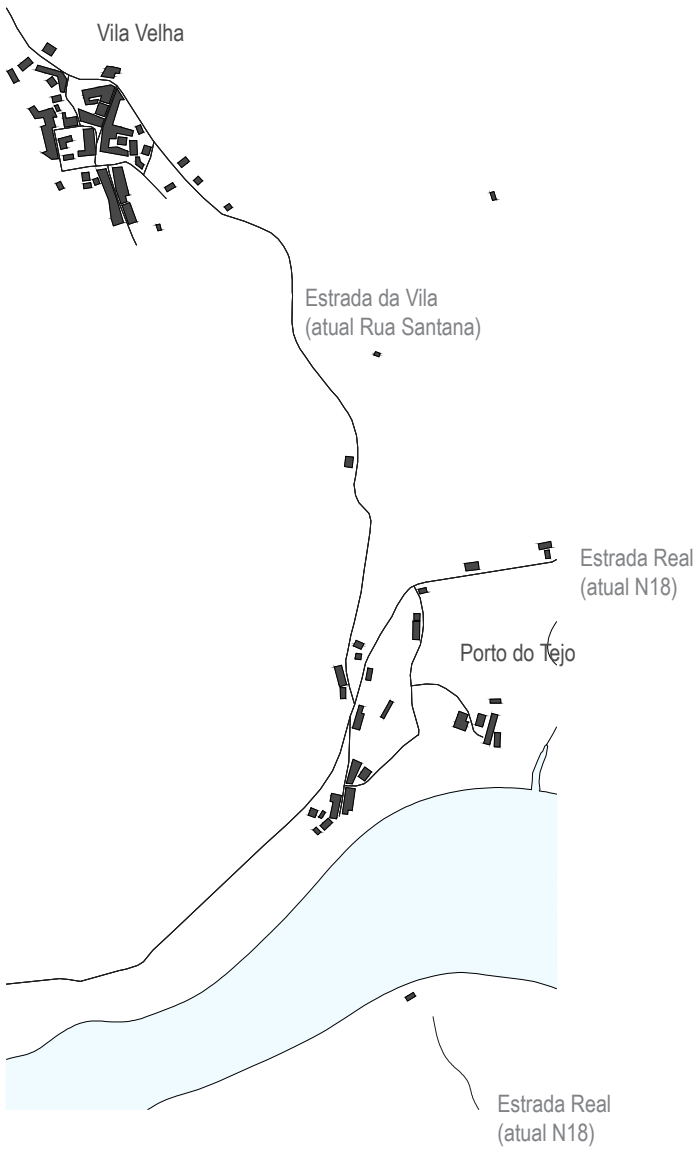


Fig. 464
A ligação entre Vila Velha e Porto dlo Tejo

No séc. XIII, ao termo Herdade da Açafa, veio corresponder o nome Rodão[66]. Esta região, ainda que ocupada e protegida pelos Templários, continuava a não ser atractiva à fixação de novos habitantes. No entanto, a meio da encosta da Serra das Talhadas, perto das Portas de Rodão, começou-se a formar um pequeno povoado, conhecido inicialmente por Vilha Velha, mais tarde por Vila Velha de Rodam e hoje, por Vila Velha de Rodão.

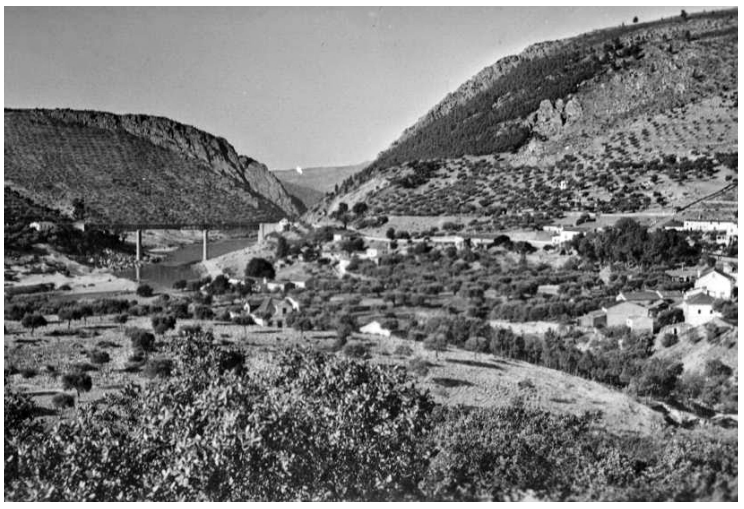
A vila é pela primeira vez referida, em 1242, num documento referente à doação de algumas das suas casas, por parte do mestre da Ordem dos Templários D. João Escritor, ao bispo da Guarda. A sua autonomia municipal, segundo atesta o pelourinho existente na vila, foi posterior ao séc. XIII. Pouco ou nada se refere sobre esta, até 1708: nesta altura, Rodão já pertencia à vigairaria da Ordem de Cristo e possuía, as quatro freguesias que ainda hoje lhe pertencem: Vila Velha de Rodam, Alfrívida (Perais), Sarnadas de Rodão e Fratel. A vila foi crescendo pouco a pouco desde então: em 1708 possuía 160 fogos e em 1768 cerca de 172; os censos realizados em 1864 atribuíram-lhe 355 fogos e 1454 habitantes e em 1878, 430 fogos e 1652 habitantes. A sua expansão continuou a realizar-se a meio da encosta da serra, em torno do largo do pelourinho e em volta da Igreja Matriz (erguida em 1595).

Dada a sua posição geográfica, e a escassez de acessos viários na região, os habitantes viram no rio uma forma rápida e acessível, de se ligarem ao resto do território. É por esta altura, que a história do crescimento da vila, se começa a fundir, com a história do rio e a sua navegabilidade.

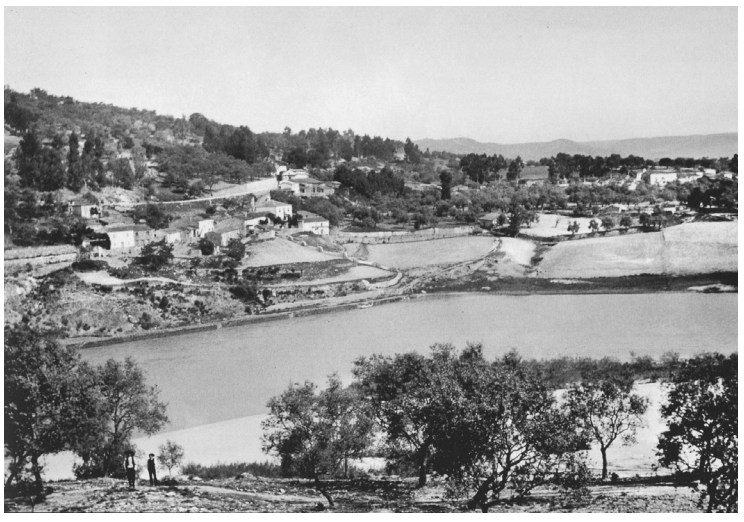
Fig. 465 | 471
Villa Velha e Castelo de Rodão
Vistas aéreas do núcleo da vila e envolvente

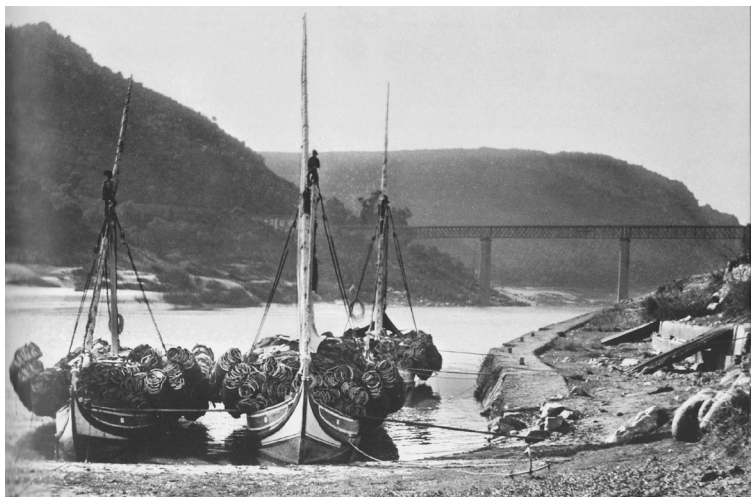
[66]O nome Rodão foi um dos nomes pré-romanos do Tejo, que significa rio violento.













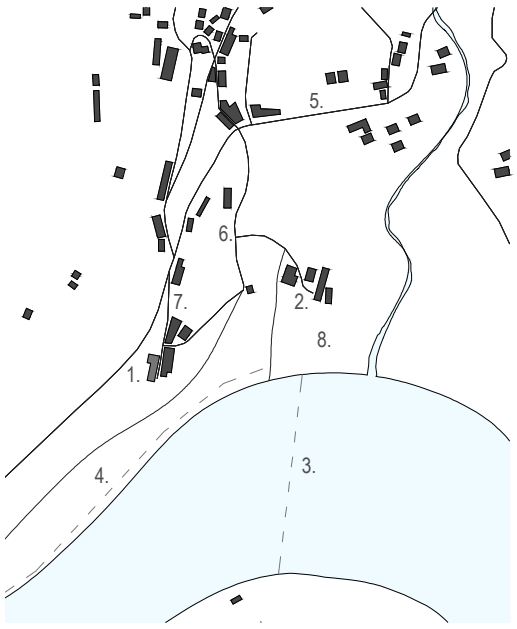


Fig. 479
Estrutura do porto fluvial . Porto do Tejo (séc. XIX)
1. Casa da Alfândega
2. Largo da Administração
3. Barcas | Ponte das Barcas
4. Muro de Sirga
5. Estrada Real
6. Rua do Porto do Tejo
7. Rua da Alfâdega
8. Tapada da Cortiça



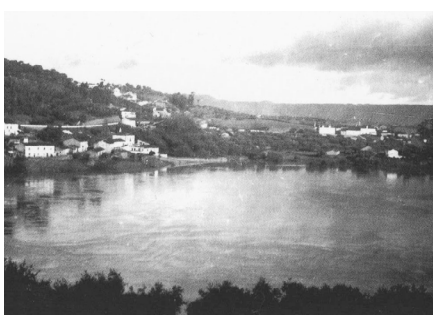


Fig. 480 | 481
As cheias do Tejo no Largo da Administração em Porto do Tejo . 1940

PORTO DO TEJO

O rio Tejo sempre se constituiu como um importante meio de comunicação, e ligação, entre as regiões interiores que atravessa. Em Vila Velha, este assumiu um papel relevante: sendo esta região do Tejo marcada por uma topografia bastante abrupta, esta foi durante séculos, um entrave ao desenvolvimento do sistema viário, e à ligação entre os povoamentos em seu redor. Este fator, levou a que o rio se tornasse, o principal meio de comunicação que impulsionou o seu desenvolvimento.

Paralelemente ao crescimento da vila e pela sua localização sobranceira ao rio, o seu porto fluvial gerou um pequeno arrabalde: Porto do Tejo. Ainda que a navegação do Alto Tejo fosse bastante dificultada entre Belver e Rodão, esta melhorou a partir do séc. XVI, após as obras realizadas na desobstrução do leito do rio, e com a construção dos muros de sirga, que auxiliaram a navegação até Porto do Tejo. O porto, localizado na mesma margem da vila, ligava-se a esta através de um caminho, que cruzava a estrada principal, que ligava a Castelo Branco (estas vias correspondem à actual Rua de Santana e Estrada Nacional 18).

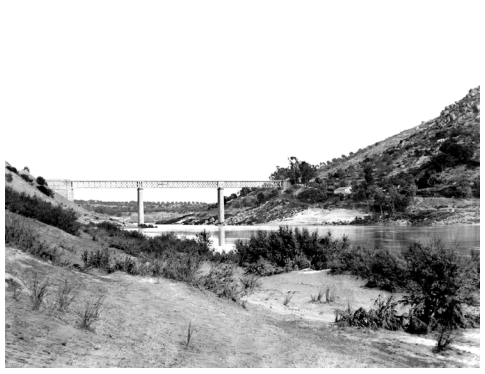
O porto possuía apenas duas ruas: a Rua da Alfândega (que ligava-se à estrada principal) e a Rua do Porto do Tejo. Esta última era a rua principal, e desenvolveu-se paralelamente ao rio, fazendo com que o porto evoluísse nesse sentido: este começava junto à foz da Ribeira do Enxarrique e terminava nas imediações do local onde hoje se encontra a ponte metálica. A sua frente ribeirinha era demarcada pela presença de um muro de sirga, que delimitava quase toda a margem ao longo do porto; ao contrário de outros portos fluviais, este não possuía nenhum cais acostável para as embarcações que aqui navegavam – a fragata e o picareto – estas, acostavam diretamente na margem, cuja inclinação natural formalizava uma pequena rampa.

Daqui partiam embarcações carregadas de lã, cortiça, azeite e vinho, rumo a Sul; perpendicularmente a esta ligação, existia uma outra entre as duas margens: através de umas barcas, era feita a passagem de mercadorias, pessoas e de gado transumante, rumo ao Alentejo. Acima do cais, havia um grande descampado, onde eram alojadas as pilhas de cortiça e madeira, que seriam mais tarde exportadas; um pouco mais acima do leito de cheia do rio, e numa área mais elevada que oferecia proteção das cheias do Tejo, encontrava-se o Largo da Administração, daqui começava a Rua do Porto do Tejo - ladeada por algumas habitações, de pessoas que ali exerciam actividades, e pequenas industrias – ligava mais adiante à Alfândega e ao Posto Fiscal. À medida que ganhava mais importância, o porto começou a expandir em direcção à estrada, que ligava a Castelo Branco e à vila.

Este foi o porto fluvial mais relevante no Alto Tejo. Veio a tornar-se o centro económico da vila e da região, ao proporcionar diversas trocas comercias com Espanha e com os vários portos fluviais do Tejo, e por estabelecer, uma ligação fluvial entre o interior e o litoral do país; contudo no fim do séc. XIX, a sua importância começa a decrecer: com a conclusão da ponte metálica, que veio unir o Alentejo e a Beira, anulou-se a travessia das barcas que se realizava até então. Mais tarde, com o advento do caminho-de-ferro da Linha da Beira Baixa e com desenvolvimento do sistema viário, fez com que o tráfego fluvial fosse diminuindo, até se extinguir por completo em 1924; isto levou à perda da importância económica gerada até então, pelo porto fluvial à vila, e iniciou-se, o gradual afastamento do rio e despovoamento junto ao porto.

Fig. 472 | 478
Porto do Tejo
Vistas gerais e o antigo porto fluvial





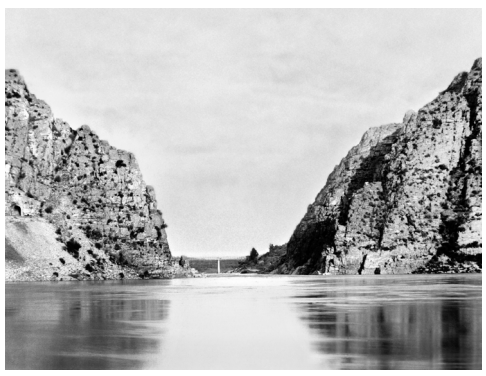
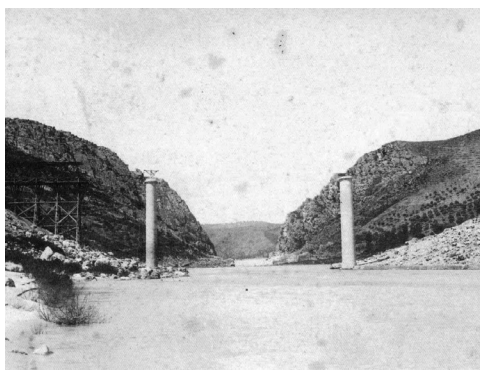
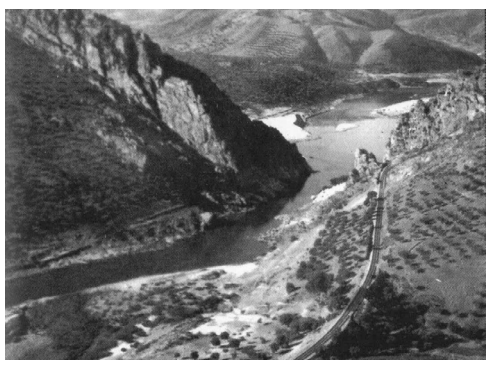








Fig. 489
Planta da Fábrica da Portucel

Fig. 481 | 488
O rio Tejo e as suas margens, antes da construção da Barragem do Fratel . Zona de Vila Velha de Rodão

TRANSFORMAÇÕES DO LUGAR
TEMPOS DE MUDANÇA

Com o declínio da importância da navegabilidade, e das actividades ligadas ao rio e ao porto fluvial, assiste-se ao surgimento de uma nova economia, assente nas suas margens: a olivicultura e a produção de azeite. Esta levou à revitalização da economia local e gerou uma profunda alteração da paisagem: "todas as ladeiras da Serra do Perdigão (Talhadas), dum e outro lado do Tejo, foram transformadas em gigantescas escadarias e cada oliveira tem o seu pé, para suster a terra de que necessita, um murosinho de pedra solta" (Ribeiro, 1985)[67]. O cultivo intenso do olival em calçadas[68] proliferou, não só junto a Vila Velha de Rodão mas também, ao longo das encostas do vale do Tejo até Belver, modificando a sua face.

A agricultura tradicional, foi durante anos a principal actividade económica da região, no entanto gerava um fraco retorno para as gentes que trabalhavam a terra; é então que tudo muda. Começa-se a assistir a um forte êxodo rural e à emigração, que foi despovoando uma região já de fraca densidade populacional. Se em 1940, existiam no concelho de Vila Velha de Rodão cerca de 9607 habitantes, em 1970, existiam apenas 6696 pessoas. Na segunda metade do séc. XX, numa altura em que o país começava a modernizar-se, e a transitar entre um interior essencialmente rural, para um embrionariamente industrial, assistiu-se a duas alterações profundas, tanto na paisagem como na vila, após a edificação da unidade fabril da Portucel em 1971, e com a conclusão da Barragem do Fratel em 1973.

A primeira impõem-se na paisagem pela sua escala, assumindo uma presença inegável na vila. Para a sua construção, esta unidade de produção de pasta de papel, ocupou diversos terrenos agrícolas nas imediações da vila, fazendo grandes transformações no território, ao terraplanar toda a área onde se insere; influenciou inicialmente a plantação de extensos pinhais, e mais tarde, de eucaliptais nas áreas envolventes, alterando a utilização dos solos e o cobro vegetal da região, onde predominava o olival. A sua construção incentivou desde logo, o crescimento da vila com a chegada de novos habitantes que vieram trabalhar na sua construção, e outros que nela ficaram a trabalhar; nos dias de hoje, é o seu principal empregador. A segunda, alterou artificialmente a paisagem, ao modificar as condições naturais e biofísicas do rio, com a represa do seu caudal e consequente subida, esta condicionou a navegabilidade do rio e alterou os seus limites primitivos, submergindo parte do seu património cultural. "O rio revolto de outrora é hoje sepultura de azenhas caídas em desuso, de um porto atingido pela decadência, de muros de sirga que em tempos ajudaram o homem a dominá-lo, de milhares de gravuras rupestres, símbolos persistentes da vontade humana se manifestar" (Batista, 2001)[69].

[67]Cit. por GOUVEIA, Jorge. O Monumento Natural das Portas de Rodão. In Açafa [Em Linha] nº2, 2009. P. 48. [Consult. 22 Out. 2013]. Disponível na internet:< URL: http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Monumento_Natural_das_Portas_de_Rodao.pdf >.
[68]A grande maioria, dos olivais da região eram plantados em áreas de grande declive, face a esta dificuldade, cada oliveira era então suportada por um muro de contenção de terras, que se conhece por calçada.
[69]Ibidem, p. 18

Vale do Meio Dia
Ribª de Vilas
Vilar Ruivas
Horta Nova
Tapada dos Pintos
Vale do Lameirão
Barroca da Senhora
CASTELO
Virtudes
Ponta do Rodão
ALCARIA
K59
K58
K57
SERRINHA
Horta do Montinho
Horta do Badanel
Horta da Pedra Alta
Arneiro
Duque
Fratel
Tapada do

VILA VELHA DE RÓDÃO

VILA VELHA

Rodão

Porto do Tejo

Horta dos Olivais

Monte do Famaco

Quinta do Famaco

Quinta do Acafal

Casal do Cabeço

Mingarou

Monte da Charneca

CARVALHOS

Quinta da Corga

Montinho

Portela do Atalho

Monte da Portela do Atalho

Monte dos Barreiros

Rib. do Acafal

Rib. do Coxerro

Rib. do Lugar

K.132

K.133

K.134

K.135

K.136

K.137

K.138

K.139

K64

K63

K65



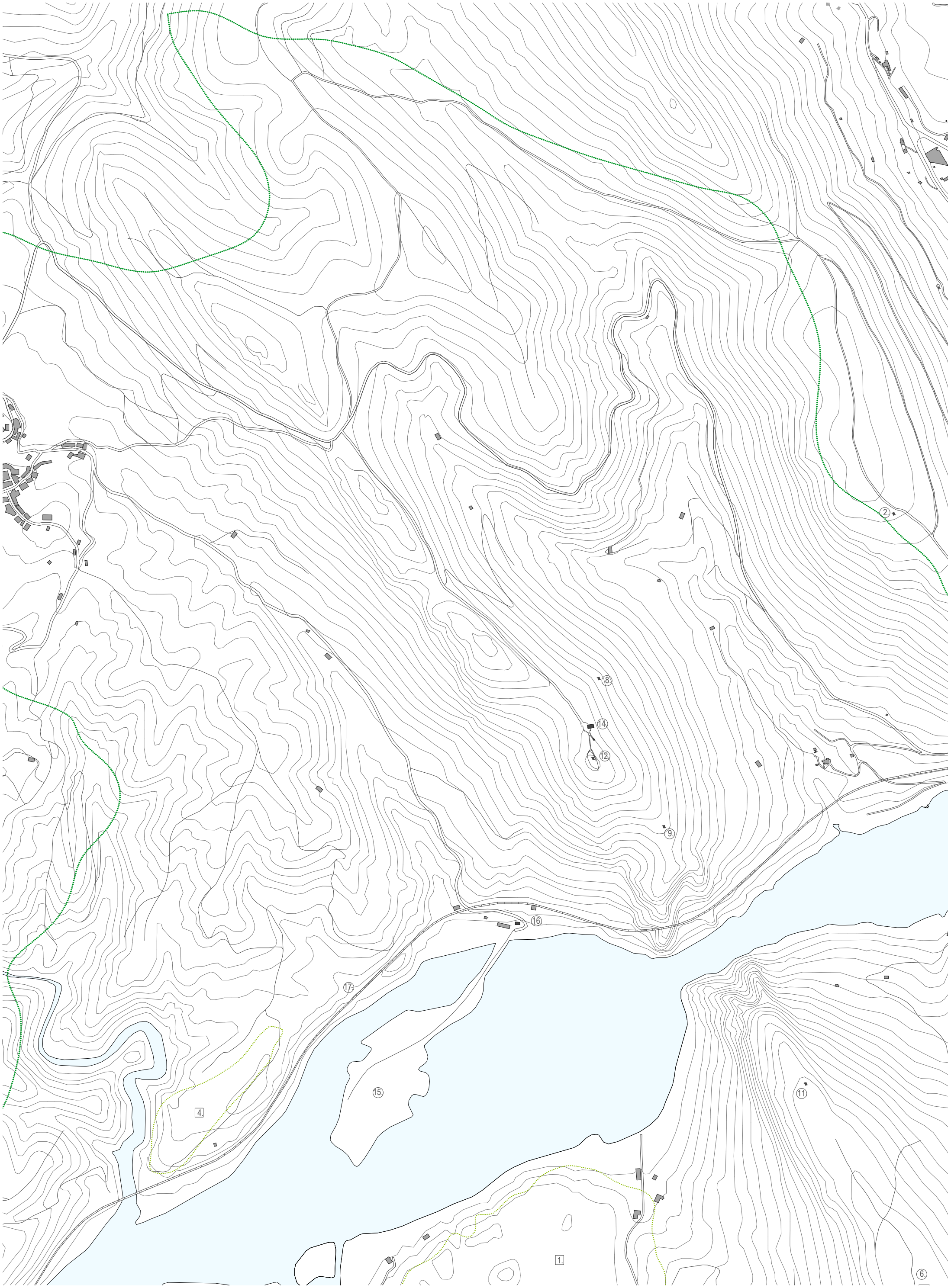
Fig. 490
Portas de Rodão antes da Construção da barragem .Vila Velha de Rodão . 1967



Fig. 491
Portas de Rodão .Vila Velha de Rodão . 2015


VILA VELHA DE RÓDÃ
CABEÇO DA
CASTELO DOS MOUROS
Vilas Ruivas
Tapada dos Pintos
Horta nova
Ribeira das Ferrarias
Ribeira de Vilas Ruivas
Vale do Lameirão
Virtudes
Portas do
ALCARIA
SERRINHA
SANTANA
M.te do Arneiro
M.te do Duque
Horta do Montinho
Horta do Badan
Horta da Pedra Alta
Tapada do Mo
Fratel
K58
K4
K3
K5
K62
K61
K60
K59
K57
K2
K1
1373

Porto do Tejo
ACHADA
Ródão
RODÃO
CELULOSE
Enxertique
Açafal
CERÂMICA
Q.ta do Açafal
Casa do Cabeço
Lucriz
Coxerro
Ribeira do
Mingarou
UNIBAGA
K118
K120
K121
K122
K123
K124
K125
K126
K63
K64
K65
18
1372
Horta dos Olivais
Sr.ª da Alagada
Monte do Farnaco
Quinta do Farnaco
Rodão
Quinta da Corga
Monte da Charneca
Charneca
Portela do Atalho
M.te de Portela do Atalho
Monte dos Barreiros
Ribeira
90


2.
8.
14
12
9.
16
17
15.
4.
11
1.
6.

Portas de Rodão e Vila Velha de Rodão

Limite do Monumento Natural das Portas de Rodão (2009)

Estações Arqueológicas e Geosítio

1. Geosítio Mina de Ouro Conhal do Arneiro : Antiga exploração de ouro na época romana, esta área é constituída por centenas de conheiras (amontoados cónicos de pedras retiradas das escavações).

2. Estação Arqueológica Foz do Enxarrique (Imóvel de Interesse Público . 1990). Neste local encontraram-se vestígios da sua ocupação que datam do Período Paleolítico a Romano.

3. área protegida das Oliveiras Centenárias de Rodão - entre a Foz da Ribeira Enxarrique à Foz da Ribeira do Acafal.

Localização das estruturas militares de Rodão

1. Bateria da Achada (séc. XVIII)
2. Bateria Torre Velha (séc. XVIII)
3. Bateria das Baterias (XVIII)
4. Bateria da Serra do Paúl (XVIII)
5. Bateria da Barroca da Corga (XVI)
6. Bateria da Serra da Corga (XVIII)
7. Fotim da Serra do Paúl (XVII)
8. Bateria da Nª Srª do Castelo
9. Bateria das Portas de Rodão
10. Quinta da Torre Velha
11. Recinto amuralhado das Portas de Rodão
12. Bateria do Cabeço do Salvador
13. Castelo de Rodão

Outras áreas:

14. Capela de Nossa Senhora do Castelo
15. Ilha das Virtudes
16. Fonte das Virtudes (antigo complexo termal em ruínas)
17. Linha da Beira Baixa
18. Praia Fluvial /Parque de merendas

Curvas de Nível . 10m

N

0 | 50 | 100 | 500 | 1000 m

Curvas de Nível . 5m

0 | 50 | 100 | 300 | 1000 m









A vila paralelamente a estas transformações, também se começou a modernizar, e foi-se expandindo dentro dos seus limites naturais, evidenciados pelo rio Tejo a sul, a ribeira do Açafal e do Enxarrique a Este, e pelos grandes declives, que caracterizam a sua topografia; e artificiais, demarcados pelos eixos viários, a ferrovia e pela fábrica da Portucel. Estes factores condicionaram o seu desenvolvimento, e influenciaram a sua estrutura urbana, como também, a vivência entre os seus habitantes. A meia encosta, localiza-se o núcleo mais antigo da vila; este desenvolveu-se inicialmente em torno da Praça do Pelourinho e do Largo Dr. António Gonçalves, onde se localiza a Igreja Matriz. A malha urbana deste núcleo é bastante compacta e irregular, constituída por ruas estreitas e pelas habitações mais antigas. Este foi o centro da vila durante anos, até à implementação do porto fluvial, que formou um novo núcleo urbano, Porto do Tejo. Este, localizava-se na zona baixa da vila: vivia essencialmente relacionado com o trafego fluvial e com as actividades relacionadas com o rio. Daí que, era maioritariamente habitado por pessoas que dele subsistiam, e por outras, que lá realizavam trocas comerciais e trabalhavam nas indústrias que lá se estabeleceram. O porto tornou-se o centro da vila, e começou a expandir em direcção à Estrada Real, que ligava a Castelo Branco, fazendo com que surgissem novas construções dispersas, ao longo da estrada.

Rodão constituiu assim dois núcleos urbanos, que coexistiam separados, por 1,5Km, mas ligados entre si, pelo caminho municipal de macadame – a actual Rua de Santana e Estrada Nacional 241. Este distanciamento entre eles, condicionou as relações sociais entre os seus habitantes, gerando identidades e vivências próprias em cada um; esta separação acentuou-se ainda mais, após a construção da ferrovia, que veio a dividir fisicamente os dois núcleos. Ambos detinham algumas particularidades, que constituíam um entrave ao seu desenvolvimento urbano: o núcleo mais alto, apresentava dificuldades naturais, dada a topografia onde se inseria e à sua altitude; a zona baixa do porto fluvial, encontrava-se constantemente sujeita às cheias do Tejo. Estes fatores levaram a que o desenvolvimento urbano da vila, ocorresse no espaço intermédio entre eles: inicialmente formou-se junto à estação ferroviária, e mais tarde, com a construção da ponte metálica que veio a unir a Beira ao Alentejo, e a constituição da ligação viária, entre Castelo Branco e Portalegre, a sua expansão ocorreu paralelamente à estrada, que se tornou num dos eixos principais desenvolvimento. Após a construção da fábrica da Portucel - que motivou a construção de um novo espaço habitacional – acentuou-se ainda mais, a tendência da ocupação deste espaço intermédio. Este, constituído pela estação ferroviária, a estrada nacional 18 e a Portucel, apresenta-se hoje, como a zona mais consolidada e estruturada da povoação, e onde habitam grande parte dos habitantes.

A estrutura urbana de Vila Velha de Rodão possui características distintas, nas diversas áreas que a compõem, e que correspondem às diversas fases de expansão da vila, aqui referidas. Marcada por diferentes épocas, a arquitectura produzida, é também ela, reveladora desses momentos e identitária da região de fronteira, onde se insere: ao longo das ruas, misturam-se nos edifícios influências tradicionais beirãs e alentejanas. A planta da vila lê-se agora como um todo, ainda que demarcada por áreas pouco consolidadas e alguns vazios no seu tecido urbano, é imperceptível à primeira vista a existência inicial de dois núcleos urbanos; estes ainda persistem, a Vila e Porto do Tejo, no entanto agora assumem-se como freguesias em Vila Velha de Rodão, separados fisicamente pela Linha da Beira-Baixa. A ferrovia com o desenvolvimento urbano tornou-se numa fractura, que divide a vila, e condiciona a sua mobilidade pedonal e viária (que já era dificultada pela topografia). A área mais recente de expansão, é feita entre a estada nacional 18 – no sentido Castelo Branco – junto ao Cabeço do Salvador e à Nossa Senhora da Alagada.

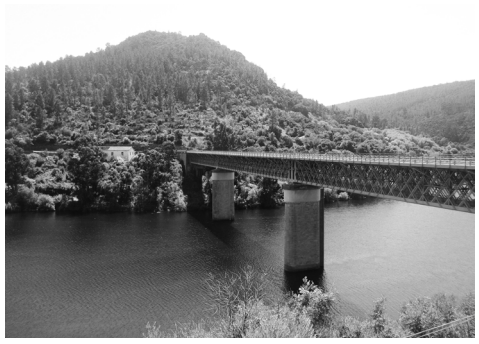
Nos dias de hoje, Vila Velha de Rodão é sede de um dos concelhos mais despovoados do país, sendo habitado por 4098 habitantes. O envelhecimento e a fraca densidade populacional, são ainda, reflexos do êxodo rural que ainda se sente na região; a pouca rentabilidade das práticas agrárias, têm conduzido ao abandono das terras e à perda de diversidade paisagística; o mosaico policultural outrora bem patente, marcado pelos olivais em calçadas, é agora substituído por áreas de mato, eucaliptais e pinhais. No último século, ocorreram grandes mudanças a nível cultural e social, muitas memórias, práticas e costumes, foram-se perdendo com o tempo, e outras correm o risco de serem esquecidas. Face a este panorama, Vila Velha de Rodão procurou através da preservação do seu património natural e cultural – factores que a tornam singular no espaço português - um meio de subsistência e de desenvolvimento, virado para o turismo; através da constituição de diversos núcleos museológicos e arqueológicos, a constituição do Centro de Estudos do Alto Tejo e do Centro de Interpretação Arte Rupestre do Vale do Tejo, revelaram-se essenciais para revitalização de algumas aldeias da região e inclusive da vila.

Fig. 494
Equipamentos:

1. Fábrica da Portucel
2. Bombeiros Voluntários de Vila Velha de Rodão
3. Escola Primária
4. Centro Cultural de Vila Velha de Rodão
5. CIART - Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Vale do Tejo | Centro de Estudos do Alto Tejo
6. Igreja Matriz | Largo Dr. António Gonçalves
7. Quinta das Torres (Futuro centro artístico Manuel Cargaleiro)
8. Cemitério
9. Escola C+S de Vila Velha de Rodão
10. Câmara Municipal de Vila Velha de Rodão
11. Indústria
12. Centro de Saude
13. Posto GNR
14. Correios
15. Segurança Social
16. Casa de Repouso
17. Santa Casa da Misericórdia \ Centro de dia
18. Estação Ferroviária
19. Biblioteca Municipal José Baptista Martins
20. Posto de Turismo | Casa de Artes e Cultura do Tejo
21. CMVVR - Urbanismo
22. Parque de Campismo | Escola de Escalada | Centro Náutico
23. Pensão
24. Paragem Expressos
25. Núcleo Museológico do Lagar de Vargas
26. Escola Primária
27. Complexo Turístico de Vila Velha de Rodão | Piscinas Municipais | Courts de Ténis | Estalagem | Restaurante/Bar
28. Estádio Municipal de Vila Velha | Pista de Atletismo | Balneários | Ginásio
29. Praça Municipal | Recinto de Feiras
30. Recinto de Festas da Nª Srª da Alagada
31. Capela da Nª Srª da Alagada
32. Praia Fluvial | Parque de Merendas
33. Centro Recreativo Desportivo de VVR | Campo de Jogos
34. Rua de Santana
35. EN 118
36. Parque Urbano
37. Rua do Porto do Tejo
38. Rua da Alfândega
39. Rua da Estrada
40. Cais de Rodão
41. ETAR
42. Foz da Ribª do Enxarrique

Fig. 495
Evolução urbana . Vila Velha e Porto do Tejo
séc. XIX | 1946 | 1993 | 2015






VILA VELHA
DE RÓDÃO
(PORTO DO TEJO)



RODÃO



















RODÃO





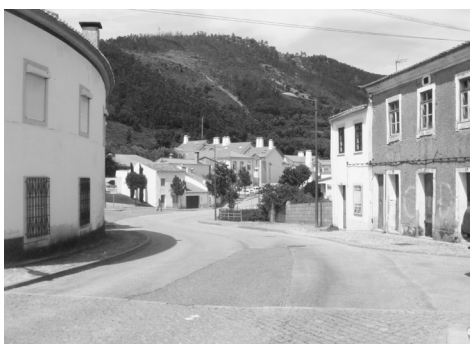


















VILLA
DE
RODAM



















CHEIA
DO
TEJO
10 2
1979



























O REGRESSO AO RIO

"Os lugares são os rostos do nosso habitar sobre a terra: o do passado, aí onde possa ter sobrevivido ou se mantenha vivo, da ausência ou do retirar-se humano, ou a marca presente do estilo cultural. Por isso, ler fisionomicamente a paisagem é cumprir uma viagem simultânea nas várias formas de actuação e de significação da cultura em âmbito natural ou histórico. Como uma espécie de sismograma, os lugares registam, muitas vezes de forma indelével, a amplitude e a profundidade da intervenção humana. Eles são também palimpsestos, uma delicada e complexa estratificação de rastos, de sinais, de subversões, de remodelações e de destruições, humanas e natural…" Luísa Bonésio [72]

O cenário que hoje podemos observar em Porto do Tejo, é muito diferente do que outrora existiu: num passado não muito distante, por estas águas navegavam fragatas e picaretos, carregados de mercadorias - rio acima, rio abaixo – ligavam a região ao resto do país. Aqui constituiu-se durante anos o centro económico de Vila Velha de Rodão, no entanto, com a evolução industrial, surgiram novas ligações no território e assistiu-se, a um novo desenvolvimento urbano em torno dos novos polos de desenvolvimento, como a estação ferroviária; o porto fluvial, ao contrário do desenvolvimento urbano da vila, estagnou. Com o declínio do porto fluvial e da navegação do Tejo, o porto deixou de ser uma área central em desenvolvimento, passando a ser um espaço cada vez mais desabitado, e destituído das suas funções e actividades ligadas ao rio; estes factores levaram ao gradual afastamento do rio, e desta área da vila.

Após a construção da Barragem do Fratel, ocorreram grandes transformações no territorio: o enchimento da albufeira, contrariou a forma natural da paisagem e desenhou uma nova imagem na frente riberinha da vila, ao submergir o local do porto fluvial, apagando assim a leitura inicial deste espaço. Hoje desses tempos, resta apenas as memorias imortalizadas através das fotografias e das poucas pistas que se preservam no local. Atualmente não existem vestígios da parte inferior do porto onde acostavam os barcos, e o muro de sirga que definia a linha de costa ao longo do porto. Só pela toponímia das ruas e largos, se revelam as funções e os espaços constituintes do porto, e se preserva a lembrança de que ali existiu um porto fluvial. Do porto apenas subsistem alguns edifícios de habitação no Largo da Administração – a sua maioria desabitados – e o edifico da alfândega e do porto fiscal (em ruinas). Esta área da vila, continua a ser a mais devoluta e desabitada; não acompanhou o desenvolvimento da vila ficando à margem do presete; estagnando no passado, mas sem qualquer memoria viva ou significados do que representou, tornando-se numa amnesia urbana, um espaço expectante à espera de ser repensado para ser habitado novamente.

"Estas amnésias urbanas não só esperam ser preenchidas com coisas, elas são espaços vazios para serem preenchidos com significados" (Careri, 2011)[73]

É neste área do antigo porto fluvial, que se pretende instalar o Centro de Investigação do Território Português. O que se pretend,e não é simplesmente preencher este espaço com estruturas, mas sim com significados. Este constituía-se como um espaço intermédio de ligação entre a vila e o rio, essa ligação foi quebrada e descontinuada, após a perda de funções do porto. É através de um novo gesto arquitectónico sobre este território, que se procura restituir a ligação entre a vila e o rio, recuperar as suas memórias e devolve-lo as suas gentes. Na procura de trazer de volta uma vivência que é familiar àquela área, mas distante ao mesmo tempo, desenha-se uma estrutura que funcione como um espaço que permita albergar o programa proposto, comunicar o espaço português e ao mesmo tempo, um espaço que dialogue e faça perdurar a memória do rio.

Fig. 497 | 534
Evolução urbana . Vila Velha e Porto do Tejo
séc. XIX | 1946 | 1993 | 2015





Fig. 535
Vista aérea Porto do Tejo antes da construção da Barragem do Fratel



Fig. 536
Vista aérea Porto do Tejo atualmente



Fig. 537
Muro de Sirga . rio Tejo

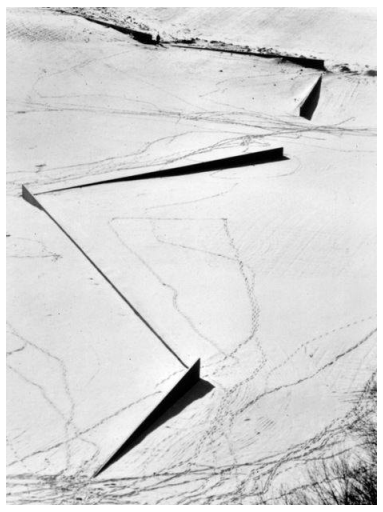
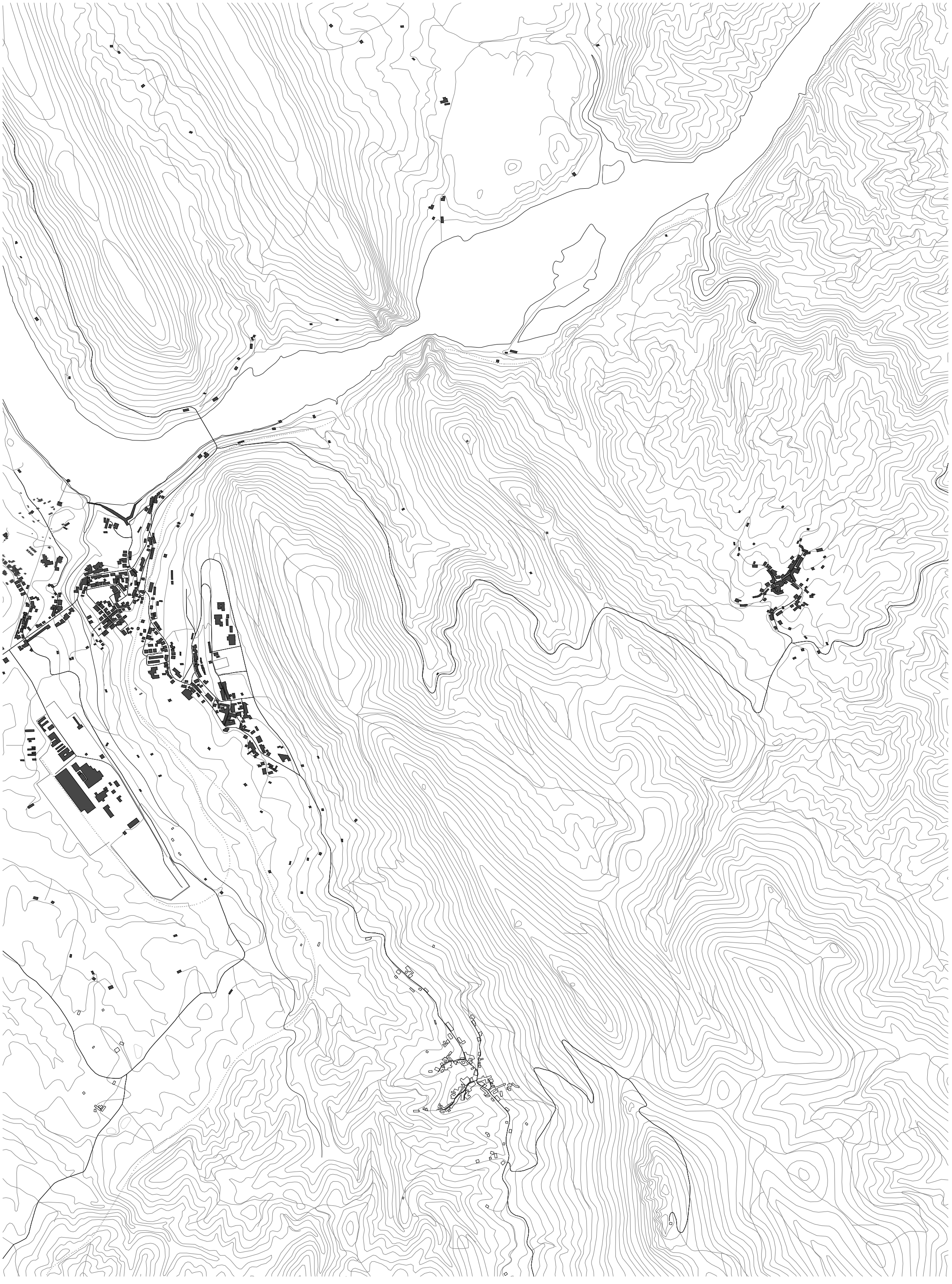


Fig. 538
Shift, 1970-72.
The Matter of Time Richard Serra, 1970
"What I wanted was a dialectic between one's perception of the place in totality, and one's relation to the field as walked. (...) As one follows the work farther into the field, one is forced to shift and turn with the work and look back across the elevational drop. From the top of the hill, looking back across the valley, images and thoughts are remembered which were initiated by the consciousness of having experienced them."[71]

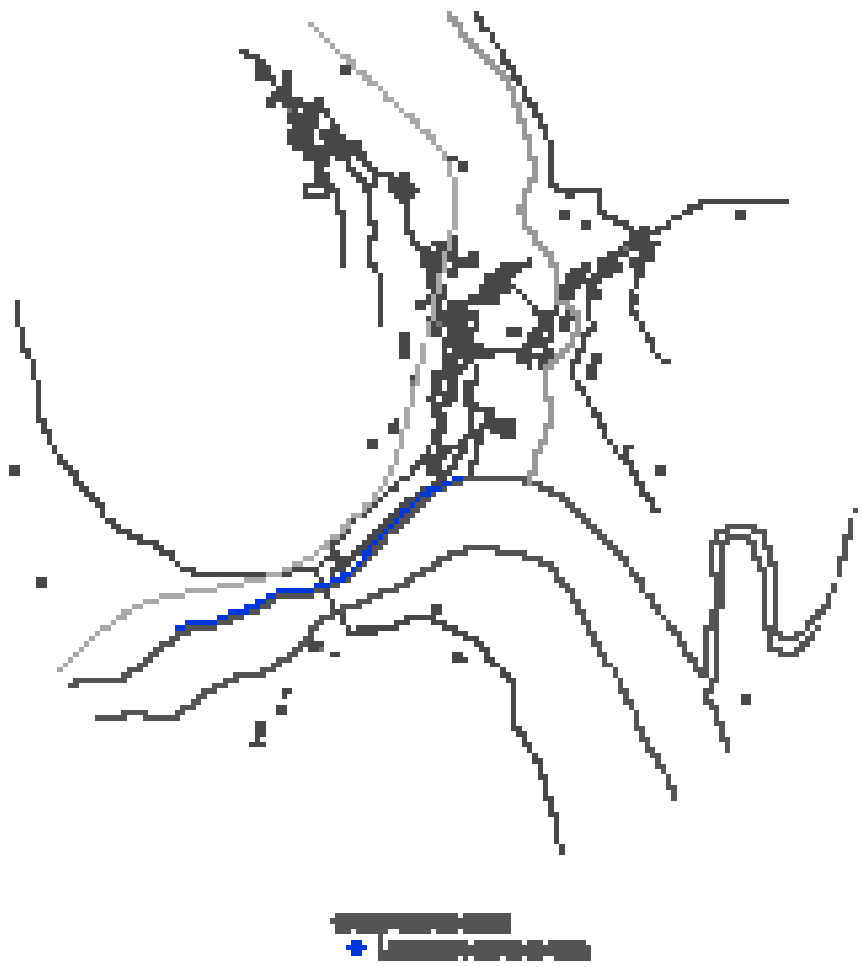
A produção de arquitectura resulta na maioria das vezes, de um processo de investigação e desenho. Neste processo de leitura do território como palimpsesto, dota-nos de um conhecimento profundo sobre os lugares; desta leitura, sabemos cada camada que o compõem, e nele se encontra inscrito, este processo permite-nos descobrir pequenos fragmentos de história que foram apagados pelo tempo. Aspectos reais que caracterizam ou caracterizaram um lugar, estas pistas, levam os arquitectos n determinado caminhos, que de acordo com a sua própria experiência do espaço que percorre e o envolvem, permitem produzir um novo elemento de arquitetura que pertença ao lugar.

A linha de costa é definida por uma topografia abrupta e por uma via automóvel, não existindo uma via de circulação pedonal que permita usufruir das margens do rio. Esta lacuna é a parte inicial do lançamento da proposta para a redefinição da margem proporcionando um novo espaço publico através do desenho de uma linha paralela ao rio.
A linha de costa é definida por um percurso junto à margem, que cria e recria o antigo limite entre a vila e o rio. O percurso limita o que era a antiga linha definida pela presença do muro de sirga, através de um passadiço de madeira de pinho e pedra, que se volta a redefinir esse limite. Esta nova estrutura pretende valorizar uma área não utilizada, mostrando-se como elemento unificador de dois pontos da vila; revelando a sua importância histórica para a população, cria-se uma nova estrutura que é um prolongamento do espaço publico, a partir da memória do sirgadouro.
O percurso desenvolve-se dois metros e meio acima do nível da água; este desenvolve-se tanto no percurso em pedra como no de madeira, com a mesma largura de dois metros; nos dois momentos em que este percurso termina, este estende-se junto às Portas de Rodão sobre um antigo pontão de pedra, que se instaura como um momento de contemplação sobre a paisagem, junto à foz da Ribeira do Açafal, este transforma-se ao alargar e descer ao nível da água, transformando-se numa piscina fluvial.

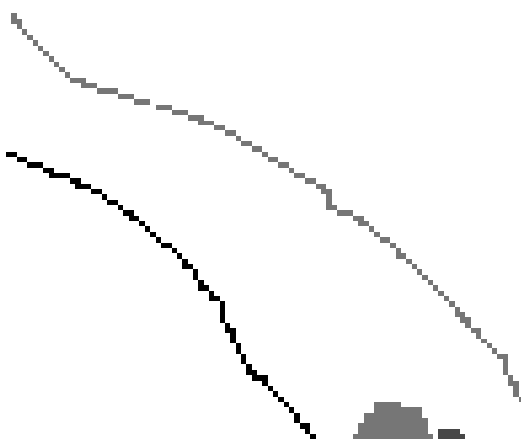
Fig. 539
Muro de Sirga . rio Tejo

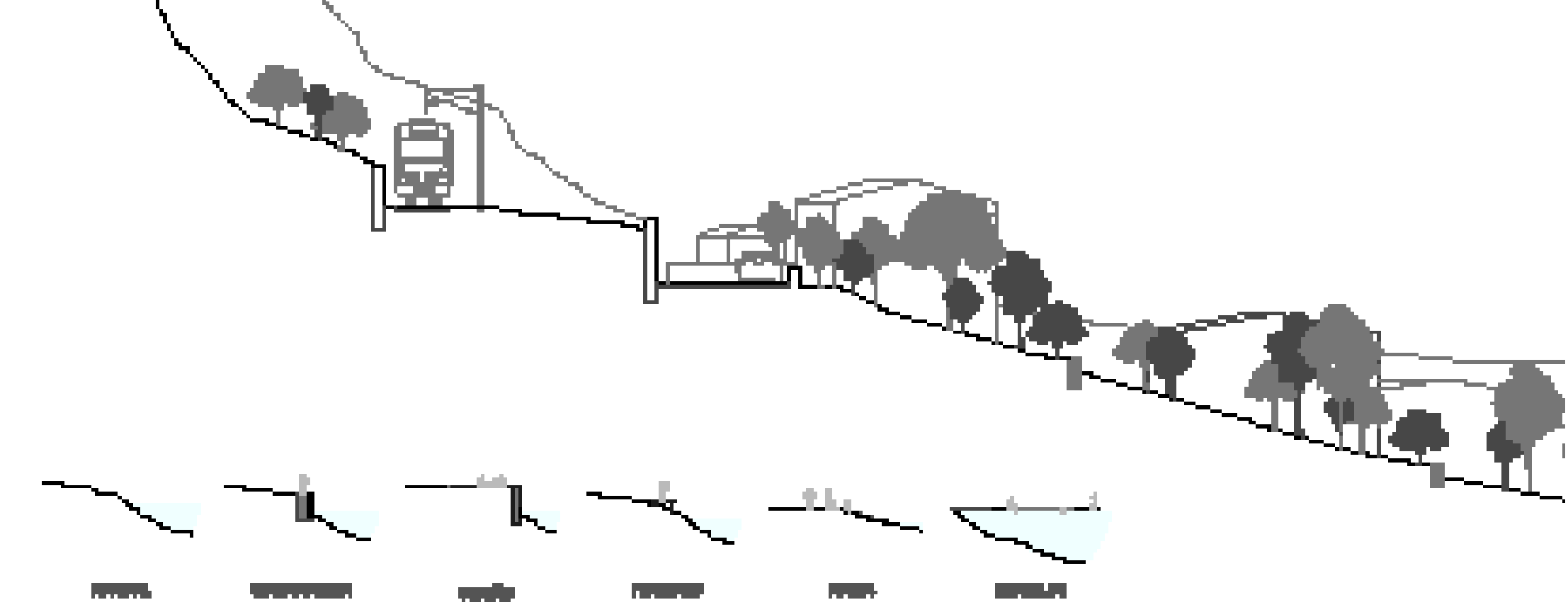


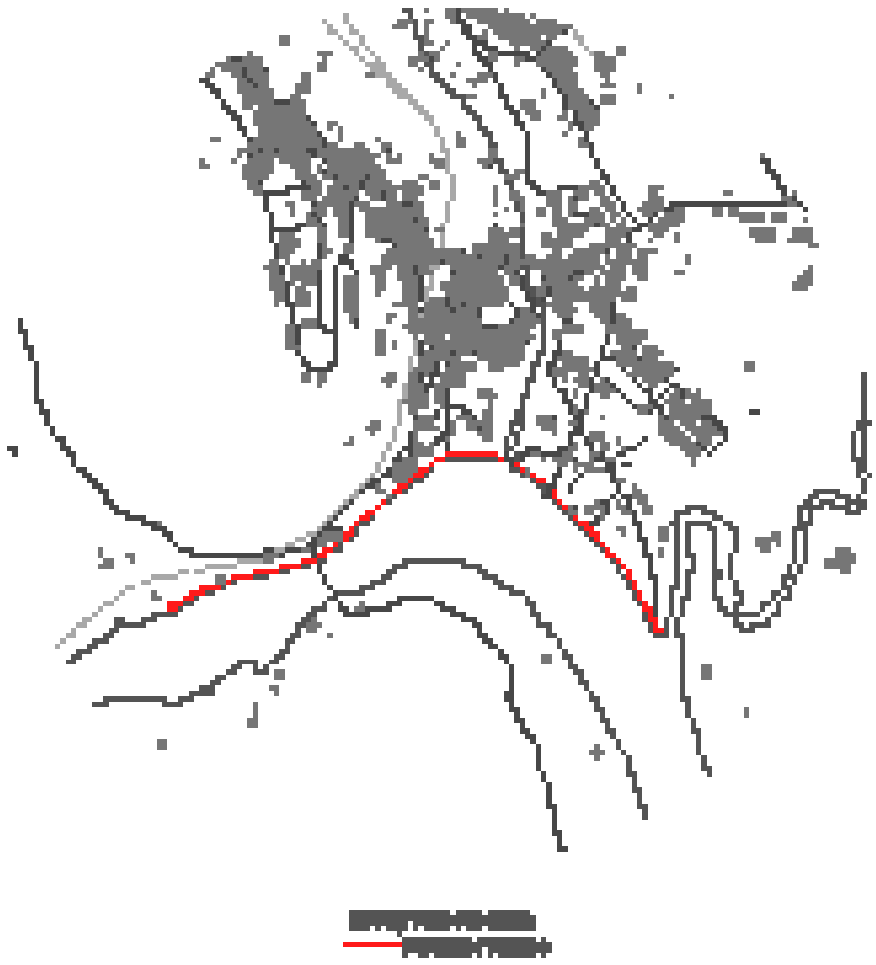

N
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PROPOSTA
0
100
200
500M

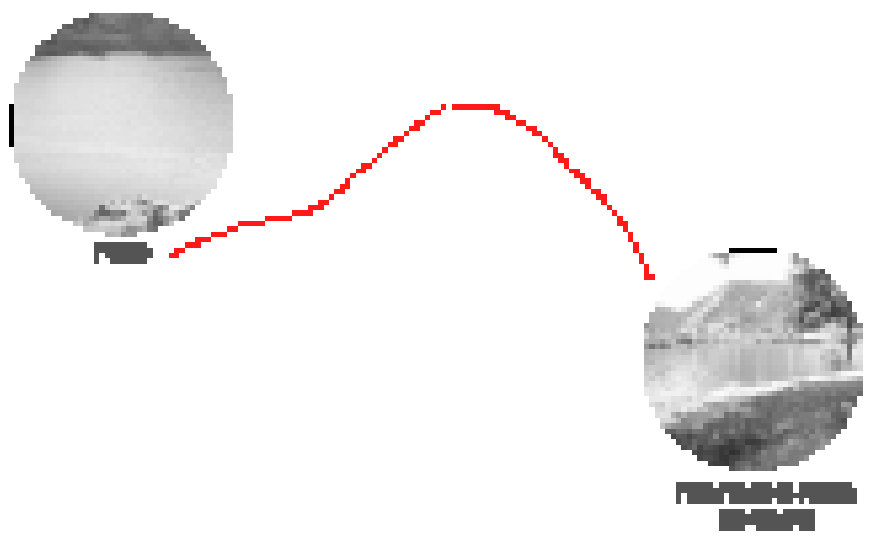


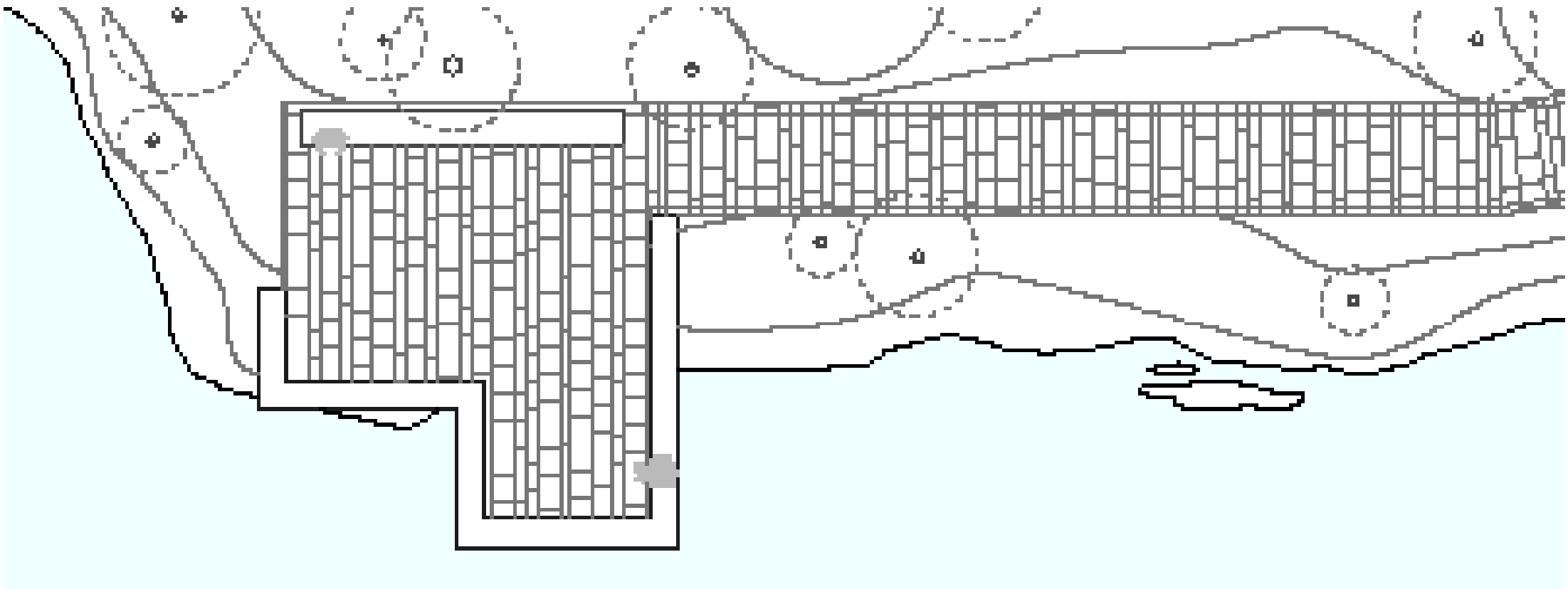


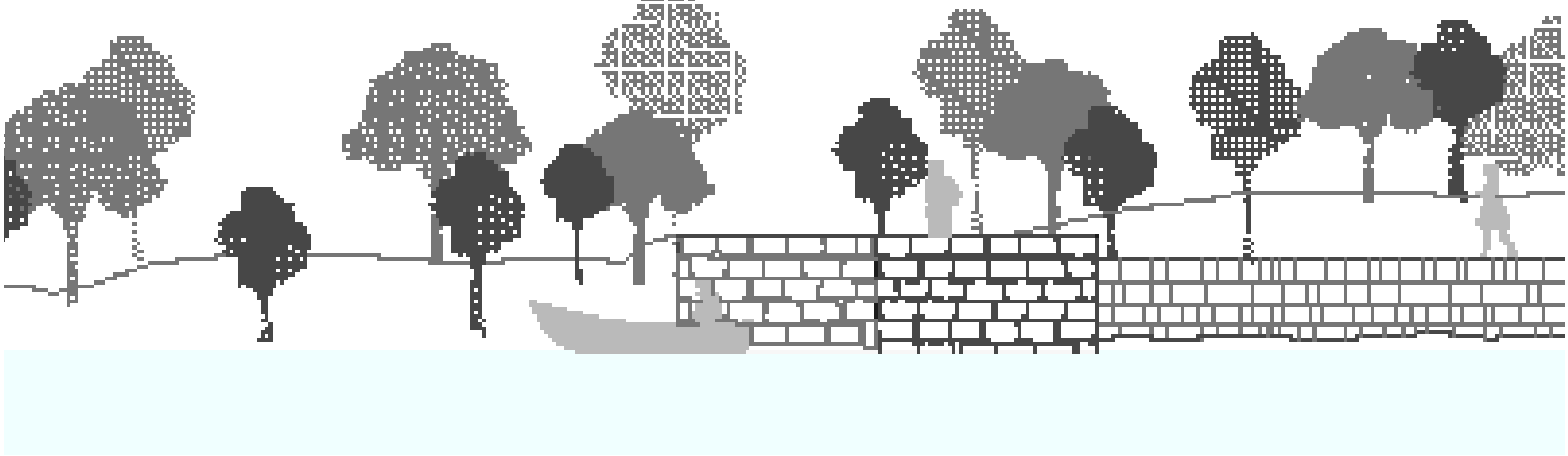


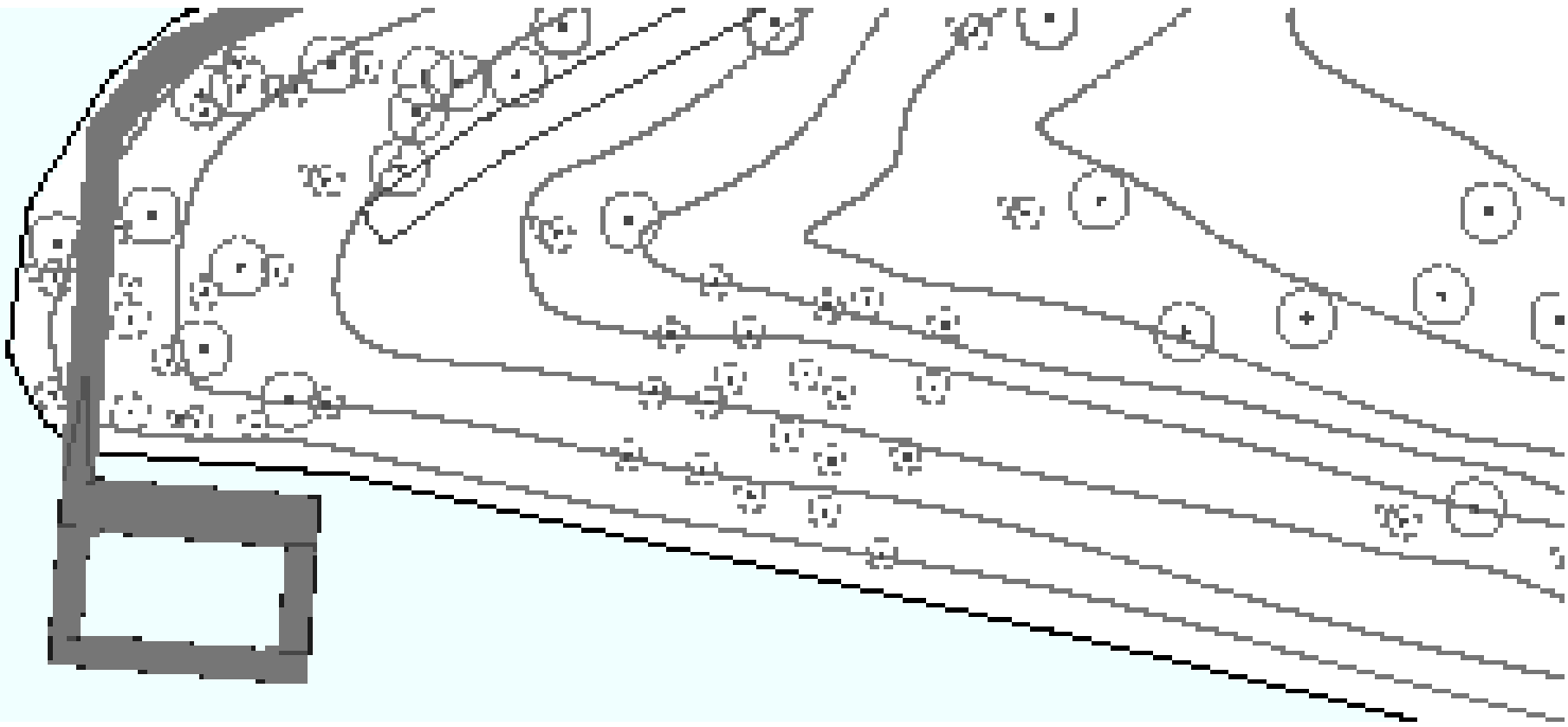


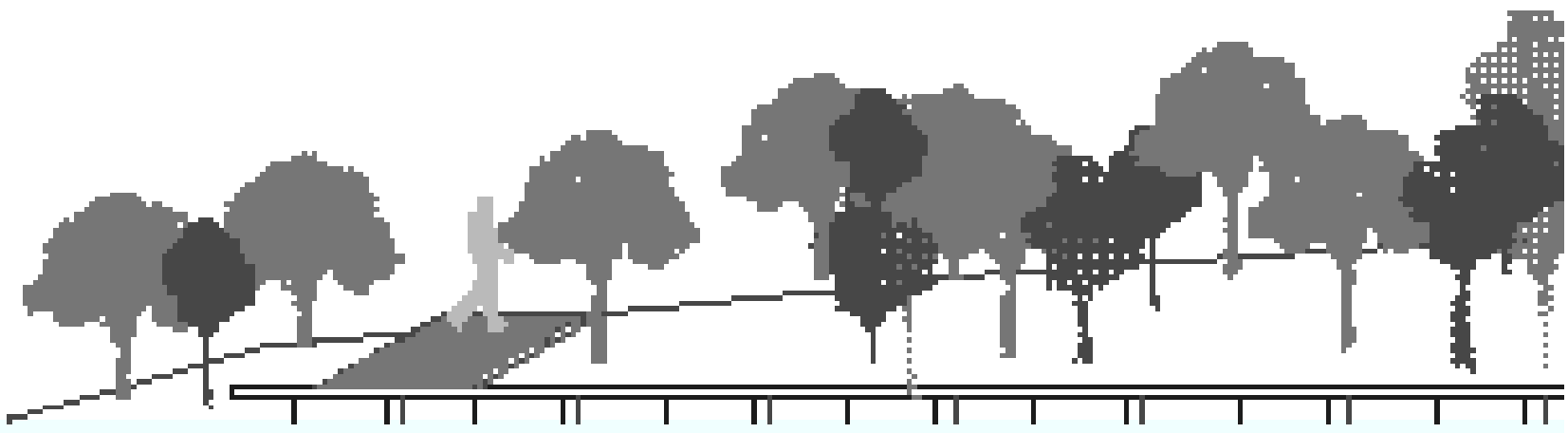






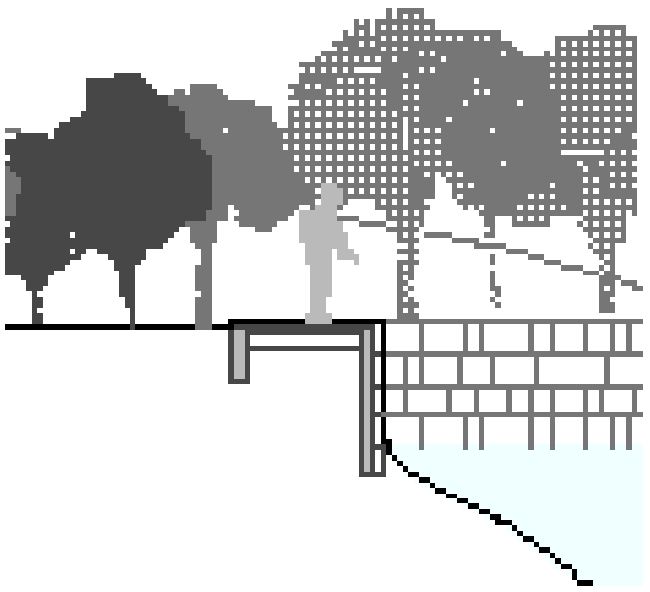


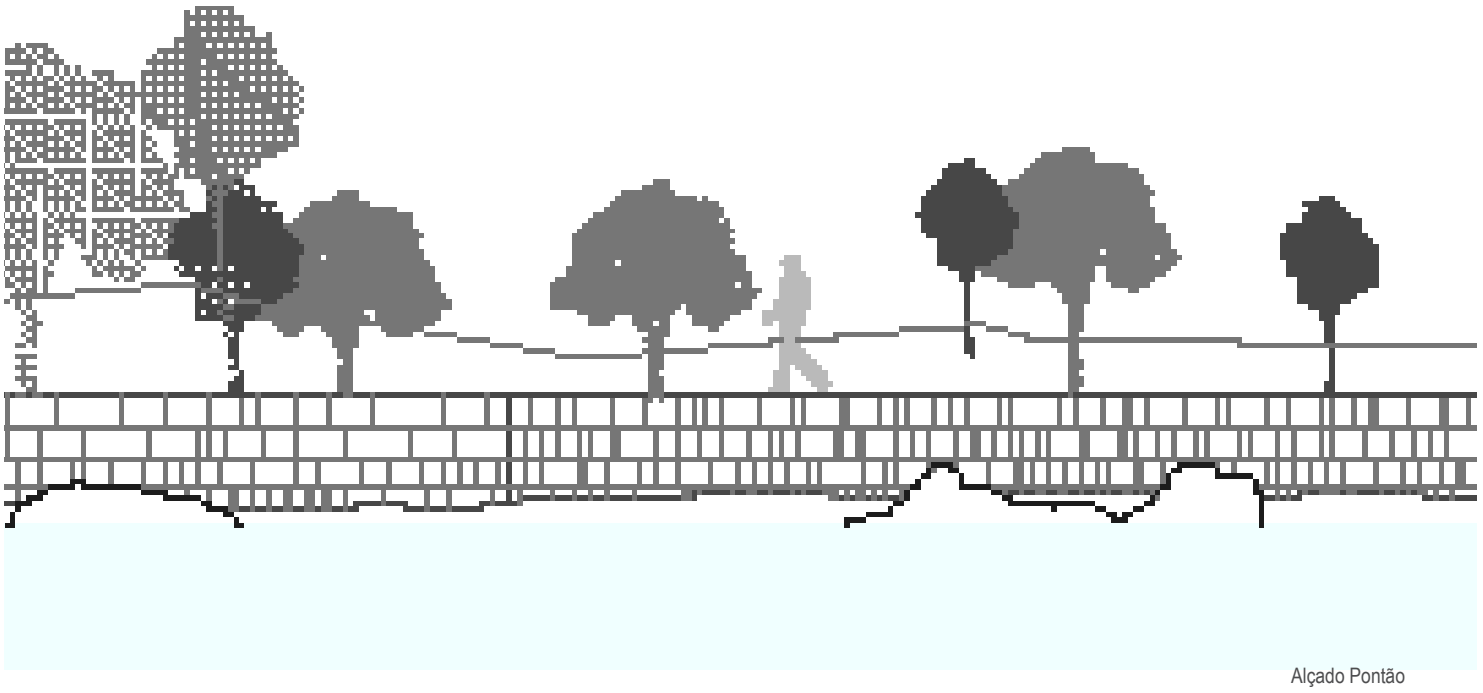




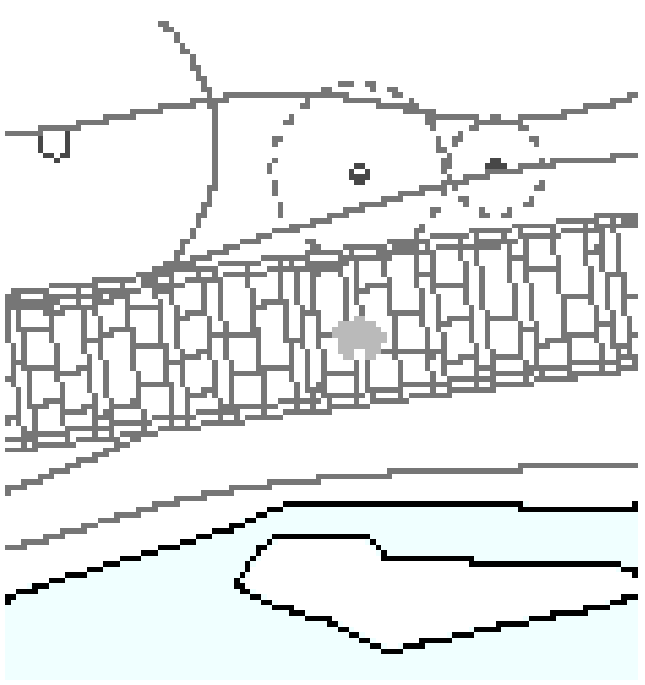


Planta Pontão
Esc. 1:100

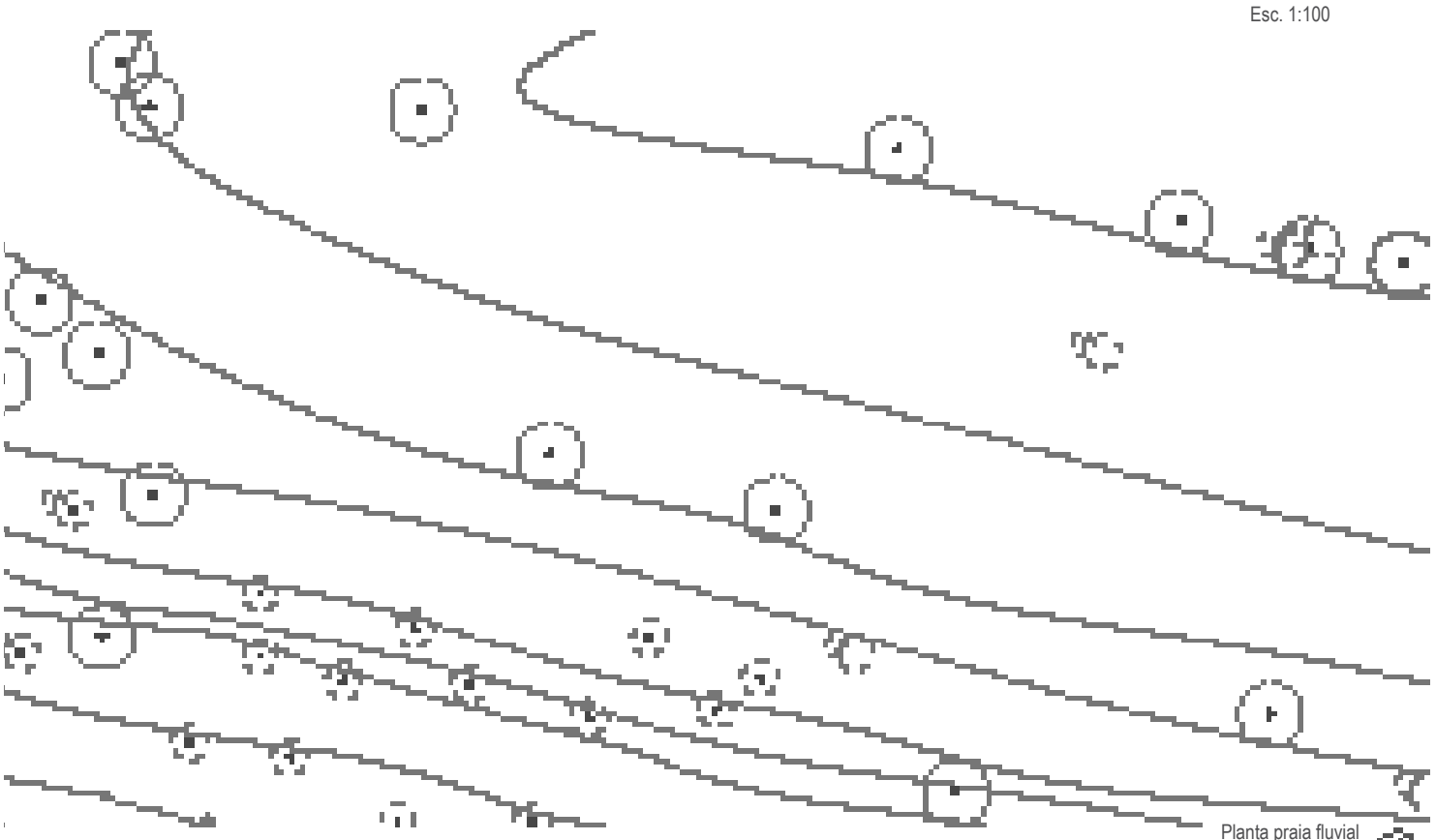




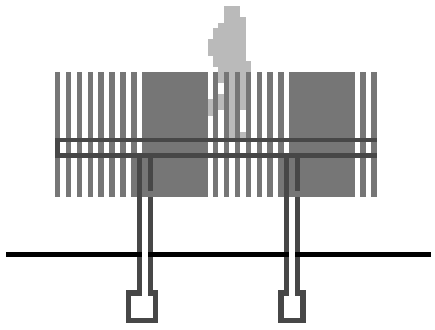
Alçado Pontão
Esc. 1:100



Percurso Centro de Investigação -
Pontão das Portas de Rodão
Esc. 1:100

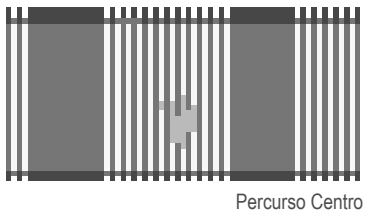


Planta praia fluvial
Esc. 1:500

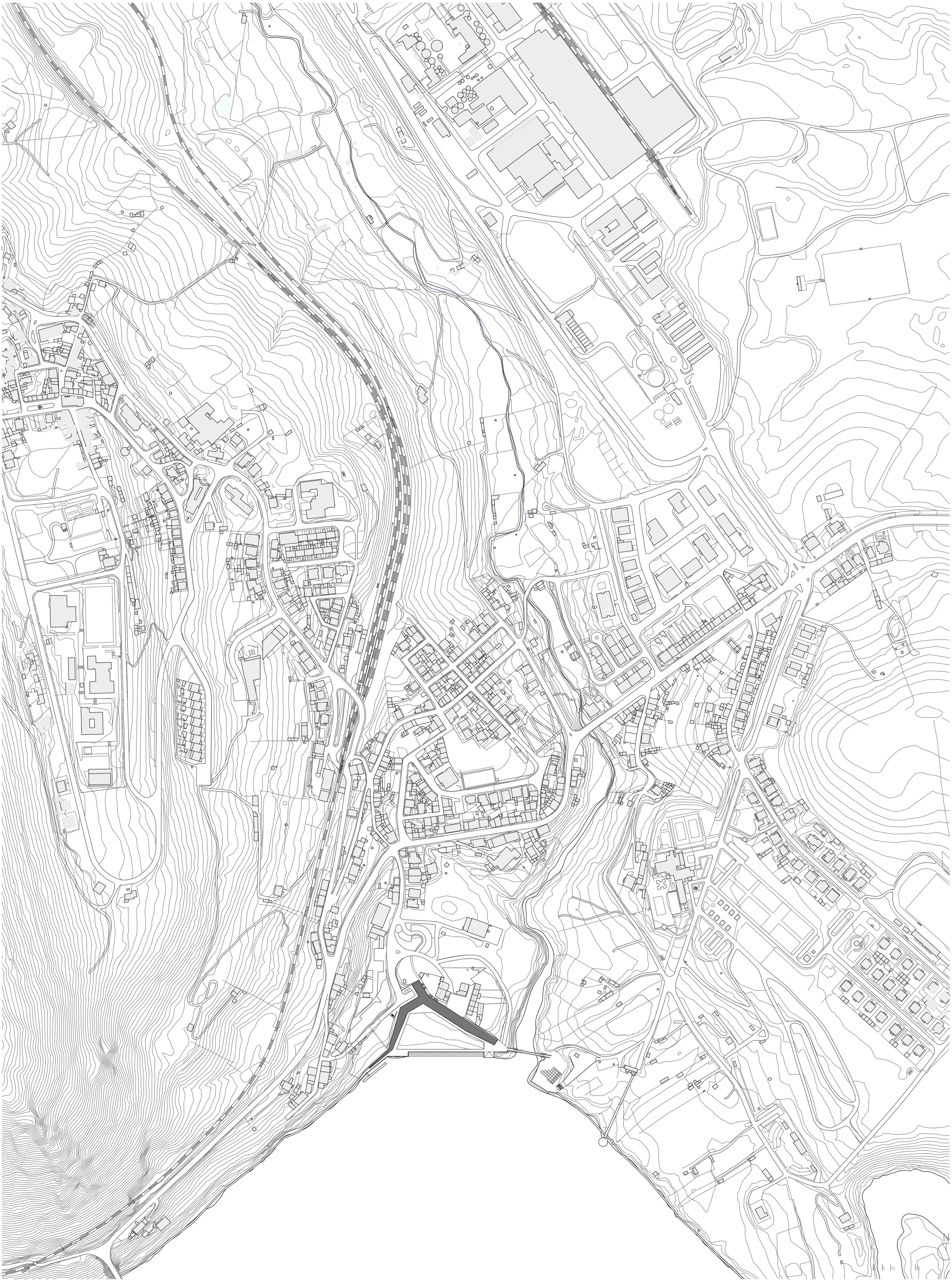




Vista Frontal praia fluvial
Esc. 1:500



Percurso Centro de Investigação -
Praia Fluvial da Azenha dos Gaviões
Esc. 1:100



''A miríade do passado entra em nós e desaparece. Excepto quando entre ela, algures, como diamantes, existem os fragmentos que recusam ser consumidos. Ao peneirá-los, se nos atrevermos a isso, e recolhendo-os, descobrimos o verdadeiro projecto.'' James Salter[73]

Às vezes é necessário uma pequena pista para decifrar um território ou para renovar o apelo à terra, trazendo esta nova intervenção, uma nova camada de história e cultura. Às vezes os edifícios, para cumprirem a sua missão devem ser em si estruturas icónicas, consequentemente estranhas ao lugar, mas que com ele, estética e funcionalmente, formem um equilíbrio, uma harmonia, neste sentido, procura-se o desenho de um gesto forte e afirmativo, mas também subtil sensível à topografia e dialogante com a paisagem que o recebe. Este exercício procura aquilo que era o toque na vila com o rio – a margem, o muro de sirga – e a experiencia que pode resultar da relação entre estes dois sistemas, a procura de uma vivência passada de um percurso entre a terra e a água. O desenho desta intervenção é como um intervalo entre o ponto de partida e o de chegada, como um intervalo entre o ser humano e a paisagem. Um espaço intermédio entre a vila e o rio.

ESPAÇO EXPOSITIVO HORIZONTE PORTUGAL E CENTRO DE INVESTIGAÇÃO

O percurso proposto é em si uma redescoberta do território, onde ao percorre-lo vamos criando um imaginário sobre o lugar. Na chegada ao Centro de Investigação deparamo-nos com uma nova realidade, sobre uma escala alargada sobre o espaço português adquirimos novas leituras sobre o mesmo, como um atlas sobre o território nacional. Constitui-se como um ponto de chegada e de partida para novas descobertas e viagens no espaço português. O Centro de Investigação completa o perímetro marcado pela própria morfologia do lugar, entre a vila e o rio. É o ponto de transição entre ambos, define a linha de costa e a forma do vale tornam-se os elementos definidores do edifício.

O projecto surge do muro de sirga, antigo limite e eixo definidor da linha de costa; este desenha-se em torno do porto assumindo a sua forma, não impedindo a relação visual com o rio. O edifício percurso desenhado, é um muro que surge na topografia e que a envolve: limita e define o espaço e os seus limites. Os diferentes programas agregam-se sobre um único corpo, dividindo-o em três espaços: um público, demarcado pelo atravessamento do percurso e do olival e da rampa junto ao rio; expositivo: num volume parcialmente serrado ao exterior, apenas com aberturas pontuais na cobertura e na fachada sul; este espaço estende-se sobre dois pisos, um deles à cota inferior do Largo da Administração e outro enterrado. O espaço de trabalho localiza-se noutro volume, na sua fachada sul localizam-se os vãos que iluminam o interior deste espaço, estes são aberturas que se dessimulam por entre a estereotomia da fachada, sendo que na fachada posterior deste volume a iluminação é feita através de umas aberturas na cobertura. Estes vãos permitem manter uma leitura unitária das fachadas ao não interferirem com a leitura do 'muro' que se pretende. A cobertura é em si um percurso que liga e alberga os diferentes espaços, é o prolongamento do espaço público fazendo a ligação entre as diferentes áreas do antigo porto, ligando o percurso ribeirinho, o Largo da Administração .

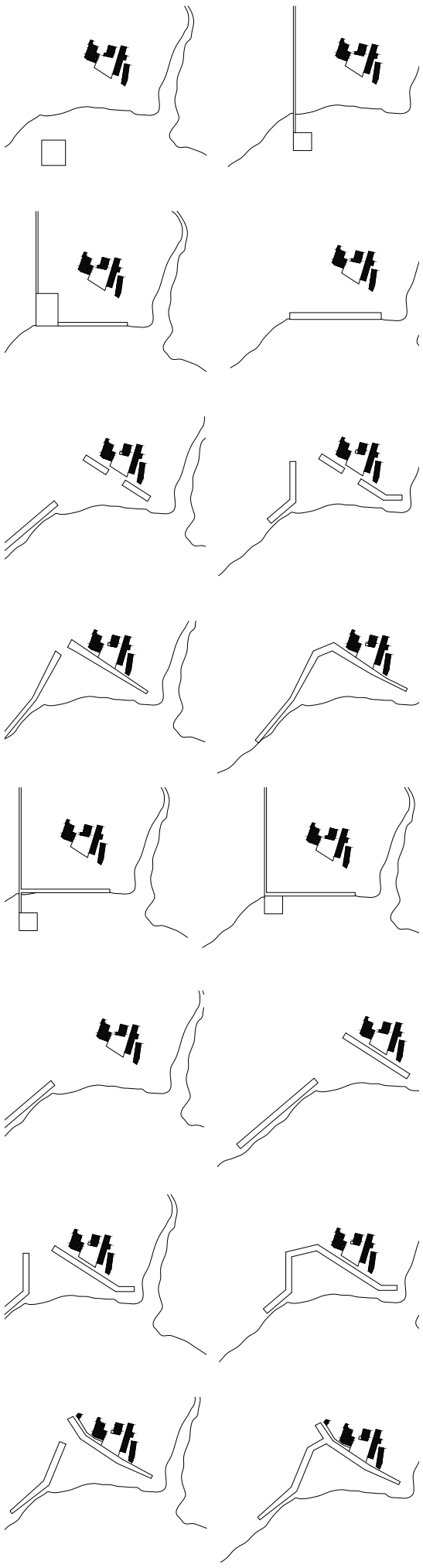
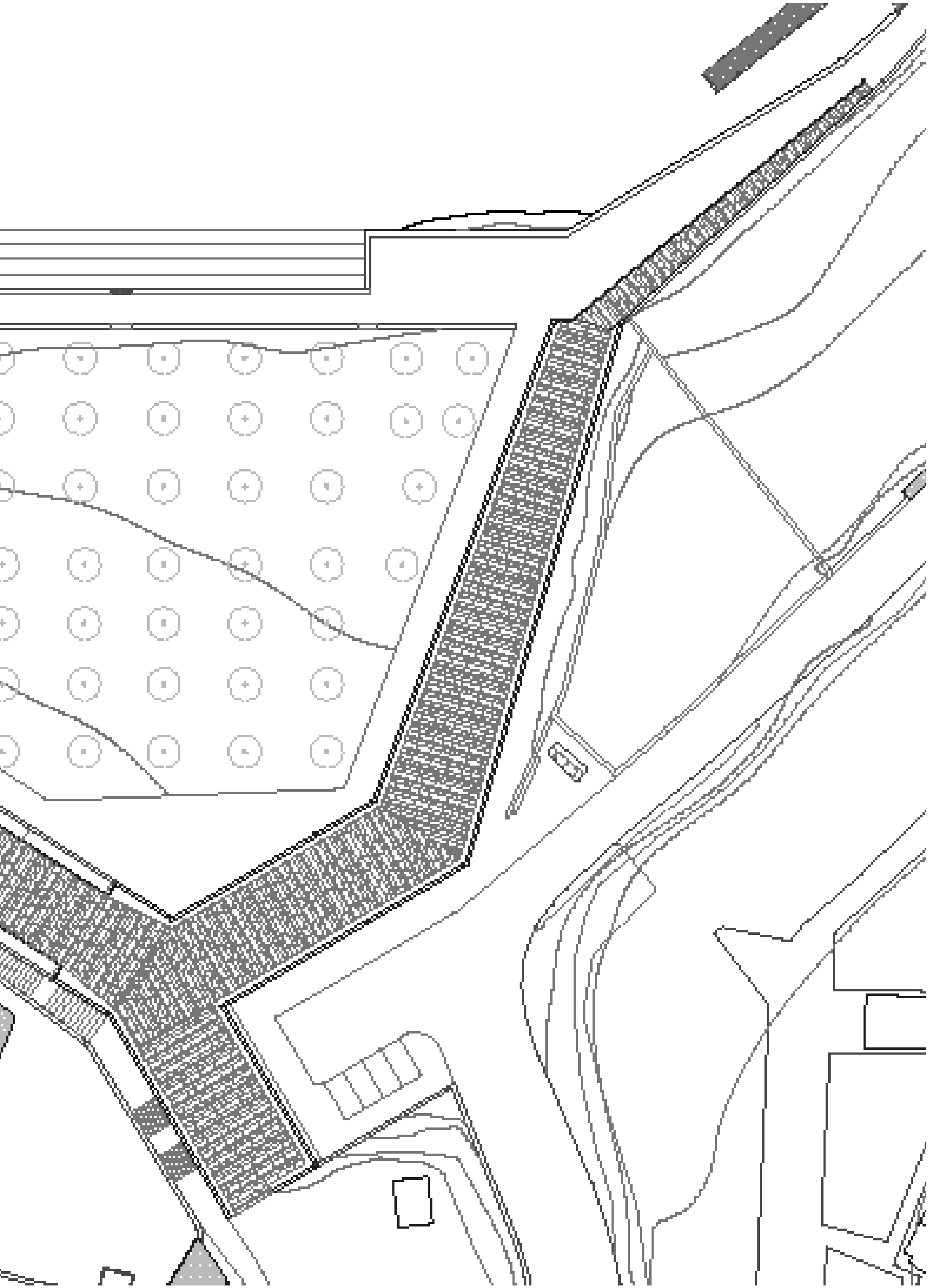
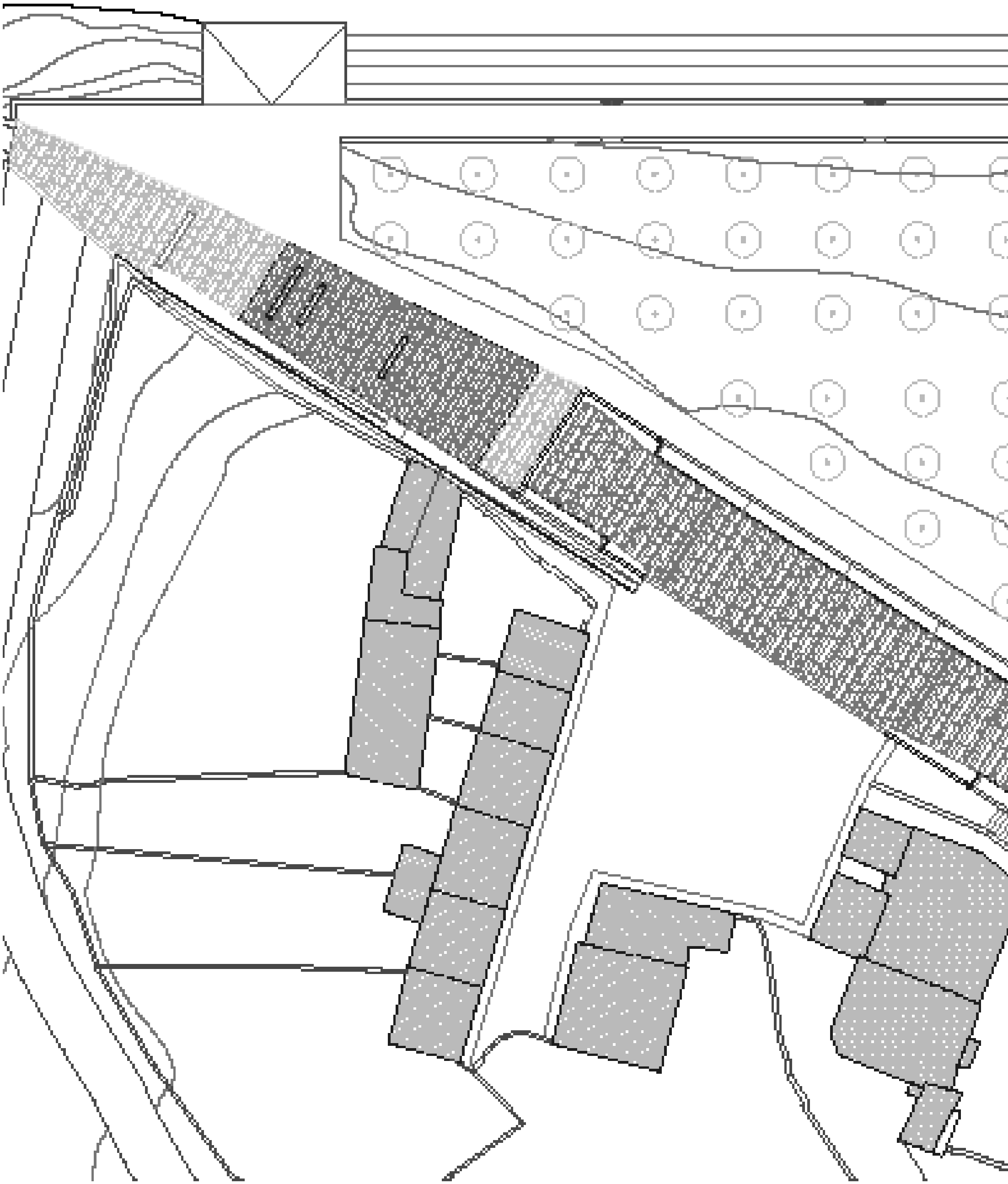
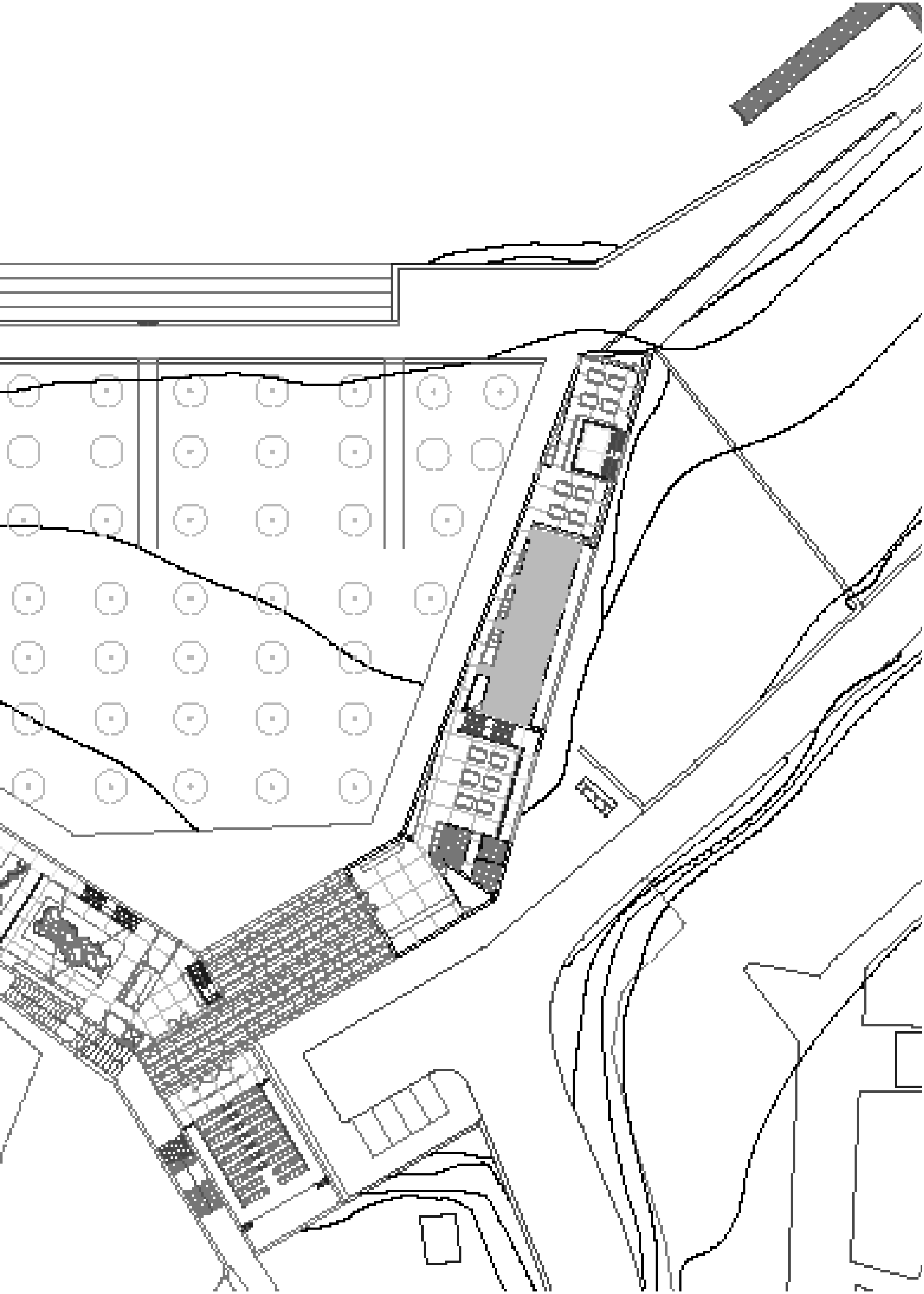
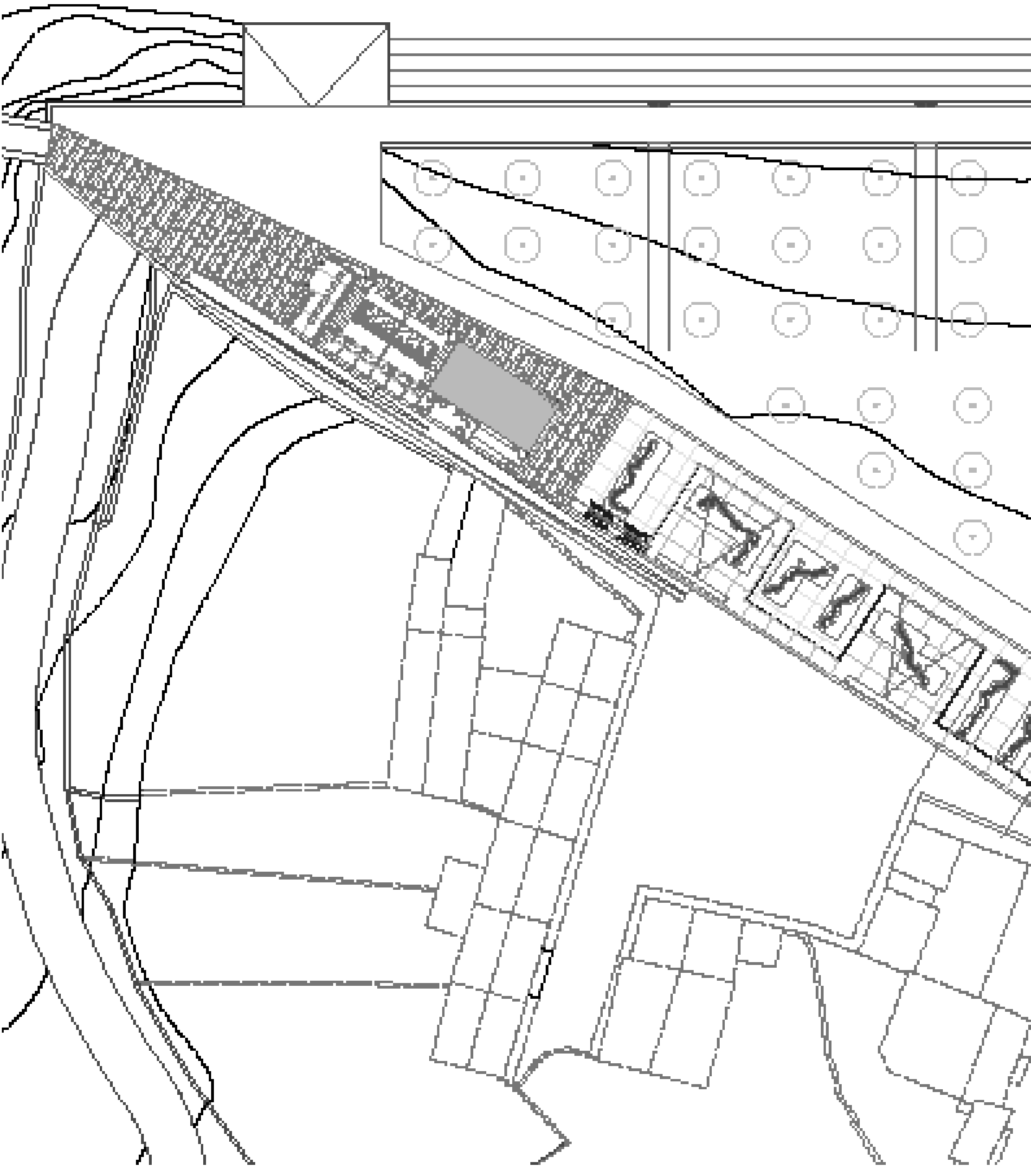


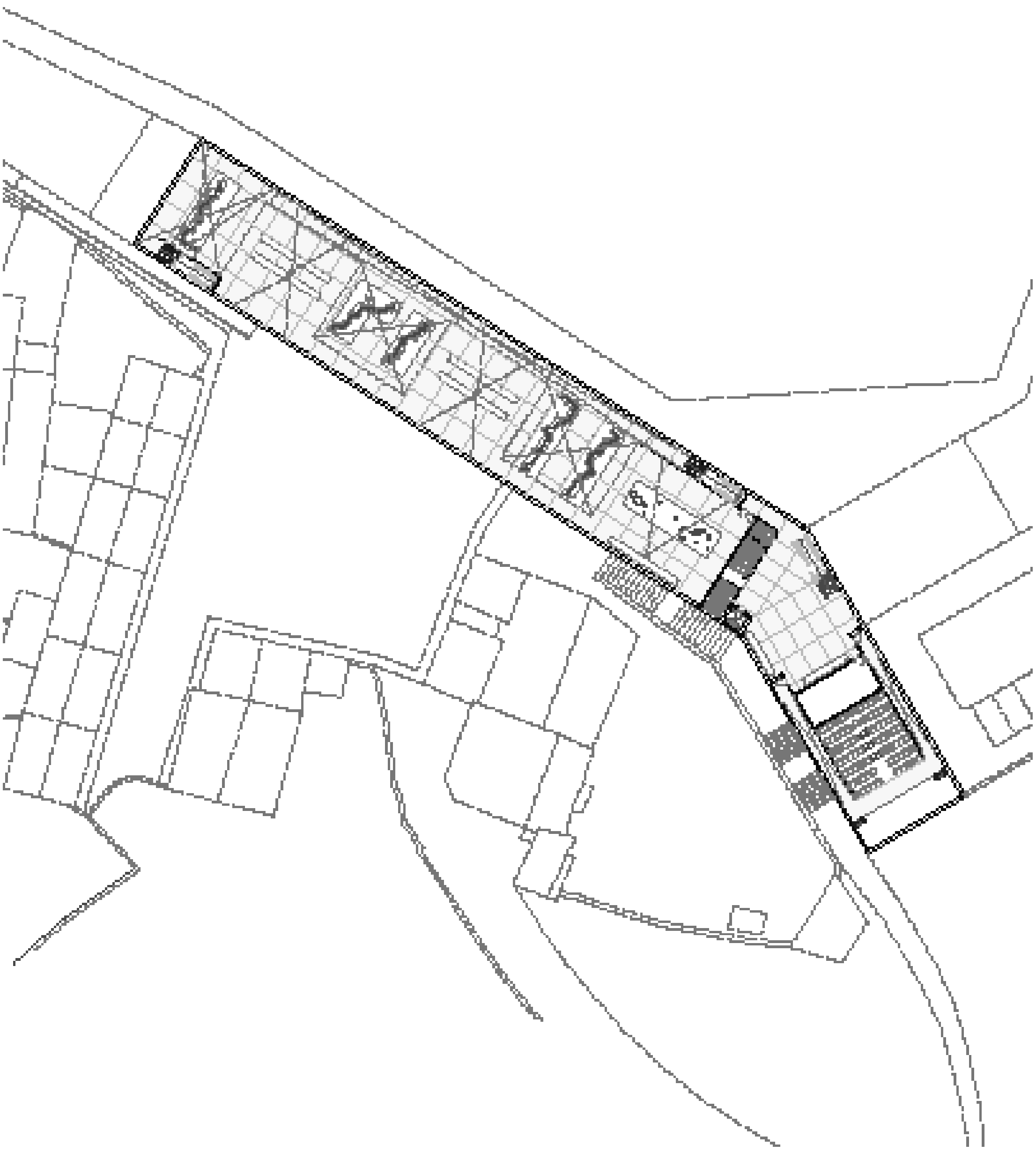
Fig. 539
Evolução da forma-











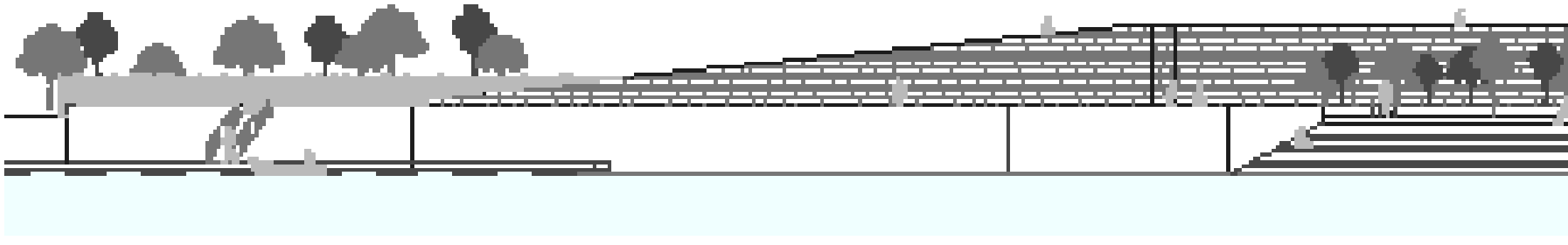
EXPOSIÇÃO

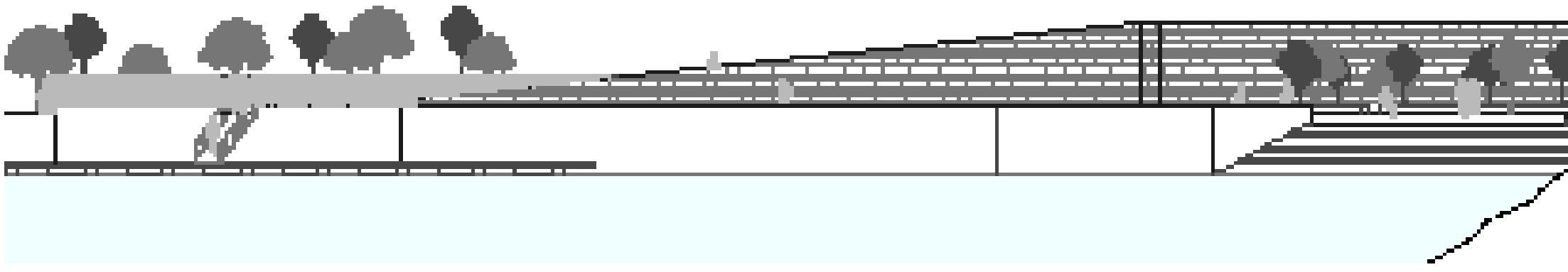
O objectivo deste volume é dar a conhecer através de exposições e trabalhos o território nacional. A exposição permanente começa no piso térreo com um espaço amplo onde se localiza a recepção, ao transpor esta área entramos na exposição. Esta sala não possui qualquer vão nas fachadas, excepto as clarabóias que deixam entrar luz natural no espaço através de rasgos pontuais na cobertura. Ao entrarmos na sala encontramos a maquete do território português; nela encontram-se assinalados os oito itinerários referidos anteriormente, esta encontra-se assente num estrado de madeira elevado cerca de 45cm do chão, este permite que a maquete seja vista de um ponto de vista superior e mais abrangente.

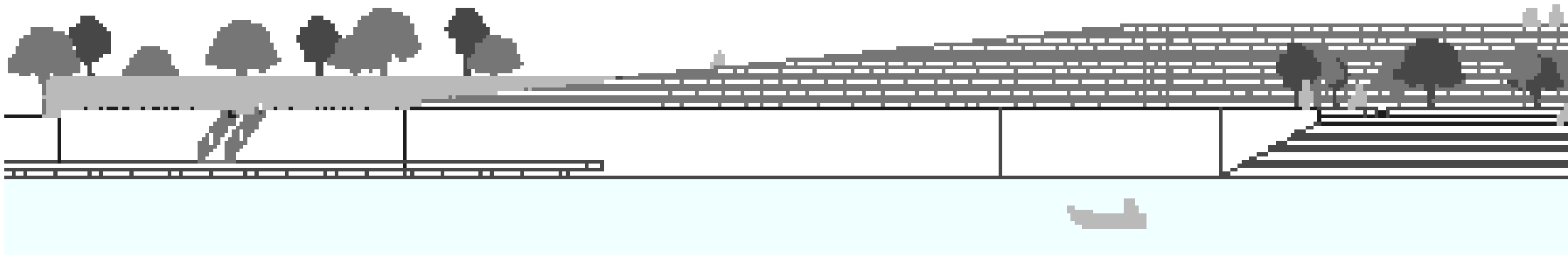
A acompanhar as maquetes, encontram-se na sala diversos projectores que projectam diversas imagens dos percursos propostos. No primeiro projector é apresentada a exposição, seguida de uma breve explicação do método de trabalho do fotógrafo Duarte Belo. O trajecto expositivo é feito por uma galeria onde se encontram expostos em pequenas células outros estrados que retratam os percursos do território português; ambas as células são ladeadas por vazios que permitem ver as maquetes expostas no piso inferior. No fim da galeria encontram se as escadas que possibilitam o acesso ao piso inferior; este é um espaço de planta livre que não possui paredes possibilitando ser usado e ocupado de distintas maneiras; o seu pé direito altera-se tornand1o se duplo junto à fachada frontal e por entre as células superiores. A galeria superior a partir do qual se pode observar o piso inferior a partir dela é possível ver-se a exposição de dois pontos de vista distintos, um elevado e outro mais próximo.

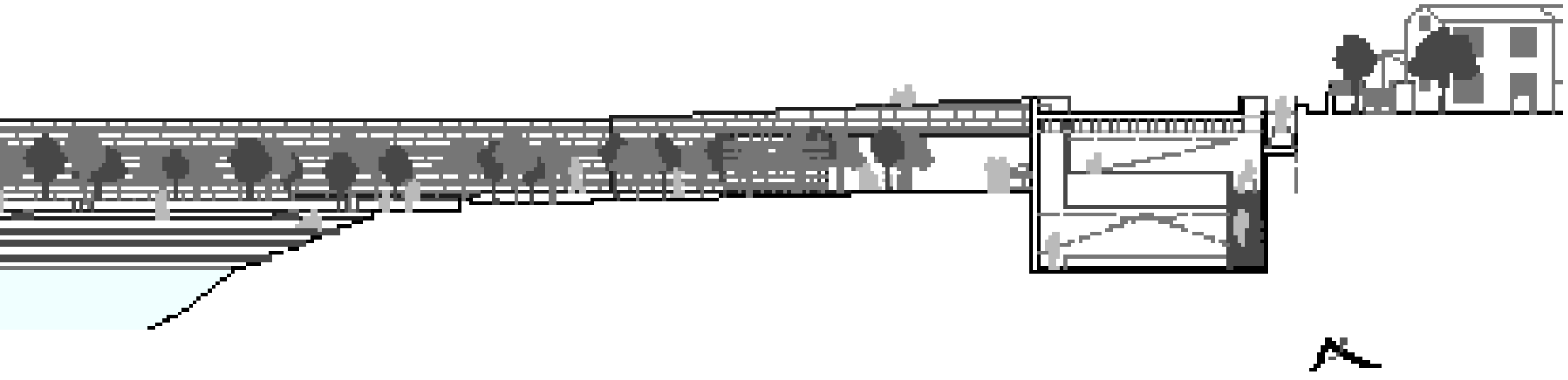
ESPAÇO DE TRABALHO

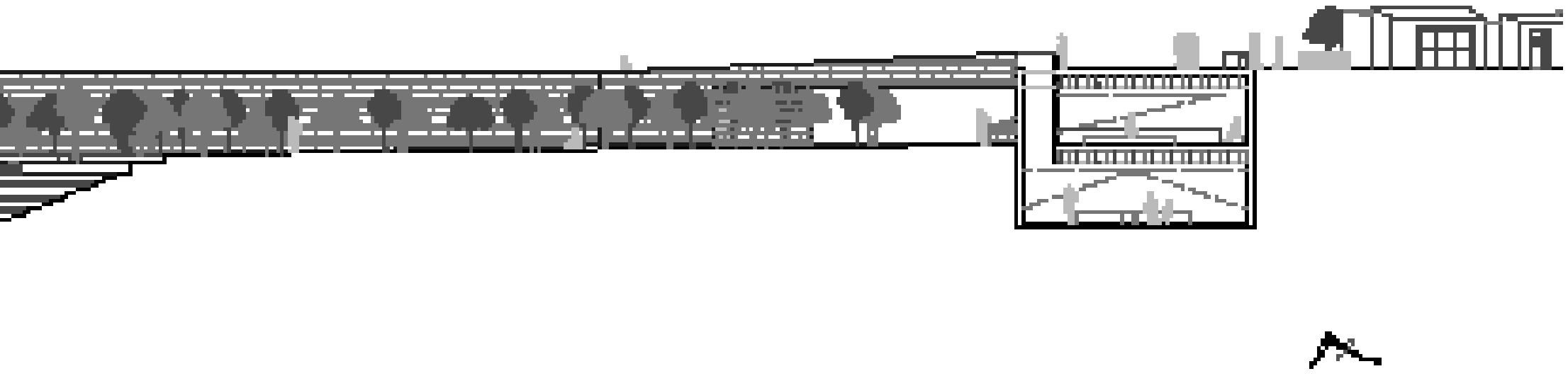
Localizado num outro volume, este é composto por uma vasta sala de trabalho que funciona como um open space; este pode ser dividido em pequenas salas através da abertura de painéis amovíveis de madeira. Neste espaço de trabalho pretende-se a partilha e troca de conhecimentos sobre o espaço português daí não possuir paredes que o dividam e sim estes painéis que possibilitam a alteração do espaço sempre que necessário. Nas paredes encontram-se os armários que albergam o arquivo fotográfico e outros trabalhos do território português. Estes ao anexarem-se às paredes pertencem à massa do edifício dando-lhe a espessura que poderia caracterizar um muro. Neste volume encontram-se ainda dois laboratorios de fotografia.



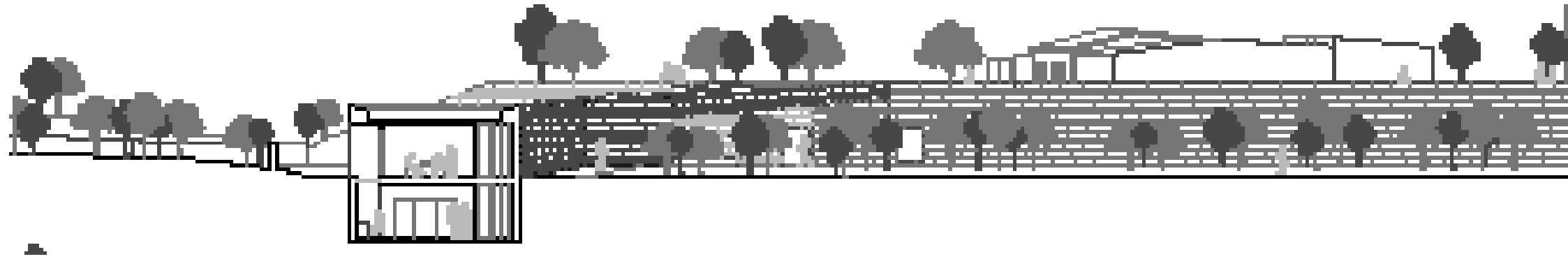


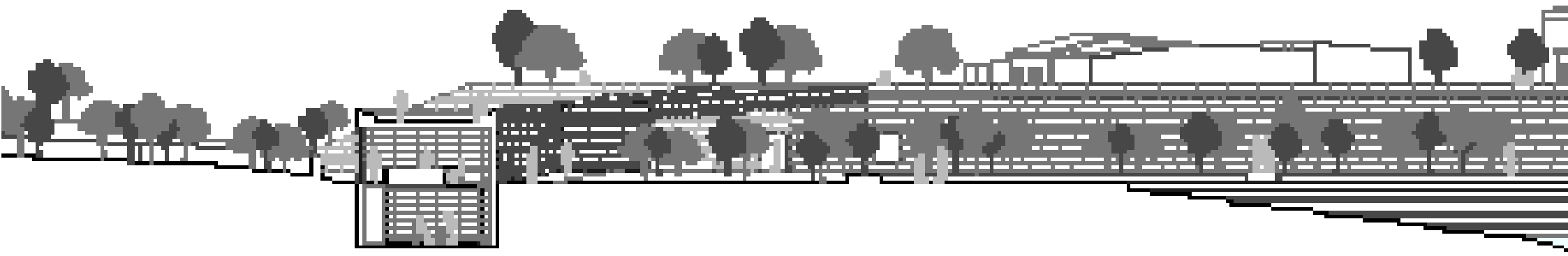


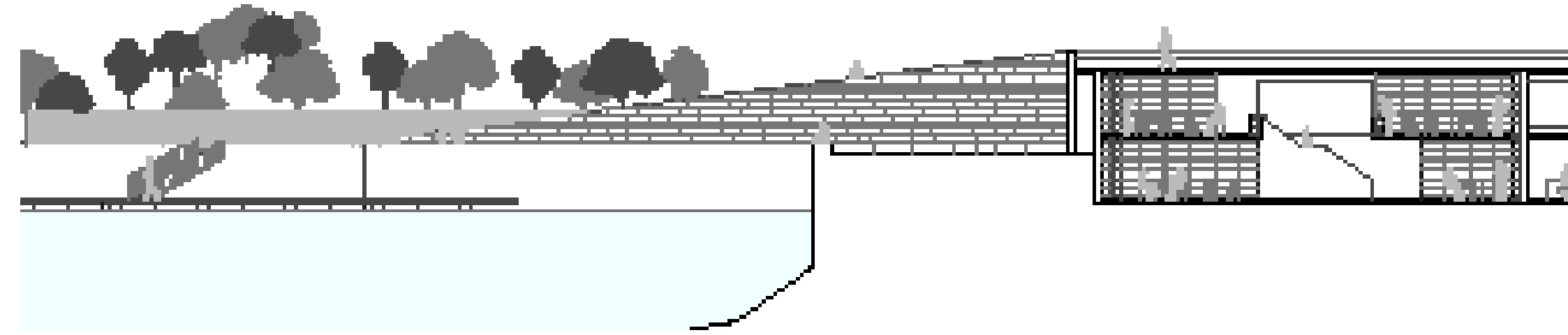


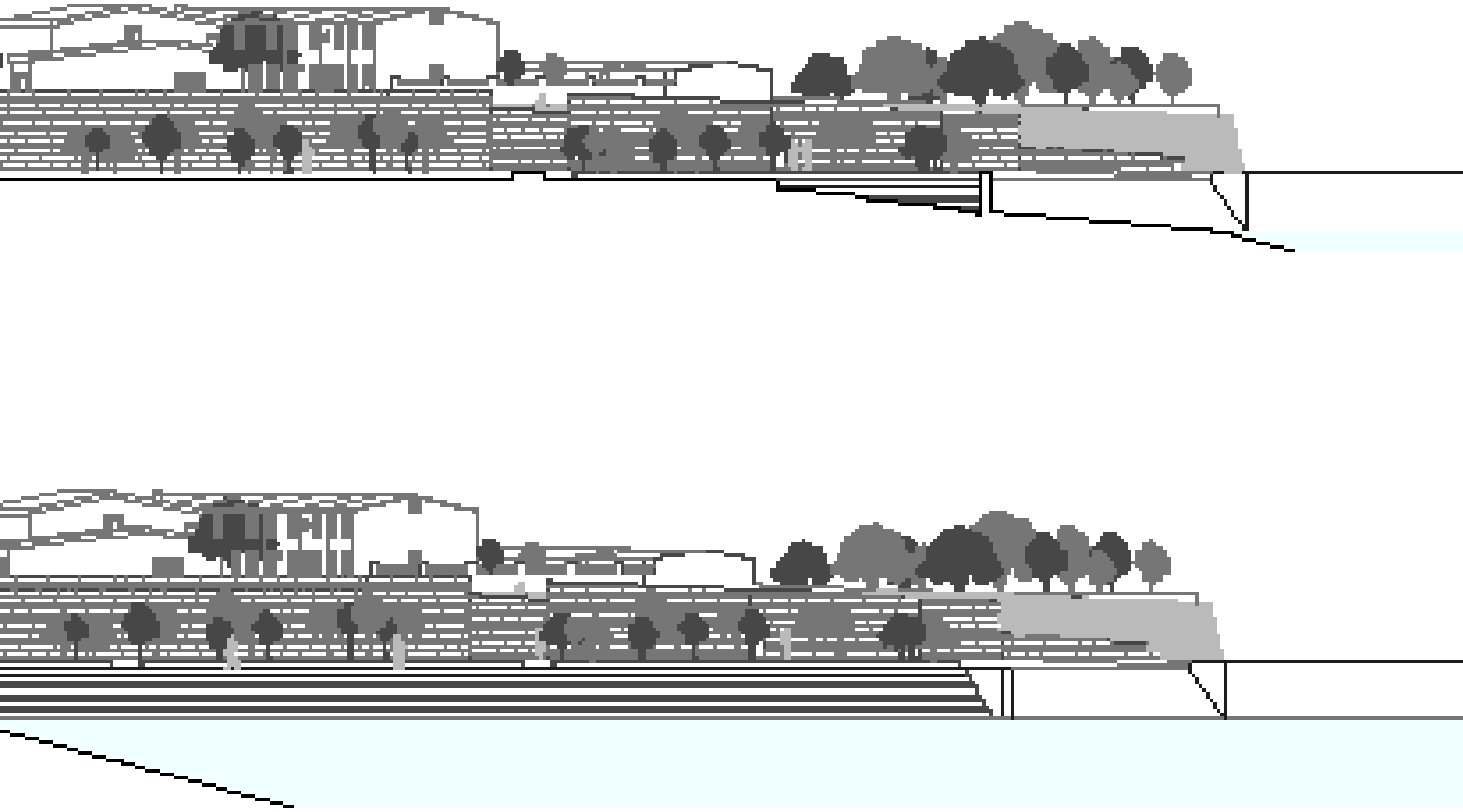


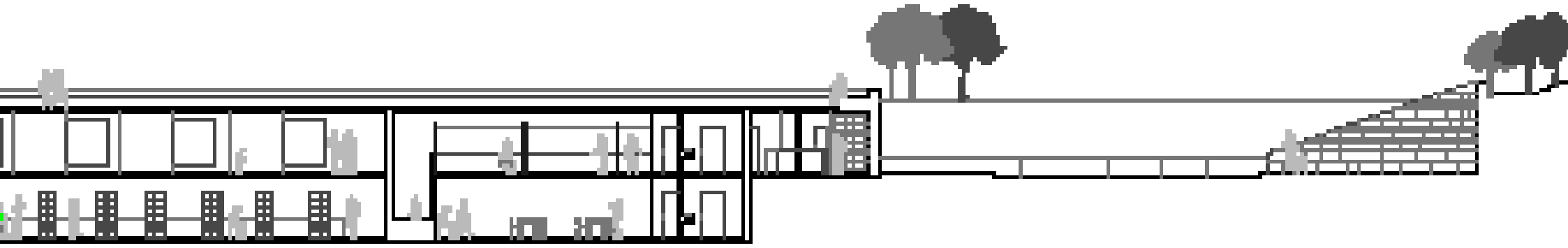


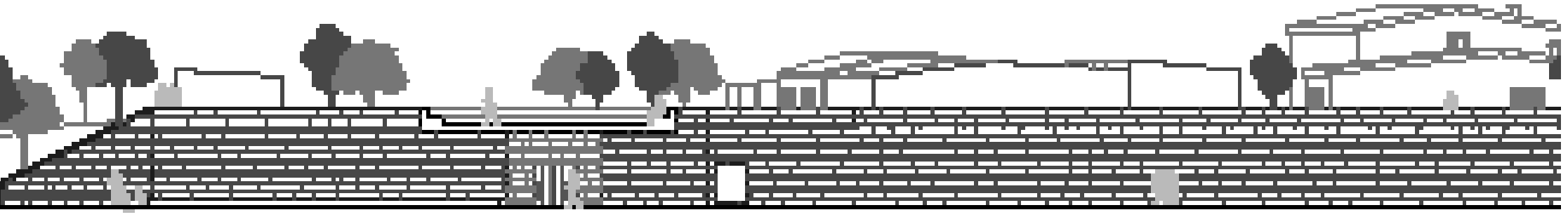


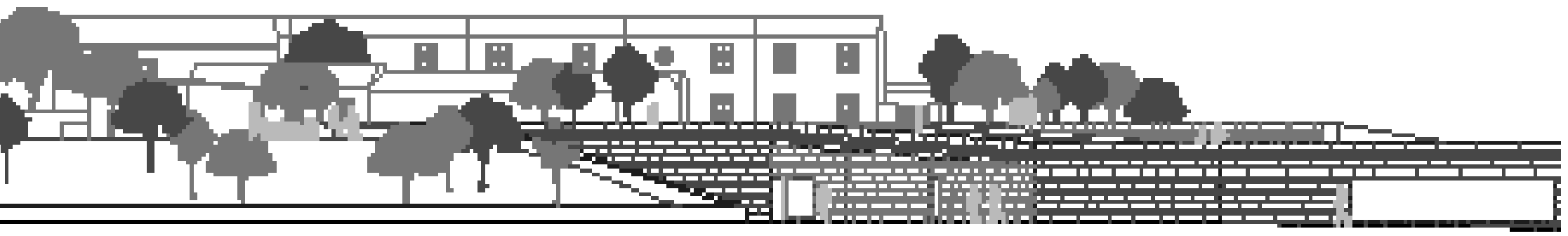


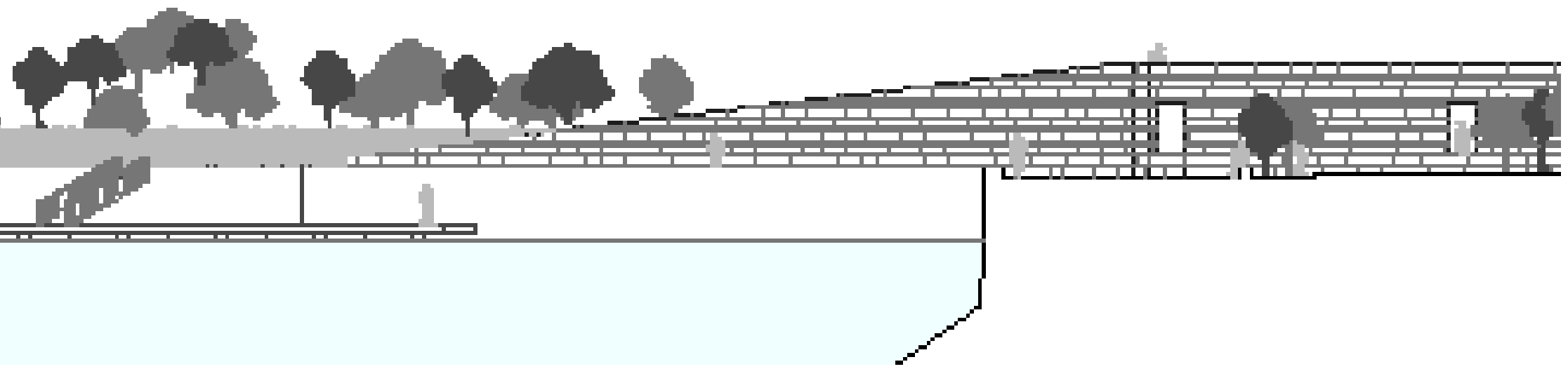


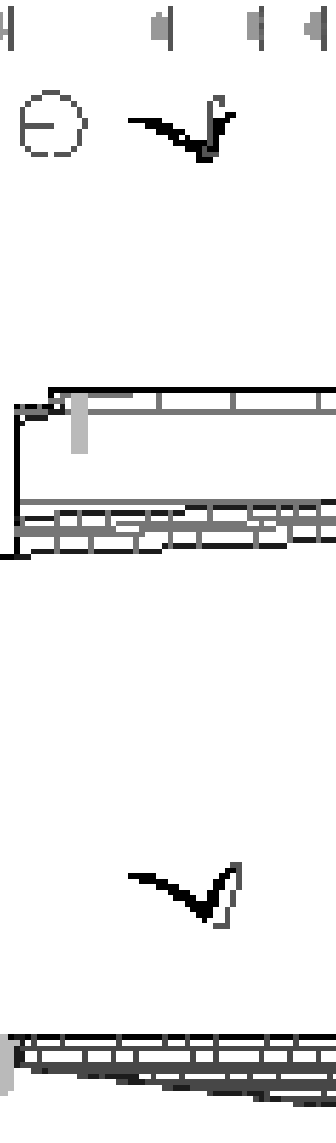


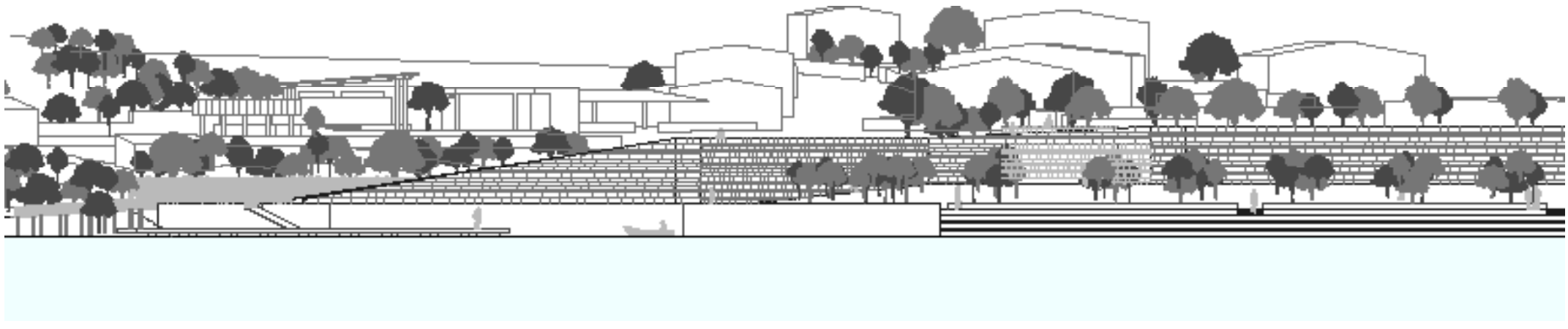


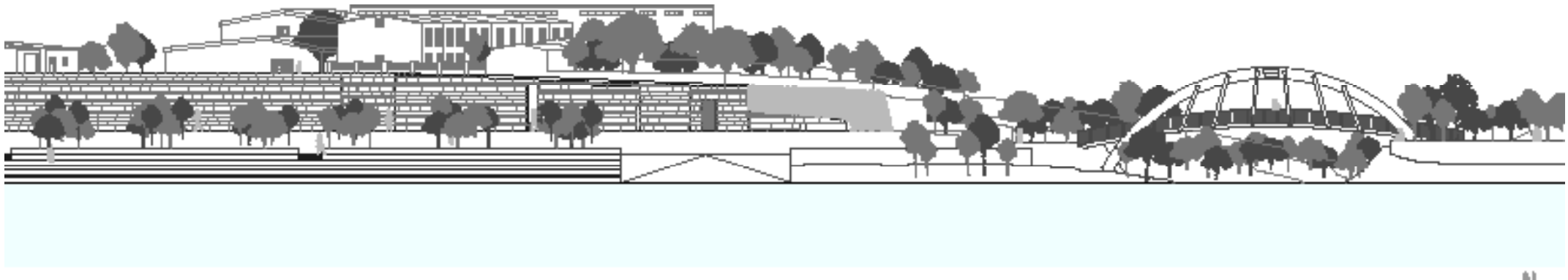












N

ALÇADO FRONTAL

0 5 10 25M



"Viajamos ao passo lento de quem aprende uma paisagem, de quem nela experimenta a solidão da sua própria condição, sobre uma superfície irregular, entre o céu e a terra. Por um trilho estreito chegamos a um ponto elevado. Ao fundo de um vale observamos um rio caudaloso, sobre um leito pedregoso. (…) Fazemos algumas fotografias. Queremos um dia, no futuro, aqui voltar. Nós ou outro alguém que regresse a esses lugares, que os fotografe, que os fixe na construção do passado e no questionar do futuro, no movimento simultâneo do desafio, fascínio e inquietude." Duarte Belo [70]

A viagem que realizámos nos últimos meses, descrita nestas páginas, aproxima-se do fim; no entanto, para os verdadeiros viajantes, esta ainda não terminou, está apenas agora a começar. O regresso às margens do Tejo, como ponto de partida para uma nova viagem – a do conhecimento do território português - leva-nos, pelos diferentes tempos que o constituem e produz um novo olhar, sobre os lugares que atravessamos, que fomos construindo e transformando. Nela experienciamos sensações tão distintas, como as de percorrer a paisagem por um trilho de pé posto, de ver ao longe um castelo, subir uma encosta, chegarmos ao topo e vermos o espaço que deixamos para trás, e, aquele que se segue; abeirarmo-nos do rio e tocar na água, sentir o sol a queimar a pele no Verão, ou o vento gélido de Inverno, procurar abrigo na sombra de uma árvore, ou na ruína de um antigo palheiro; caminhar por entre ruas, aldeias e vilas, percorrer caminhos, que outros já palmilharam há tantos séculos, por eles, seguir o rasto da história, conhecer os seus protagonistas, as gentes que povoam as suas margens, ouvir por elas, os relatos do passado e entender melhor porque é que tudo aconteceu e gerou o que hoje conhecemos.

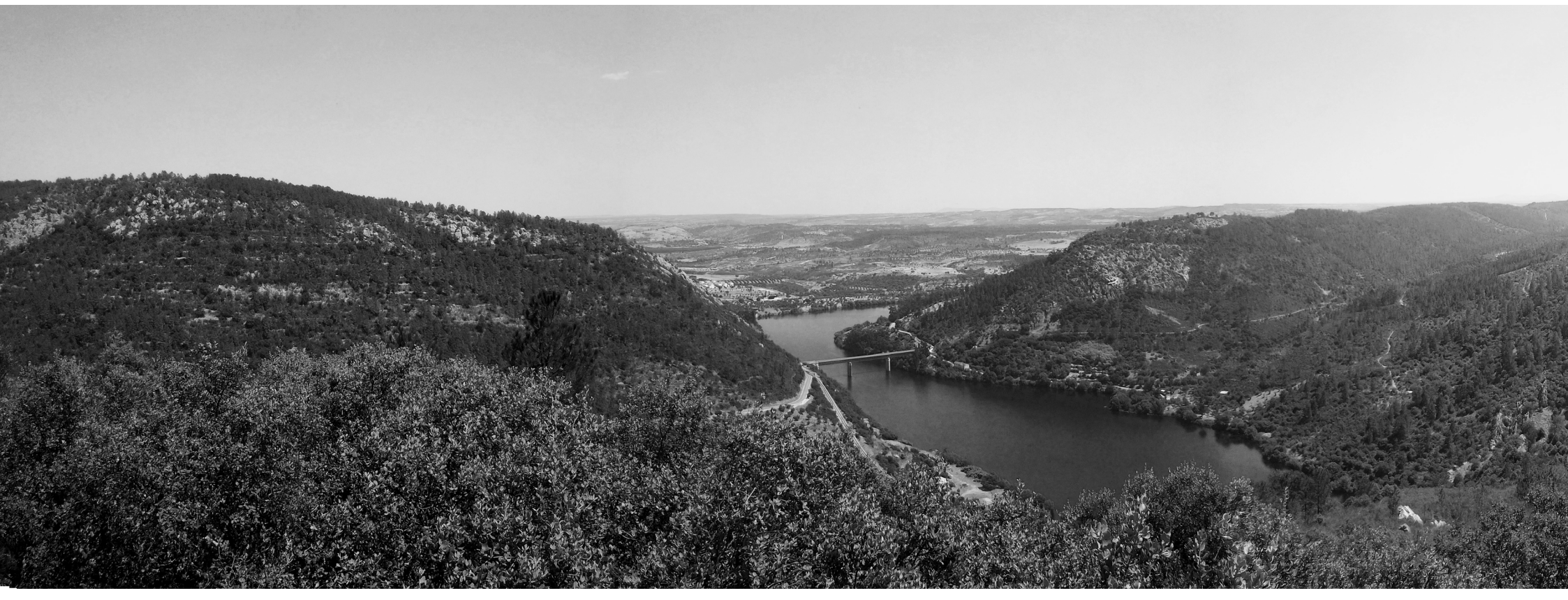
As propostas reflectem a maneira de pensar, ler e interpretar o território, e a compreensão, dos seus lugares, enquanto palimpsestos. Através desta forma de análise, adquirimos um conhecimento profundo sobre eles, que nos permitiu ter, uma maior compreensão sobre o que existe e existiu. Este conhecimento teve em si, a chave, para a transformação e regeneração destes lugares. Nesta leitura, descobrimos elementos que de outra forma poderiam continuar por redescobrir, ou passar despercebidos até desaparecerem: as ruínas de antigos palheiros, moinhos de água, lagares de azeite e os muros de sirga do Tejo. Estas construções nas margens do rio são memórias do passado, que se recuperam, e se recriam no presente, através de um novo gesto contemporâneo: as ruínas transformam-se em abrigos, e os muros de sirga são recriados num antigo porto fluvial, sob a forma do Centro de Investigação do Território Português.

Através da arquitectura, estabelece-se uma relação de continuidade entre o passado, e o presente, e revelam-se estes elementos que foram esquecidos, e apagados, pelo tempo e pela acção humana. A arquitectura surge assim, como o meio revelador da história, e através dela, encontramos a essência para a regeneração destes lugares. Estas intervenções funcionam como um todo, possibilitam uma compreensão mais atenta, e continua sobre o território: conectaram os diferentes tempos e elementos, que se encontram desarticulados ao longo do rio; oferecem-se como espaços de transição, onde é possível parar, contemplar, adquirir e partilhar, conhecimentos e vivências.

O outrora espaço do porto fluvial, onde se encontra o centro de investigação, torna-se novamente, num porto de chegada e partida; estes espaços não são o fim de uma viagem, mas o ponto de transição e o começo de outras. O mais importante nas viagens que se fazem, não é o tempo, a velocidade com que as fazemos ou, a chegada ao destino, mas sim, aquilo que dela apreendemos e levamos connosco, e os caminhos que se traçam, após o seu fim. O rio abre-nos a todos os rios e leva-nos a outras margens, a outras terras; daqui podemos tomar outras estradas, outros caminhos, que nos levam a outros percursos, a outras histórias pelo espaço português e, para o resto de nós.

Fig. 100
Barragem do Cabril, fotografia nº5556
de Orlando Ribeiro . 1954
Duarte Belo . 2011

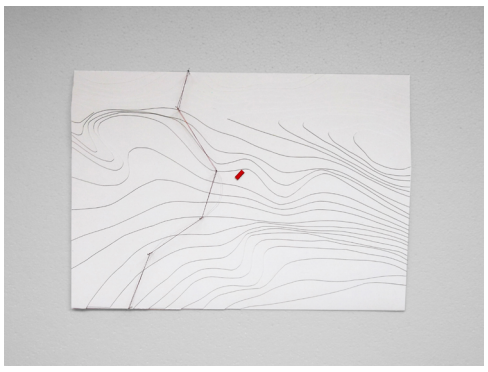
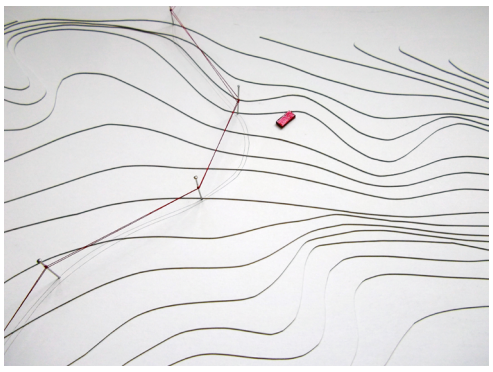
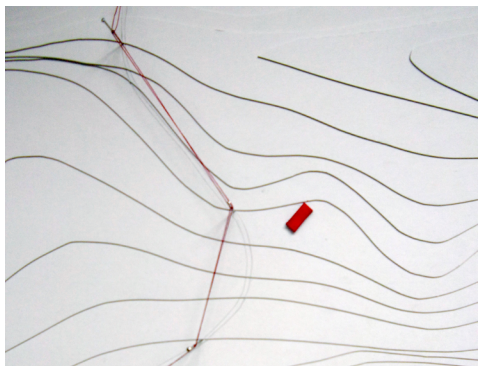
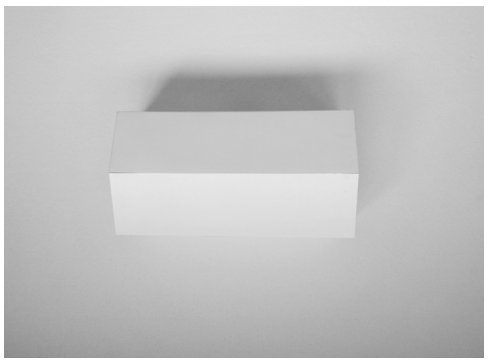
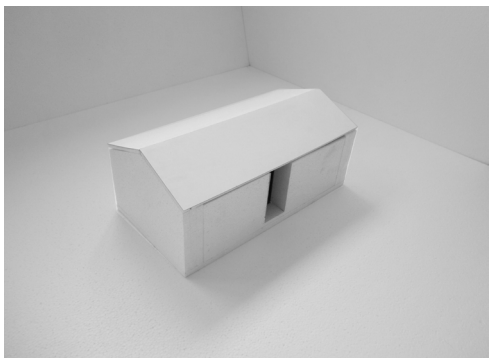
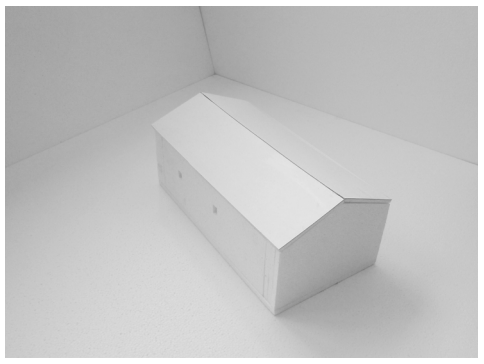
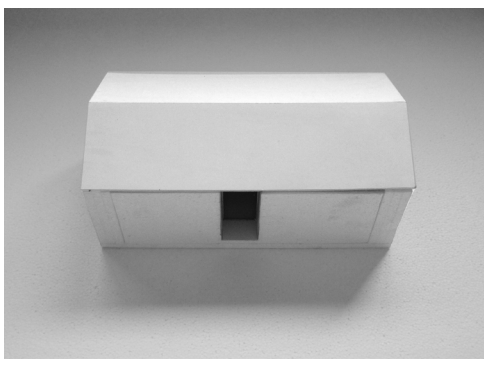
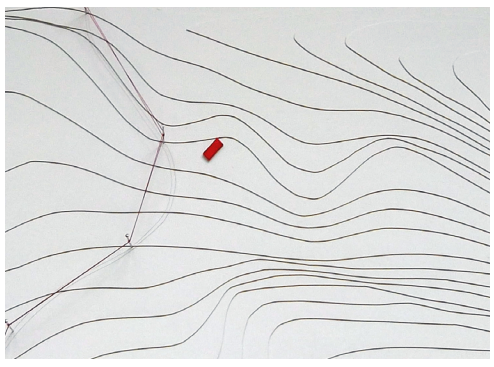
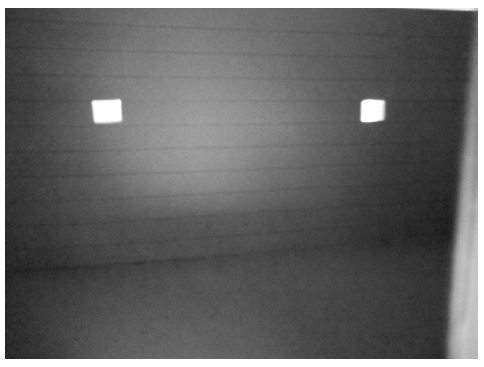
[70]BELO, Duarte. Portugal – Luz e Sombra, O País depois de Orlando Ribeiro. Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates, 2012.



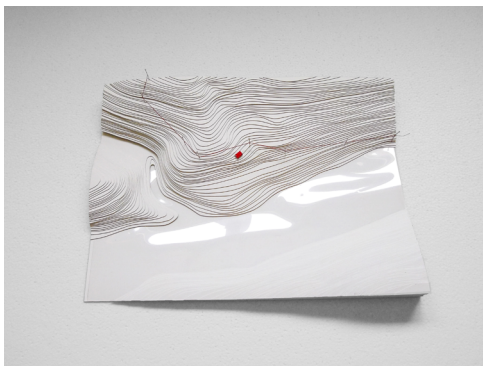


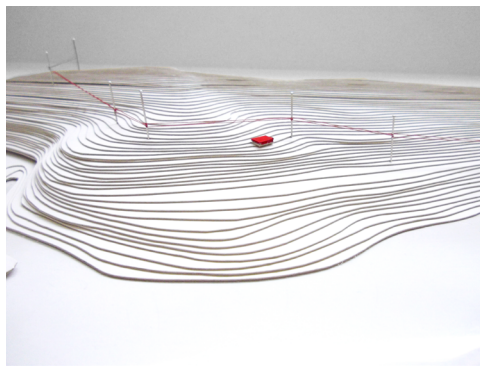
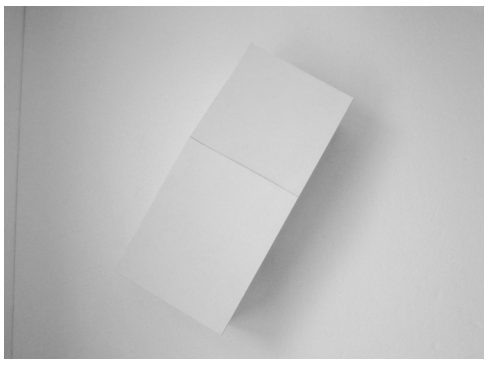
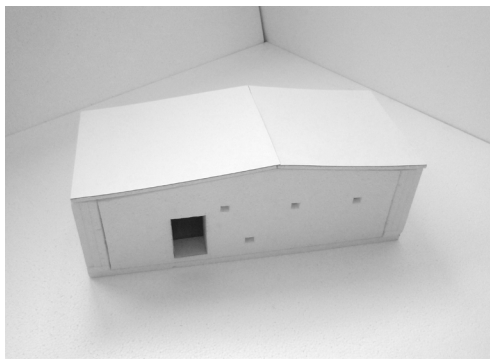
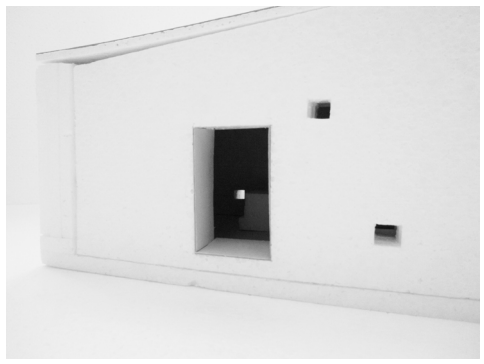
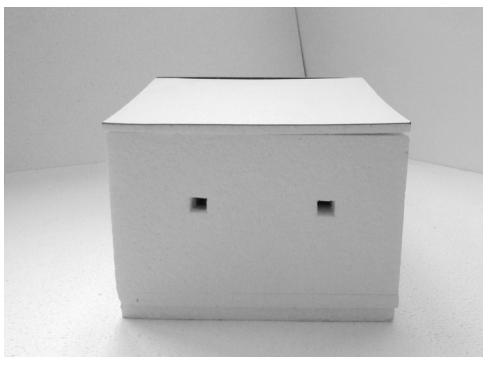
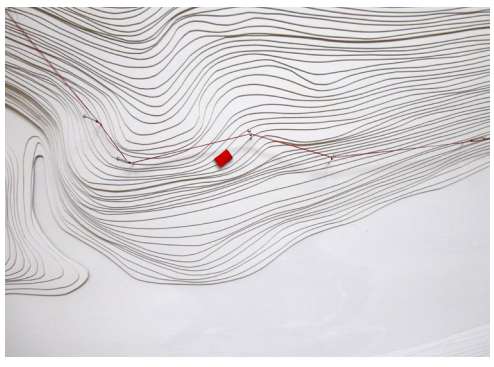
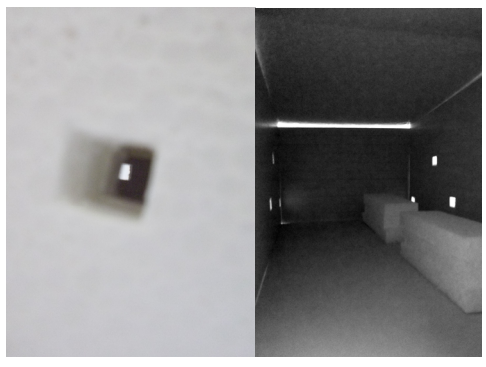
O fim do percurso. Portas de Rodão

MAQUETES | ABRIGOS E VILA VELHA DE RODÃO

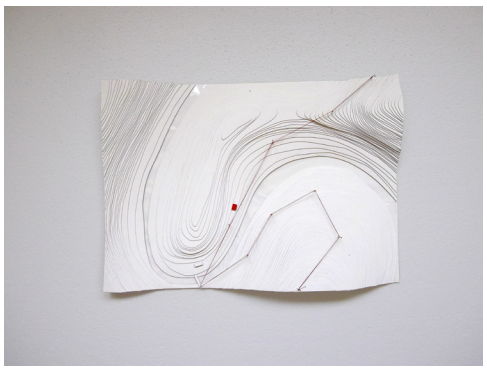










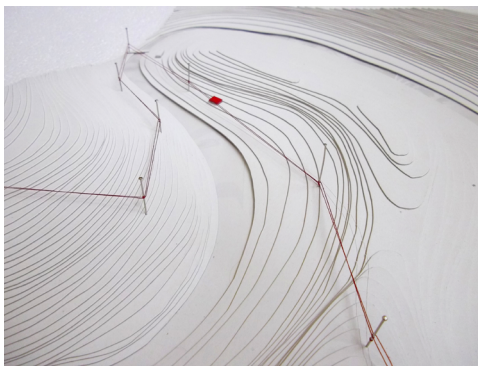
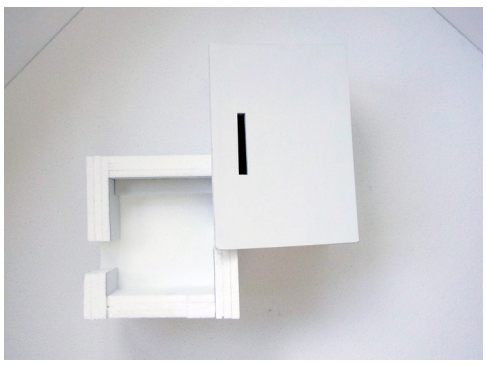
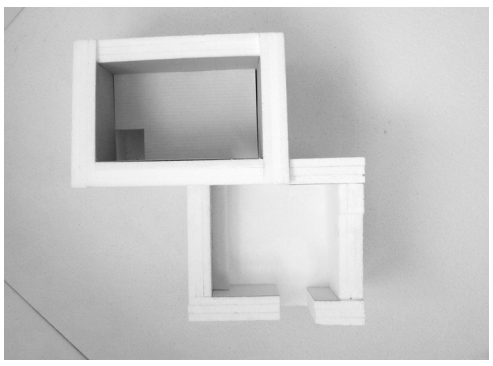
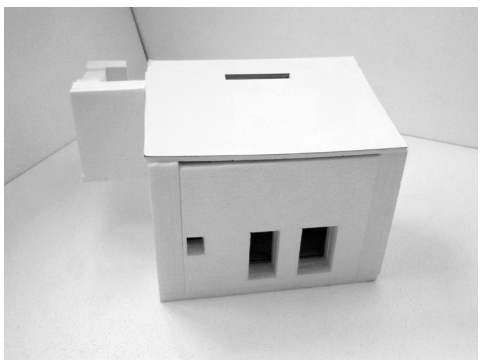
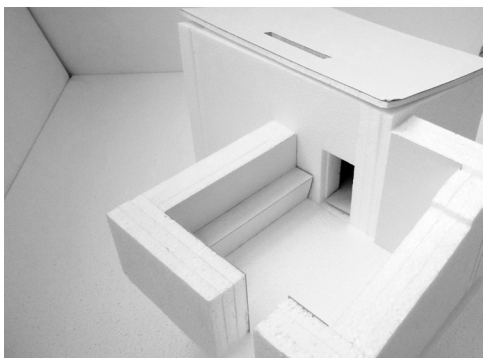
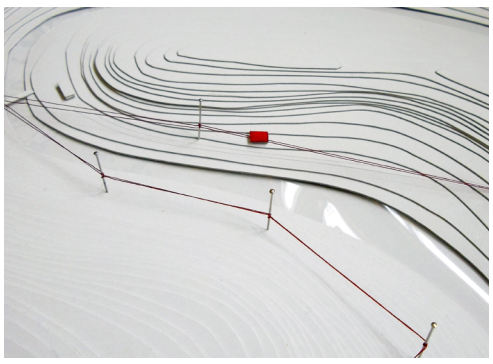
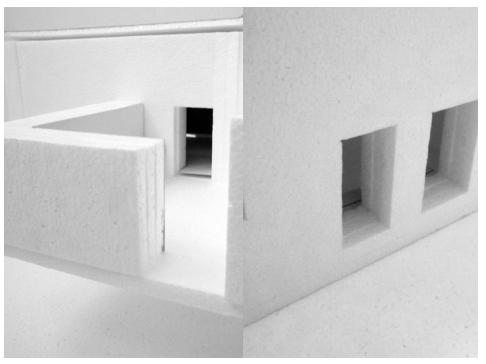
ABRIGO DA AMIEIRA DO TEJO



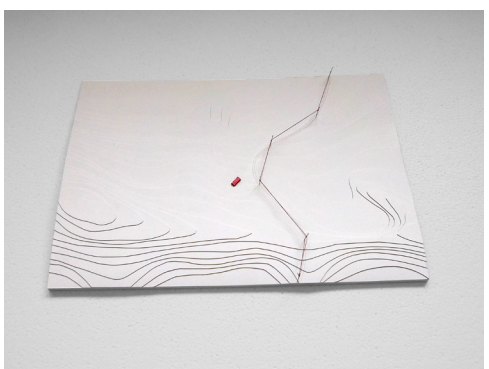
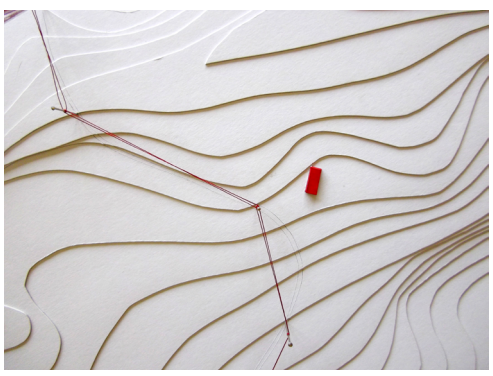
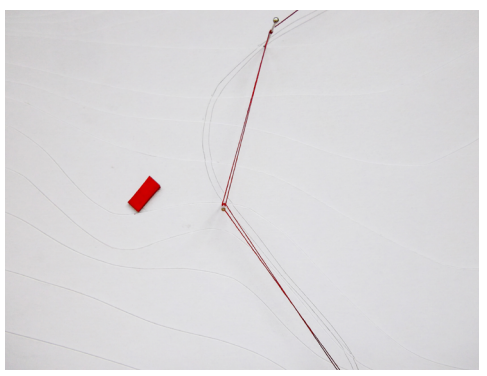
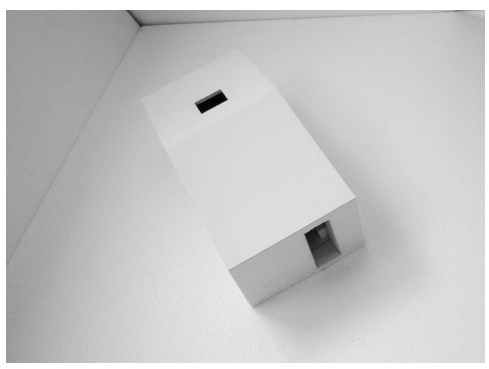
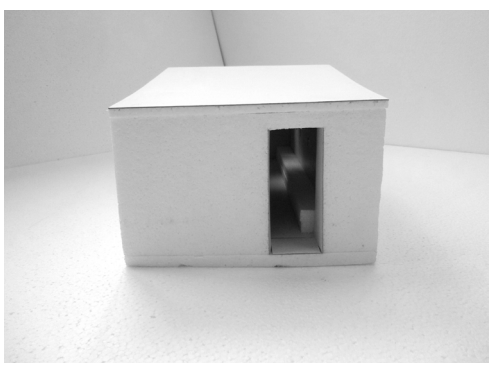
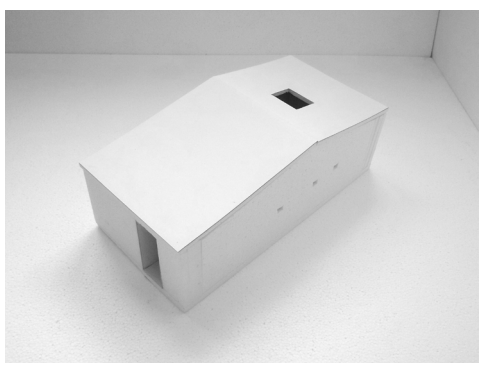
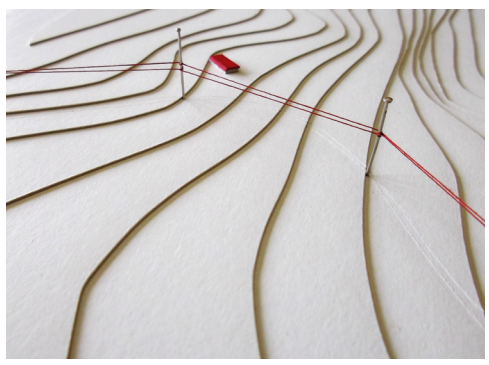
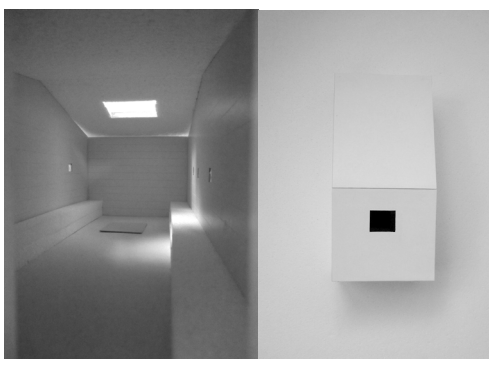
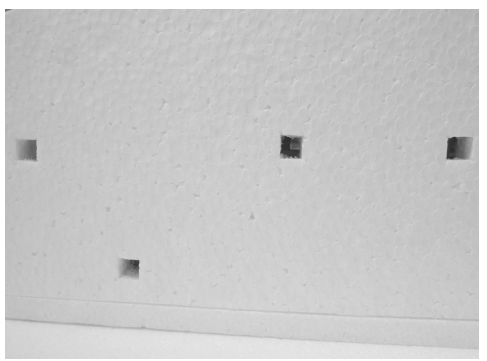








ABRIGO DA AMIEIRA DO TEJO

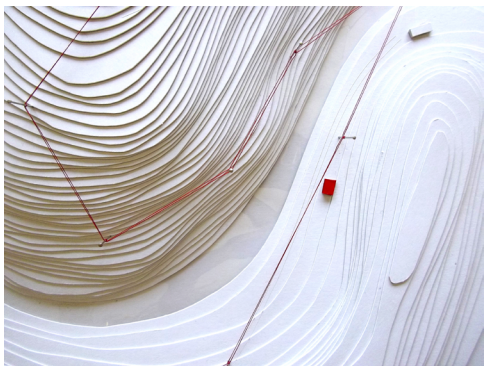
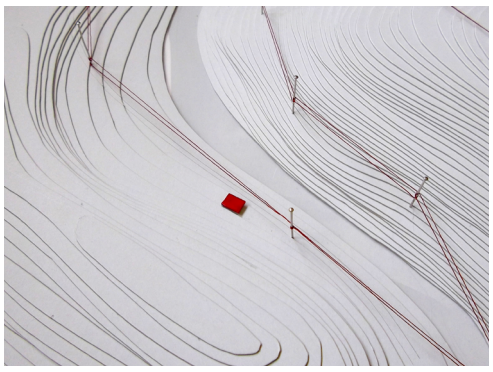


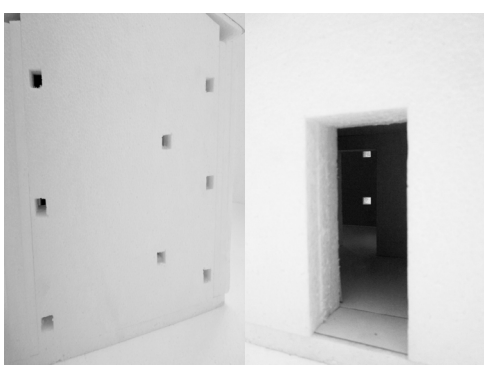
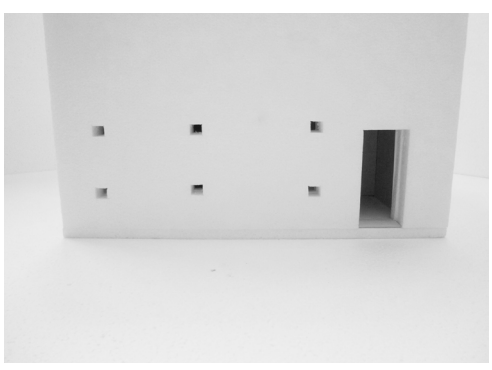
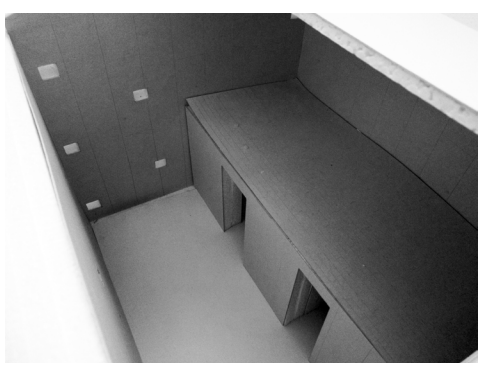








ABRIGO DA RIBEIRA DE FIGUEIRÓ

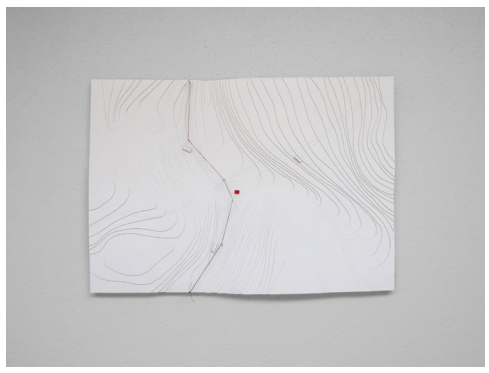
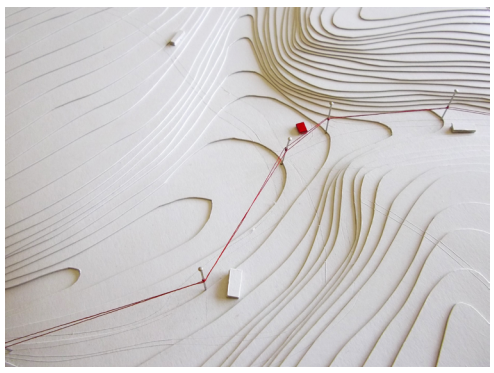










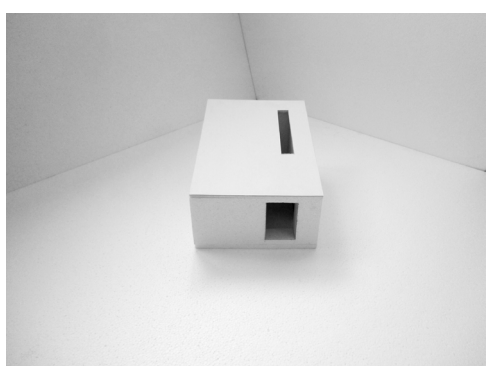
ABRIGO DOS MONTES MATOS

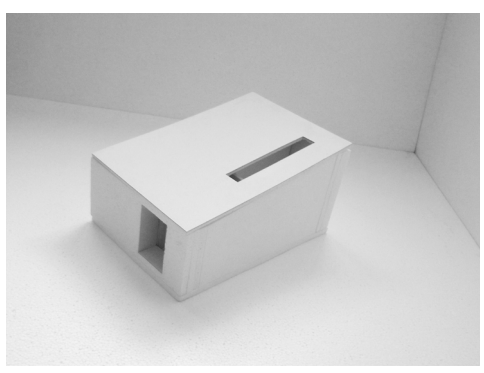
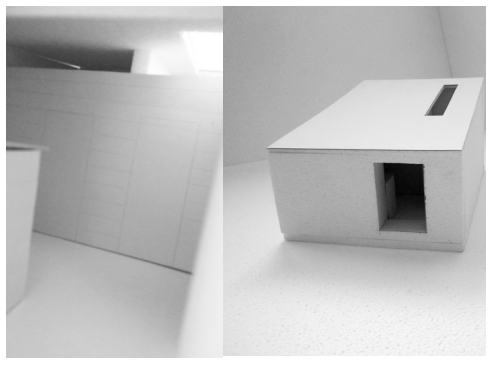
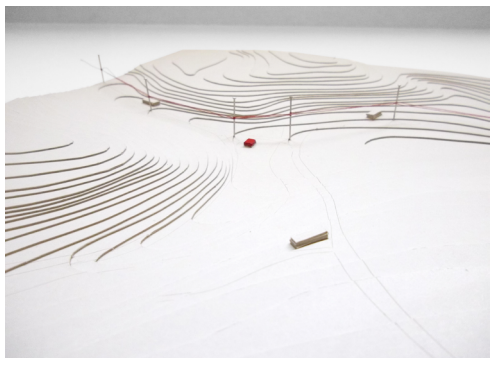
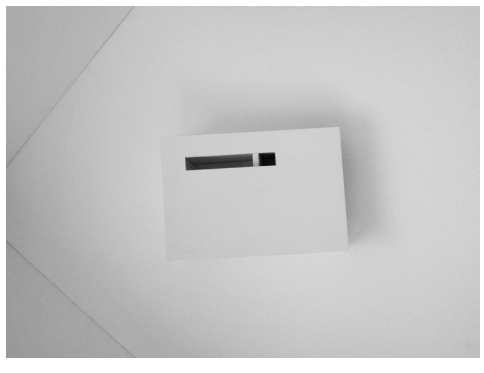



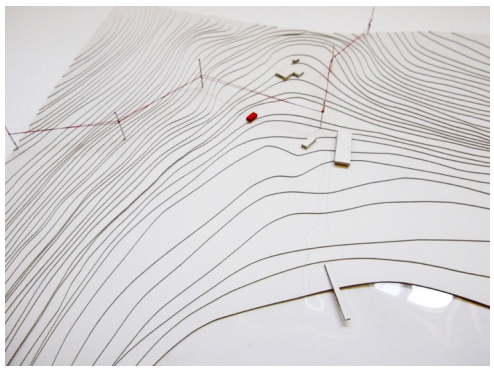
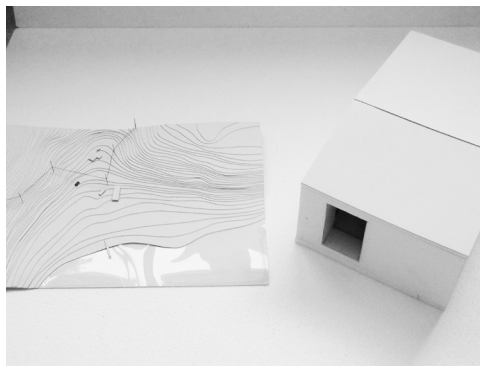
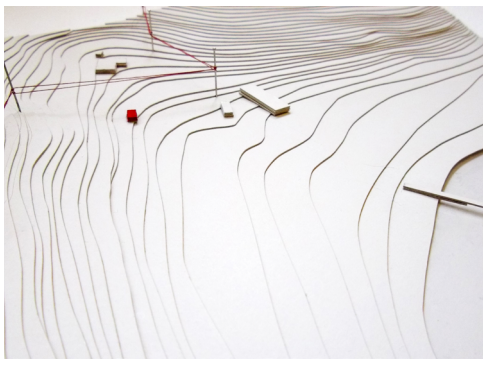
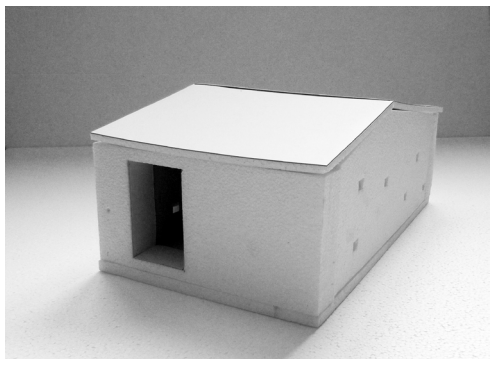
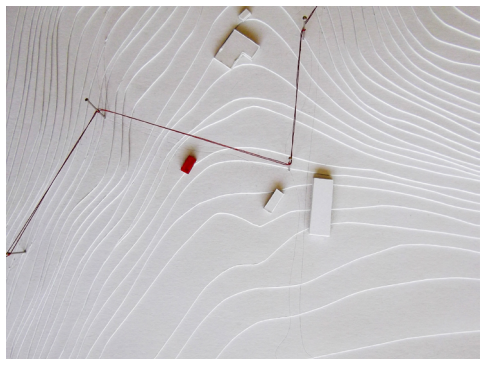
ABRIGO DA RIBEIRA DE NISA

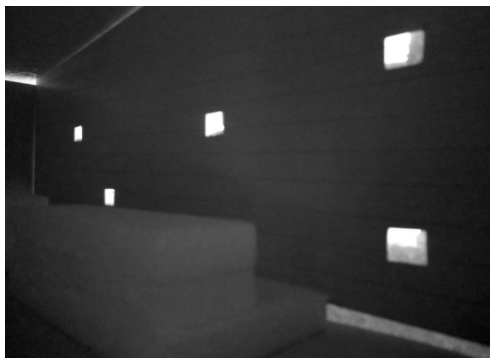
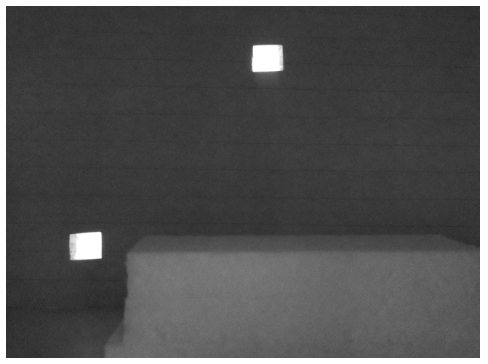





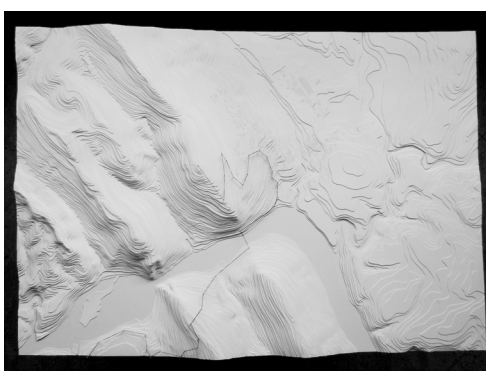
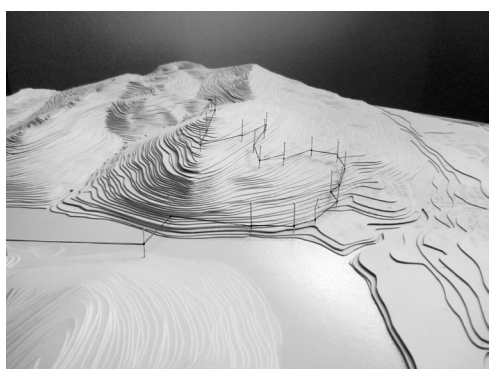





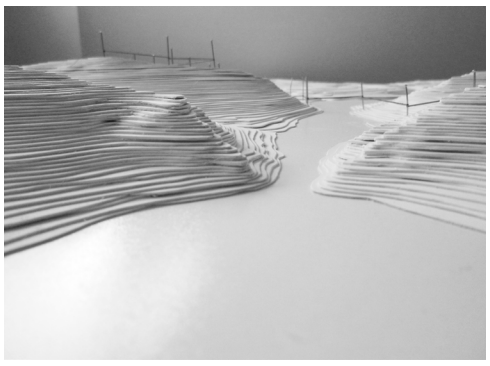
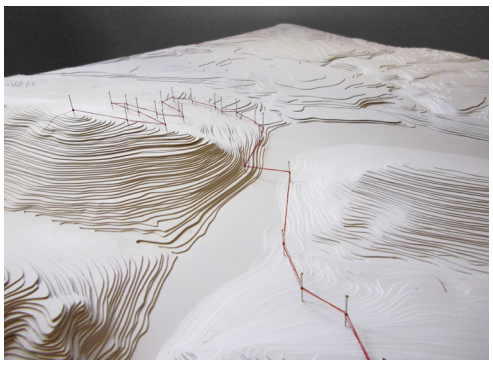
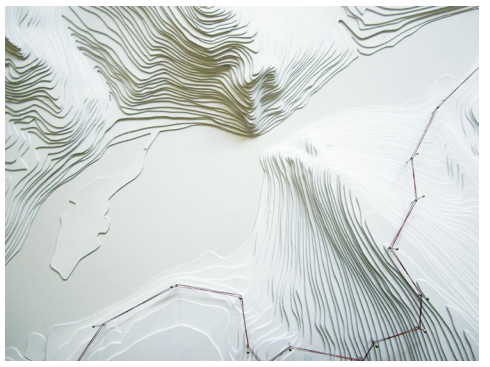
ABRIGO DO CONHAL DO ARNEIRO

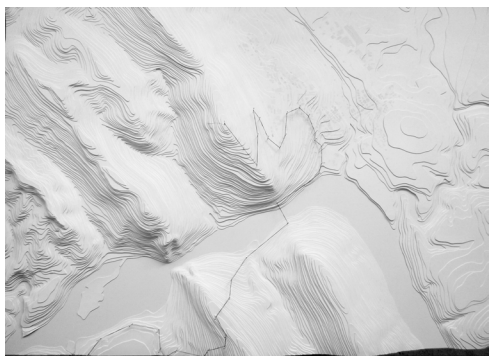
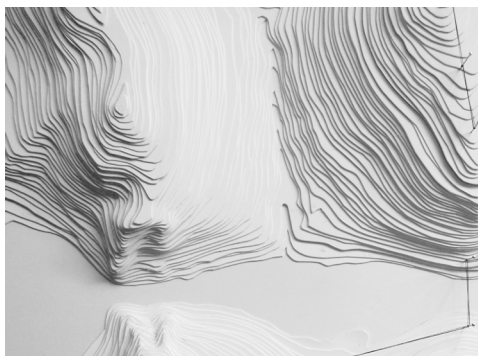







ABRIGO DAS PORTAS DE RODÃO

VILA VELHA DE RODÃO E PORTAS DE RODÃO

BIBLIOGRAFIA

AA VV. Atlas de Portugal. Lisboa: Instituto Geográfico Português, 2005. ISBN 972-8867-14-X

AA VV. Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

AA VV. Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996.

ALVES COSTA, Alexandre. Acções Patrimoniais – Perspectivas Críticas. Arqa – Arquitectura e Arte. ISSN 1647-077X. nº 82/83 (2010), p. 24-39

ALVES COSTA, Alexandre. A arte de construir a transformação. Património/ Estudos. [Em linha]. nº3 (2002). p. 124-127. [Consult. 27 Nov. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaestudospatrimonio/n3/Estudospatrimonio3.pdf>. ISSN 1645- 2453.

AUGÉ, Marc. El Tiempo en Ruinas. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003. ISBN 84-7432-993-0.

BATISTA, Graça. Vila Velha de Rodão: Viagens do Olhar. Vila Velha de Ródão: Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento, 2001. ISBN 972-98259-1-2

BELO, Duarte. Duarte Belo, a arte fotográfica ou uma poética da paisagem. Entrevista de José Eduardo Franco [Em Linha]. Letras com Vida, nº5, 2013 [Consult. 11 Maio 2014]. Disponível na internet: <URL: http://malomil.blogspot.pt/2014/01/duarte-belo-entrevista.html>.

BELO, Duarte. Uma cidade desenhada por um rio – Superfície. In Lisbon Ground. Lisboa : Direção Geral das Artes, 2012. ISBN 978-989-8518-01-9. P. 16-21

BELO, Duarte. O valor e o preço - Ler, fazer, caminhar 09. [Em Linha]. [Consult. 11 Maio 2014]. Disponível na internet: <URL: http://cidadeinfinita.blogspot.pt/2013_02_01_archive.html>.

BELO, Duarte. O vento Sobre a Terra – Apontamentos de viagens. [Em Linha]. [Consult. 2 Nov.2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.duartebelo.com/02-trabalhos/0202-trabalhos/0202_16-dbt0090-vento_sobre_a_terra/dbt0090_3ft.html>.

BELO, Duarte. Portugal – Luz e Sombra. O País depois de Orlando Ribeiro. Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates, 2012. ISBN 9789896441869

BELO, Duarte. Tejo. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal, 1995.

CANELAS, Lucinda. A arquitectura lida sempre com a memória, porque um lugar nunca é de um tempo só. In Público [Em Linha]. [Consult. 6 Maio 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.publico.pt/n1694616>.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013. ISBN 978-85-65985-16-1

CARRILHO DA GRAÇA, João. Carrilho da Graça: Lisboa. Porto: Dafne Editora, 2015. ISBN 978-989-8217-33-2

CASELLA, Gabriella. Gramáticas de Pedra – Levantamento de tipologias de construção murária. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003. ISBN 9729419434.

CIART - Centro Interpretação Arte Rupestre do Vale do Tejo. [Em Linha]. [Consult. 9 Jan. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://tejo-rupestre.com/ >.

CORBOZ, André. O Território como Palimpsesto. In Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010. ISBN 9789 896580650. P. 841-852
CORBUSIER, Le. A Viagem do Oriente. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. ISBN 9788575035634.
.
CORBOZ, André. O Território como Palimpsesto. In Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010. ISBN 9789 896580650. P. 841-852
CORBUSIER, Le. A Viagem do Oriente. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. ISBN 9788575035634.

Corografia del Rio Tajo. [Em linha]. [Consult. 7 Jan. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.ayto-toledo.org/archivo/imagenes/pym/corografias/corografia1641/riotajo.asp>.

CORREIA, Araújo. O Tejo. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 425 (1909). p. 15 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N425/N425_master/TiroeSportN425.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 426 (1909). p. 15 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N426/N426_master/TiroeSportN426.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 427 (1909). p. 15 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N427/N427_master/TiroeSportN427.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 429 (1909). p. 12 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N429/N429_master/TiroeSportN429.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 430 (1909). p. 14 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N430/N430_master/TiroeSportN430.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 432 (1909). p. 9 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N432/N432_master/TiroeSportN432.PDF >.

DE PORTUGAL a Hespanha pelo Tejo. Tiro e Sport - Revista quinzenal ilustrada de educação physica e actualidades. [Em Linha]. nº 433 (1909). p. 15 [Consultado em Janeiro 2015]. Disponível na Internet: URL:< http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/1909/N433/N433_master/TiroeSportN433.PDF >.

Definição de conheiras. [Em linha]. [Consultado em Janeiro 2016]. Disponível na Internet: URL:< http://www.jf-viladerei.pt/index.php/visite-nos/patrimonio-historico/conheiras >.

Definição de crista quartzítica. [Em linha]. [Consultado em Janeiro 2016]. Disponível na Internet: <URL: http://www.progeo.pt/cigc/glossario/crista_quartzitica.html>.

DIDI-HUBERMAN, Georges. ATLAS ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?. Madrid: TF Editores/ Museo Reina Sofía, 2010. PP. 224-421. ISBN: 978-84-8026-428-0

DIDI-HUBERMAN, Georges. ATLAS ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, catálogo on-line da exposição. [Em linha], 2010, p.1-8. [Consultado em 09-12-2014]. Disponível na Internet: http://www.museoreinasofia.es/sites/default/files/exposiciones/folletos/2010021-fol_es-002-Atlas.pdf

Duarte Belo – Blog Cidade Infinita. [Em Linha]. Disponível na Internet: <URL: < http://cidadeinfinita.blogspot.pt/ >.

Duarte Belo – [Em Linha]. Disponível na Internet: <URL: < http://www.duartebelo.com >.

DIONÍSIO, Santana; PROENÇA, Raul. Generalidades: Lisboa e arredores. In Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkien, 19-?-. ISBN 972-31-0544-6. Vol. I.

FLORES, Fernando. Vidas & Memórias [Em linha]. [Consult. 22 Out. 2014]. Disponível na internet:< URL: http://www.fratel.com/24/index.php?option=com_content&view=article&id=187:vidas-a-memorias&catid=48:slideshow&Itemid=44>.

GALHANO, Fernando. Moinhos e Azenhas de Portugal. Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos, 1978.

GASPAR, Jorge. Os Portos Fluviais do Tejo. In Finisterra [Em linha]. Volume 5, nº 10 (1970), p. 153-204. [Consult. 18 Set. 2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/1970-10/10_01.pdf>. ISSN 0430-5027.

GASPARINI, Graziano. Juan Bautista Antonelli - Gatteo 1527 - Toledo 1588 - La navegación fluvial en España. Los Antonelli, arquitectos de Gatteo. [Em linha]. [Consult. 8 Jan. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.provincia.fc.it/cultura/antonelli/ESP/StoriaAttivita/GiovanniBattistaAntonelli.html>.

Geopark Naturtejo Da Meseta Meridional. [Em Linha]. [Consult. 14 Maio 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.naturtejo.com/ >.

GOMES, Mário. Arte Rupestre do Vale do Tejo - Arqueologia no Vale do Tejo. Lisboa: IPPC, 1987. p.26-43

GOMES DA SILVA, João. O Viajante. In Jornal Arquitectos. nº 227, 2007. ISSN 0870-1504 P. 32-33

GUERRA, Manuel José Júlio. Estudos Chorographicos, Physicos e Hydrographicos da Bacia do Tejo comprehendida no Reino de Portugal acompanhados de projectos e descrição das obras tendentes ao melhoramento da navegação d'este rio e dos campos adjacentes [Em linha]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1861. [Consult. 21 Fev. 2015]. Disponível na internet: <URL: http://purl.pt/21846/4/ >.

GOULART, Ana. Espaço do Tempo - Montemor-o-Novo acolhe artes performativas. In Seara Nova [Em Linha]. nº 1712, 2010. [Consult. 17 Junho 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.searanova.publ.pt/pt/1712/cultura/168/ >.

GOUVEIA, Jorge. O Monumento Natural das Portas de Rodão. In Açafa [Em Linha] nº2, 2009. P. 14-18. [Consult. 22 Out. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.altotejo.org/acafa/docsn2/monumento_natural_das_portas_de_rodao.pdf>.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; SABROSA, Armando. As estruturas militares da Serra das Talhadas na passagem de Rodão (Vila Velha de Rodão e Nisa). Açafa. [Em Linha] nº1, 2008. [Consult. 22 Out. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://pt.calameo.com/read/001387109211e6276c3da >.

Horizonte Portugal. [Em Linha]. [Consult. 12 Out. 2013]. Disponível na internet: URL: http://www.horizonteportugal.org/

LARSEN, Janike Kampevold. Views. Norway Seen from the Road 1733-2020. Oslo: Press Publishing and The National Museum of Architecture. 2012

Listagem dos Percursos Pedestres. [Em Linha]. [Consult. 5 Nov. 2013]. Disponível na internet: URL: <http://www.fcmportugal.com/files/PercursosPedestres/2015_RNPP_PPHomologados%2021-12-2015.pdf>.

MAGALHÃES, Fátima. O Tejo na organização do espaço: Introdução. In Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. p.44-45

MARTINS, Oliveira. História de Portugal [Em linha]. Braga: Edições Vercial, 2010. [Consult. 22 Out. 2014]. Disponível na internet: <URL: http://pt.scribd.com/doc/191126256/Historia-de-Portugal-Oliveira-Martins-pdf>. ISBN 978-989-8392-60-2.

MATOSSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte. Portugal o Sabor da Terra: Um Retrato Histórico e Geográfico por Regiões. 2ªed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010. ISBN 978-989-644-099-2

Muro Sirga Belver. [Em Linha]. [Consultado 12 Nov. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.belver.org/vila/industrial.php >.

Monumento Natural das Portas de Rodão. [Em Linha]. [Consult. 13 Maio 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.icnf.pt/portal/ap/nac/mon-natur-portas-rodao>.

MOZOS, Manuel. Ruínas [Registo vídeo]. Lisboa: O Som e a Fúria, 2009. 1 DVD vídeo (60 min.): cor.

NABAIS, António. O Tejo na História: Introdução. In Navegando no Tejo. Lisboa: Minerva do Comércio, 1996. p. 15-16

Nisa - Carta Arqueológica. [Em Linha]. [Consultado em 24 Nov. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2963/1/carta%20arqueol%C3%B3gica%20de%20nisa.pdf>.

Nisa - PDM Infra-estruturas . [Em Linha]. [Consultado 15 Janeiro 2014]. Disponível na internet: <URL: http://www.cm-nisa.pt/pdm/VI_Infraestruturas.pdf >.

Parque Natural do Tejo Internacional. [Em Linha]. [Consult. 14 Maio 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pnti>.

Percursos Pedestres Nisa. [Em Linha]. [Consultado 1 Dez. 2013] Disponível na internet: <URL: http://www.cm-nisa.pt/desporto/guia_percursospedestres.pdf >.

Percursos Pedestres Vila Velha de Rodão. [Em Linha]. [Consultado 1 Dez. 2013] Disponível na internet: <URL: http://www.cm-vvrodao.pt/principal.php?cont=8&sub=93&letra=p&lg=1 >.

RAISON, Jean-Pierre; BLANC-PAMARD, Chantal. Paisagem. In ROMANO, Ruggiero (dir.) – Enciclopédia Einaudi: Região. – Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986. Vol.8, p. 138-160.
Reserva Natural do Estuário do Tejo. [Em Linha]. [Consult. 14 Maio 2015]. Disponível na internet: <URL: http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/rn/rnet >.

RIBEIRO, Orlando. Opúsculos Geográficos – Estudos Regionais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Volume VI, 1995.

RONCAYOLO, Marce. Território. In ROMANO, Ruggiero (dir.) – Enciclopédia Einaudi: Região. – Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986. Vol.8, p. 262-290

RUSKIN, John. The Lamp Of Memory. In The Seven Lamps of Architecture. London: George Allen, 1903. ISBN 978-0486261454.

SÁ FERNANDES. Introdução. In Guia do Tejo: Desde a Nascente à Foz. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2013. ISBN 978-972-98489-5-7

SERRÃO, Adriana. Filosofia da Paisagem- Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. ISBN 9789728531966

SILVA, José Ribeiro da. Ribeiro, Manuel. Os Comboios em Portugal. Lisboa: Terramar, Volume III, 2007. ISBN 9789727104086

SIZA, Teresa; GASPAR, Jorge; DAVEAU, Suzanne. Finisterra - Imagens de Orlando Ribeiro. Coimbra: Encontros de Fotografia, 1994.

Tejo Rupestre. [Em Linha]. [Consultado 22 Nov. 2013]. Disponível na internet: <URL: http://tejo-rupestre.com/?page_id=39>.

VEIGA, João. Os mais Belos Rios de Portugal. 3ªed. Lisboa: Editorial Verbo, 2000. ISBN 972-22-1540-X